

Humberto Aparecido de Oliveira [Guido 942]

A LINGUAGEM POÉTICA EM VICO
A Construção do Conhecimento

Este exemplar corresponde à
redação final da Dissertação
defendida por Humberto Aparecido
de Oliveira Guido e aprovada
pela Comissão Julgadora em

Data:- 28-02-94

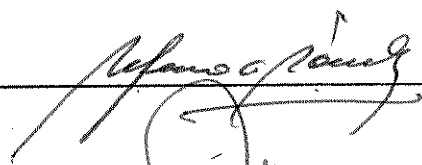
Assinatura:-

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
1994



Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na Área de Concentração: Filosofia e História da Educação à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Hermas Gonçalves Arana. t

Comissão Julgadora:-



Antonio Carlos Bergs

A

José Galdino,
meu pai;
Cecília Aleixo,
minha mãe;

Na istrada dos disingano
andei de noite e de dia
iludido percurando
aprende o qui num sabia
quando eu era moço um dia
arrisurvi sai andando
pula a istrada da aligria
a aligria percurando
corri doido atrais dela
entro ano saiu ano
bati mais de mil cancela
na istrada dos disingano.

(Xangai)

RESUMO

A Filosofia Moderna foi o ponto de partida desta investigação. Para isto foi importante investigar também as raízes do pensamento moderno através da abordagem do humanismo renascentista. Esta primeira parte do trabalho tem a finalidade de oferecer o ambiente cultural em que viveu Giambattista Vico (1668-1744).

Vico dedicou-se aos estudos da história, do direito natural e da filologia, relacionando estes vários campos do saber à filosofia. Seu objetivo era demonstrar as várias fases de desenvolvimento da mente humana e aquilo que era próprio a cada idade.

A linguagem poética é a expressão de um saber pré-reflexivo, anterior ao raciocínio lógico. Esta forma de linguagem é própria de uma sabedoria também poética, momento em que a percepção e a imaginação atuam com maior intensidade sobre o intelecto humano. A linguagem poética é a base sobre a qual se constrói o conhecimento lógico.

Passando do campo histórico para o campo epistemológico, a linguagem poética é própria das crianças e dos adolescentes, ela é o caminho para se chegar à reflexão filosófica durante a juventude.

Para os modernos, as discussões no campo da linguagem estavam diretamente ligadas às novas formas de escolarização e, aos respectivos métodos pedagógicos que surgiam em meio às mudanças sócio-econômicas. A reflexão sobre a linguagem oferece novos elementos para repensarmos a influência dos métodos modernos sobre o pensamento pedagógico atual, bem como as distorções sofridas por estes métodos ao longo dos séculos.

Lista das Obras de Vico
Utilizadas nesta dissertação

- Il metodo degli studi del tempo nostro (1709)
(O método dos estudos do nosso tempo)
- Dell' antichissima sapienza italica (1710)
(Da antiqüíssima sabedoria itálica)
- Autobiografia (1725)
- Carteggio (1720-1740)
(Correspondência)
- Principj di Scienza nuova (1744)
(Princípios de Ciência Nova)

Todas as traduções para o português que aparecem citadas no texto foram feitas por mim. Para a tradução da *Ciência Nova*, nos momentos de dúvida recorri às traduções feitas para o português por Antonio Lázaro de Almeida Prado (Coleção os Pensadores) e Denise Bottmann - "Idéia da obra" e "Dos elementos".

A professora Denise Bottmann, quando da sua estada no IFCH/UNICAMP, também me auxiliou na interpretação do texto da *Ciência Nova*, esclarecendo as dúvidas e corrigindo os desvios.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
-----------------	----

CAPÍTULO I

O contexto filosófico europeu e a formação intelectual de Vico.....	18
- A passagem do Humanismo para a Filosofia Moderna.....	22
- A nova filosofia na Itália da nova ciência.....	43
- O lugar de Vico na Filosofia Moderna.....	56

CAPÍTULO II

Vico entre os antigos e os modernos.....	72
- A crítica à filosofia cartesiana.....	78
- A história cíclica.....	94

CAPÍTULO III

A linguagem poética e a construção do conhecimento...	115
---	-----

CAPÍTULO IV

O pensamento pedagógico de Vico.....	153
- A crítica aos manuais de Port-Royal.....	157
- Os humanistas e o método pedagógico.....	166
- O pensamento pedagógico de Vico.....	179
CONCLUSÃO.....	193
BIBLIOGRAFIA.....	196

INTRODUÇÃO

Esta dissertação está voltada para o estudo do sistema filosófico de Giambattista Vico (1668-1744), tendo em vista a análise do elemento pedagógico implícito em seu discurso filosófico.

O trabalho desenvolvido foi o de acompanhar a trajetória do pensamento de Vico, iniciado com um pequeno livro de caráter pedagógico, que polemizava em torno dos métodos de estudos da época, até a obra final, com um conteúdo mais eclético, envolvendo várias áreas do conhecimento: basicamente a filosofia, o direito natural, a filosofia e a história.

Tendo como objetivo principal a busca dos pressupostos pedagógicos existentes nas obras de Vico, o desenvolvimento da dissertação foi realizado sobre a análise dos dois primeiros livros mais a sua autobiografia e a *Ciência Nova*, em sua última edição de 1744.

O estudo das obras a partir do objetivo central conduziu a pesquisa para a exploração de dois objetivos específicos, sendo eles a concepção de linguagem poética e o

ensino da filosofia, que, por sua vez, implica uma reflexão ainda maior, ou seja, a preocupação com o método pedagógico.

Para a execução do trabalho fiz um levantamento inicial do período em que Vico viveu e escreveu as suas obras. Posteriormente percebi que era necessário fazer uma abordagem e contextualização do Humanismo, passando pelo Renascimento, para culminar com a Filosofia Moderna.

Neste levantamento de época procurei analisar o conceito de linguagem dos humanistas e aquele dos modernos. Concluo esta primeira parte justamente com uma breve apresentação de Vico, situando-o entre a filosofia e a ciência, entre o humanismo e a modernidade, uma vez que "a cultura européia dos séculos XVII e XVIII viveu, portanto contradições intensas que permitiram a Vico ser polemicamente anticartesiano em 1700" (BOSI, 1977:197).

Na segunda parte do trabalho, apresento inicialmente uma rápida exposição da formulação negativa do sistema filosófico de Vico, assim denominada por ele próprio, em função das críticas que ele dirigiu às várias doutrinas do direito natural e à física cartesiana. Em seguida, passo a expor a sua teoria da história, que constitui-se como parte da formulação positiva do seu sistema filosófico.

A linguagem poética surge no terceiro capítulo. Esta expressão está diretamente ligada à sabedoria poética; ambas inicialmente tiveram um sentido de sabedoria oculta e reflexiva dos antigos, para a partir da *Ciência Nova*, adquirir o seu

sentido próprio, de que esta sabedoria e esta linguagem foram produto de uma época que se fez distante e teve início pelas limitações da mente humana, que não sendo capaz de entender o mundo, formulou uma explicação fantástica sob forma mítica daquilo que desconhecia as causas.

Procurei levantar as implicações que as idéias de Vico oferecem para o filosofar, isto é, de que existe um longo caminho a ser percorrido até se chegar à filosofia. A trajetória é a base para a construção do conhecimento e a linguagem poética é a base para as abstrações da mente humana.

O último capítulo é ainda muito provisório, pretendo retomá-lo em investigações futuras. Procurei fazer uma reflexão sobre as idéias pedagógicas que encontramos no período que vai do humanismo até os primórdios do iluminismo.

As idéias pedagógicas de Vico foram analisadas ao lado de alguns métodos significativos daquele período histórico: o *Ratio studiorum*, a *Didática magna* e a *Lógica de Port-Royal*. Nesta análise comparativa busquei estabelecer algumas relações entre as quatro posições sobre o ensino, ao mesmo tempo que tentei identificar as grandes diferenças entre elas.

O ponto de união entre as várias formulações modernas sobre o método pedagógico é a importância da língua, implicando no estudo da gramática. Tento concluir esta minha reflexão sobre a importância que as idéias modernas do método pedagógico podem trazer para a continuidade do nosso debate pedagógico, em busca de soluções seguras e apropriadas para os problemas que a

realidade educacional nos apresenta.

O estudo das obras anteriores à *Ciência Nova* foi feito através de traduções do latim para o italiano elaboradas e comentadas por Fausto Nicolli. A última obra foi escrita em italiano, optei por trabalhar com uma edição organizada por Paolo Rossi.

Para a análise das obras, além de alguns ensaios feitos por Nicolini, priorizei o trabalho a partir de ensaios e livros produzidos por Paolo Rossi, professor de História da Filosofia na Universidade de Florença, que há muito tempo vem trabalhando em torno do pensamento de Vico, oferecendo novas interpretações da sua vida e da sua obra. A opção por Rossi se fez em vista da atualização da discussão em torno da filosofia de Vico.

Além desses autores foi de grande importância o contato com os estudos realizados por outros críticos italianos deste século, entre eles Mario Fubini, Enzo Paci, Francisco Amerio e Eugenio Garin.

A partir da segunda metade deste século iniciou-se nos Estados Unidos da América um grupo de estudos sobre a obra de Vico, graças aos esforços de Giorgio Tagliacozzo e Leon Pompa; além destes merecem ser lembrados Michael Mooney, Thomas Goddard Bergin e Max Hardold Fisch, os dois últimos responsáveis pela tradução da *Ciência Nova* para o inglês. Importante lembrar ainda a contribuição dada por sir Isaiah Berlin através de seus estudos aproximando Vico do Romantismo alemão.

Apesar da escassez de traduções para a língua portuguesa, tanto das obras de Vico quanto dos estudos sobre estas obras¹, foi possível o levantamento de um material considerável em língua estrangeira, e a partir daí foi desenvolvida esta pesquisa bibliográfica que tinha a finalidade de focar a linguagem poética, expressão de uma sabedoria também poética que antecede o estágio plenamente racional da reflexão filosófica. Espero que este trabalho venha contribuir com a reflexão sobre a pedagogia moderna e também para a divulgação das idéias de Vico em nosso meio universitário.

A descoberta de Vico aconteceu em 1987, em uma conversa de bar com o grande amigo Moacir Bortolozo, hoje professor da Universidade Federal de Uberlândia, que me indicou a leitura do filósofo barroco.

Posteriormente muitas pessoas colaboraram neste trabalho, sou imensamente grato pelo incentivo e pela verdadeira amizade de Paulo Roberto Ribeiro da Silva e Liraúcio Girardi Júnior.

Nos primeiros anos deste trabalho tive a oportunidade de conviver com grandes amigos, entre eles Fernando Augusto da Silva Muniz, que me ajudou muito na reflexão do cotidiano; Gledson Goulard, que me acolheu no retorno a Campinas e Paulo

1- Embora disponhamos de pouco material em língua portuguesa, especialmente publicações brasileiras, o material existente é de muito boa qualidade, na quase totalidade, trata-se de artigos de revistas de filosofia.

Anchieta dos Reis, meu professor de mitologia e estética.

Muitas outras pessoas participaram indiretamente deste trabalho e merecerem serem lembradas, entre elas eu destaco a dedicação do Amauri, bibliotecário da FE, pelo zelo e conhecimento do acervo de nossa biblioteca, e acima de tudo um grande amigo; agradeço também a Nadir, secretária do programa de pós-graduação desta FE, pela amizade e pelo seu profissionalismo no tratamento das questões relativas à vida acadêmica. Agradeço ainda aos meus familiares e amigos de Campinas e Foz do Iguaçu: José Osvaldo Nardi, Hector, Oscar, Sônia, Silvina, Shirley, Luciano e Silvana.

Durante o meu mestrado tive a felicidade de conviver com o Professor Mariano Narodowski, da Universidade Nacional de Buenos Aires, na época doutorando desta FE. Em nosso convívio ele colocou-me em contato com as discussões pertinentes à pós-modernidade e colaborou para o rompimento, ainda que não completo, da minha visão provinciana.

Na fase final do meu trabalho passei a conviver com os colegas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - campus de Foz do Iguaçu. Entre os muitos amigos que tenho aqui, gostaria de agradecer de maneira especial ao Professor José Vicente Corrêa Rodrigues, diretor do campus universitário de Foz de Iguaçu, pela amizade e apoio institucional para a conclusão deste trabalho; o Professor Amarildo Jorge da Silva pelas reflexões em torno de novas propostas metodológicas para a educação; o Professor José Carlos da Costa pela minha iniciação nos estudos da literatura comparada e ao Professor Venturino Savaris, um humanista

cultivador da *ars latina*, pela acolhida fraternal nesta nova fase da minha vida.

Os professores do Departamento de Filosofia e História da Educação da FE/UNICAMP muito me ajudaram no desenvolvimento desta dissertação gostaria de lembrar a colaboração prestada pela Professora Amélia Americano de Castro nas reflexões sobre o ensino superior; o Professor José Luiz Sigríst, que me colocou em contato com a filosofia da educação.

Os Professores Antonio Carlos Bergo e Sílvio Gamboa contribuíram decisivamente para a conclusão deste trabalho, oferecendo preciosa colaboração e esclarecimentos em relação ao objetivo proposto no trabalho de dissertação.

O Professor Hermas Gonçalves Arana, meu orientador, esteve presente em todos os momentos deste trabalho, analisou minuciosamente o material que lhe apresentava, esclareceu as várias dúvidas, evitando que eu divagassem de maneira a não conseguir tratar do tema central da pesquisa, oferecendo as condições indispensáveis para buscar o rigor que uma dissertação de mestrado requer, e, acima de tudo, paciente em todos os momentos, aceitando o meu ritmo e as minhas limitações para poder exigir o empenho necessário, tendo em vista a formação docente para o ensino superior. Muito mais que orientador ele foi o amigo que me levou a ser, hoje, um professor universitário.

Lucia de Fátima Estevinho Guido, minha companheira, acompanhou-me em todos estes anos de mestrado, proporcionando-me a certeza de ver realizada esta fase de minha vida de estudos; sempre presente ela deu-me tranquilidade para superar os momentos

de insegurança e chegar ao final deste trabalho.

Sou imensamente agradecido a todas estas pessoas, que contribuíram para a realização desta dissertação, as falhas que possam aparecer são de minha responsabilidade, a todos o meu sincero muito obrigado.

CAPÍTULO I

O contexto filosófico europeu e a formação intelectual de Vico

O pensamento de Vico está inserido no contexto da Filosofia Moderna; suas preocupações e indagações foram as mesmas dos filósofos modernos, oscilando sempre em torno da filosofia e da ciência; no caso de Vico seu esforço foi de tentar, através da reflexão filosófica dar à história o status de ciência¹.

Muito embora o próprio Vico, em sua *Autobiografia* (1725) afirme que o seu pensamento foi se formando através do autodidatismo e no isolamento do ambiente intelectual napolitano, percebe-se no seu pensamento o esforço em participar dos debates da filosofia do seu tempo, situando-se entre a herança humanista

1- Para Vico a história tem um sentido muito amplo, confundindo-se com a filologia, será nos desdobramentos dos estudos filológicos que a história surge como a Ciência Nova.

e as perspectivas científicas da Filosofia Moderna².

Foi neste contexto que Vico fez suas críticas a esta perspectiva científica do pensamento filosófico, em especial a excessiva atenção às ciências naturais -sem negar o valor epistemológico da ciência- e optou por fazer da sua filosofia uma volta à metafísica clássica, a fim de melhor compreender o homem, uma vez que para Vico o mundo natural só pode ser explicado por Deus, que é o seu criador; ao homem cabe explicar o mundo social do qual é o arquiteto³. Rossi refere-se a esta opção de Vico da seguinte maneira:

«Vico parece efetuar escolha entre alternativas diversas: a investigação da natureza já foi feita e tem para ele escassas possibilidades de novos sucessos; o mundo novo a explorar é o mundo histórico-humano. Aqui as possibilidades de sucesso estão todas abertas. Aqui pode-se verdadeiramente conhecer» (1992:139)

A formulação da filosofia de Vico se fez durante as primeiras décadas do século XVIII e foi resultado das suas reflexões a partir de dois momentos cruciais para a sua época e que ainda hoje influenciam e são as marcas da cultura ocidental. Trata-se do Humanismo e da Filosofia Moderna, o primeiro além de ter contribuído para o nascimento da ciência moderna foi também o

2- Paolo Rossi, entre outros autores deste século, procura analisar as afirmações iniciais da *Autobiografia* em sintonia com o ambiente cultural napolitano e europeu dos séculos XVII e XVIII, lançando assim novas luzes sobre a vida e a obra de Vico.

3- VICO, Giambattista. *Princípios de Ciência Nova*, em torno da natureza comum das nações (tradução e notas de Paolo Rossi). 3.ed. . Milão, Rizzoli, 1988.

início da conformação do pensamento pedagógico moderno⁴. Estes dois momentos estão diretamente ligados ao Renascimento, um momento importante para a sociedade ocidental, que trouxe consigo também os primeiros delineamentos econômicos e políticos da nossa sociedade contemporânea.

As novas indagações filosóficas na busca de respostas para os problemas que eram colocados abriram um caminho novo a ser trilhado. Essa trajetória deveria ser cumprida não mais sob a tutela da teologia, mas ao lado da ciência renascida com a volta aos textos clássicos do mundo antigo. Assim ao se indagar sobre o homem se indaga também sobre a natureza e sobre Deus

«No mundo, templo de Deus, o homem se encontra; e o mundo e a natureza estuda e indaga, certo como é que o homem e o mundo derivam da mesma matriz, nascidos do mesmo sêmem, expressões diversas da mesma realidade» (GARIN, 1978:501)

Indagava-se sempre a partir de Deus como consequência da mente ainda impregnada pela teologia e devido a forte ligação do platonismo ao cristianismo dos fins da Idade Média; indagava-se também sobre a natureza por ser a consequência direta da descoberta do homem e a sua ligação e dependência ao mundo natural.

O Renascimento foi o momento de descobertas possíveis graças às transformações econômicas que se vinham operando lentamente na Europa desde o renascimento comercial e que acarretaram mudanças significativas na ordem social e política,

4- Utilizamos aqui a expressão empregada por Mariano Narodowski, em sua tese de doutorado intitulada *Infância e poder: a conformação da pedagogia moderna*.

uma vez que, aos poucos, a economia feudal ia dando lugar ao capitalismo nascente e a uma nova forma de vida.

Outra característica marcante do Renascimento, que somente nos séculos posteriores ficou plenamente definida, foi o seu caráter de ruptura na tradição cultural do ocidente, trazendo consigo uma nova postura do homem diante do mundo. O conceito de Renascimento para Heller

«significa um processo social total, estendendo-se da esfera social e econômica onde a estrutura básica da sociedade foi afetada até o domínio da cultura, envolvendo a vida de todos os dias e a maneira de pensar, as práticas morais e os ideais éticos, cotidianos, as formas de consciência religiosa, a arte e a ciência» (1982:09)

Estas transformações colaboraram também para que a filosofia fosse assumindo certa distinção, se não ainda independência, em relação à teologia; durante a primeira fase do Humanismo a Igreja viveu um período de tolerância que mais tarde, com a Contra-reforma, seria substituído pelos tribunais de Inquisição⁵, um retorno à Idade Média, que obstruiu por certo tempo o curso das ciências naturais. Mas a verdade é que durante o período propriamente humanista houve certa tolerância por parte da Igreja com as idéias ecléticas, que ainda não eram vistas como heréticas. Estas idéias estavam mais voltadas para a reflexão antropológica e o lugar do homem no plano da criação. Este fenômeno fez com que a religião fosse menos determinante nas investigações científicas, a este respeito soma-se a divisão

⁵- Os tribunais de Inquisição foram criados antes da Contra-reforma; a Santa Inquisição surgiu em 1215 durante o Concílio de Verona.

ocorrida no seio da Igreja através das várias ordens mendicantes.

Devido a sua complexidade, o Renascimento foi um momento muito rico para a história do pensamento e ofereceu as condições intelectuais e materiais para o desenvolvimento do pensamento científico, na medida em que as ciências iam assumindo uma configuração autônoma e tendo nos filósofos também homens de ciência.

Além da contribuição no campo das ciências, outro aspecto deve ser lembrado para dimensionar a importância que teve o Renascimento: trata-se da dimensão histórica que o homem passou a ter, configurando-se como ser histórico que se descobre ao descobrir o mundo social e natural. Independentemente das várias correntes do pensamento renascentista, seja o homem tido como grande ou pequeno, ele é um ser autônomo «que cria o seu próprio destino, luta com a sorte e faz a si próprio» (HELLER, 1982:21/2).

O filósofo renascentista foi também artista e cientista, graças à sua dimensão humanista; porém, com a proximidade da Filosofia Moderna, o filósofo foi adquirindo uma postura mais científica e menos humanista⁶.

A passagem do Humanismo para a Filosofia Moderna

As grandes preocupações da Filosofia Moderna estão ligadas ao Humanismo renascentista. Foi a partir das investigações dos humanistas, na tentativa de resgatar o ideal de

⁶- O grande apego dos modernos à ordem e ao método, faz com que os períodos anteriores sejam considerados, de certa forma, como fases ingênuas da história pensamento.

harmonia, simplicidade e beleza da Antiguidade Clássica, que a filosofia deixou o estágio anterior marcado pela contemplação e especulação para tornar-se cada vez mais uma investigação que transcendia a própria filosofia na direção da positividade científica sobre a origem do homem, do mundo e do universo.

A corrente humanista tinha posições diversas mas estavam ligadas à redescoberta da Antiguidade Clássica; as posições dos filósofos derivavam do platonismo e neoplatonismo, do estoicismo e do epicurismo. Além dessas fontes, estes filósofos tinham grande apego à mística oriental, em especial a cabala hebraica e o hermetismo egípcio, em contraposição à tradição mosaica dos textos bíblicos.

Os humanistas ocupavam-se do estudo do homem que aos poucos ia sendo redescoberto. Estes estudos traçavam um modelo de homem universal, diretamente ligado à nova sociedade em formação (HELLER, 1982:27). Neste modelo de homem era valorizada a individualidade e a sua formação se fazia através do estudo das humanidades inseridas no plano de estudos da Idade Média que consistia no Trivium e no Quatrivium. Há, porém nos humanistas certa ambiguidade manifestada na posição antropológica que incorporava os elementos do misticismo oriental; ao mesmo tempo que a visão que tinham da religião era antropomorfizada, tentava-se divinizar o homem, após havê-lo inserido no mundo histórico.

Este período inicial do Humanismo foi muito dominado pelas idéias estoicas e epicuristas, que durante o Renascimento foram adotadas sem as diferenças que caracterizavam as duas

escolas durante a Antiguidade (HELLER, 1982:88). Tais posições almejavam como ideal de vida para o homem o «viver de acordo com a natureza»; é importante destacar aqui a relevância que tiveram para o Humanismo de maneira especial as teses epicuristas para os novos rumos do estudo da natureza.

A doutrina de Epicuro, muito lembrada pela ética do prazer, englobou também as questões físicas pertinentes ao estudo da natureza, estando diretamente ligado aos atomistas, e procuravam com isso analisar os fenômenos naturais sob uma ótica menos determinista -como era para Demócrito- oferecendo a possibilidade das múltiplas explicações para reduzir o fenômeno ao comportamento mecânico da matéria, com o objetivo de «despir o céu e a terra do mito e das falsas projeções das superstições e do medo» (CASINI, 1979:61).

Além da descoberta dos textos antigos, a tradição epicúrea está diretamente ligada, também, à retomada dos estudos de Lucrécio, em especial a sua obra *De rerum natura*, que basicamente continha as teses epicuristas associadas com formulações originais no que dizia respeito ao magnetismo, fenômenos óticos e luminosos, análise dos estados da alma, entre outros, que passaram a fazer parte da física e da psicologia atomista (CASINI, 1979: 62).

Para os novos tempos que se abriram ao homem e evoluíram rapidamente, tais posições tornaram-se anacrônicas, pois os desdobramentos sociais decorrentes das transformações econômicas erigiam o homem como o que faz a si mesmo,

transformando o meio natural e estabelecendo a sociedade humana. Porém, durante a primeira fase do Humanismo, a sua fase propriamente humanista, era essa a posição que mais sobressaia, o viver de acordo com a natureza, uma visão quase que divina do homem em contato com a natureza. Este contato representava o ideal ético a ser alcançado, a vida virtuosa:

«Viver de acordo com a natureza significa aceitar a natureza tal como é. Só então pode a vida do homem ser honrada e "virtuosa"; e este só se sentirá à vontade na sua honra e virtude se avaliar o que é necessário e inalterável na natureza, onde e até que ponto existe um campo de ação para a atividade livre do homem, e a maneira como o homem pode fazer uso de uma natureza imutável para alcançar uma vida livre e honrada» (HELLER, 1982:94 - grifo da autora)

Esta atitude era própria do encantamento proporcionado pelas leituras dos originais, da redescoberta da Antiguidade através de seus autores; por outro lado, apesar deste aspecto já destacado como anacrônico, é certo que a partir deste momento ficou um legado para as gerações posteriores que, durante os séculos XVI e XVII, elegeram a natureza, vale dizer o mundo natural, como objeto de estudo para poder conhecer a si mesmo; graças à antiga dimensão ética de «viver de acordo com a natureza» foi possível atingir a dimensão científica de «estudar a natureza».

Tais ambiguidades, a visão mística e sincrética da relação homem-mundo natural, são evidentes quando se faz uma análise da linguagem dos humanistas e tornam-se mais claras quando confrontadas com a linguagem da Filosofia Moderna.

A redescoberta da Antiguidade e conseqüentemente os avanços alcançados na astronomia abriram para o homem um novo mundo; não havia mais a antiga ordem feudal, tudo estava em movimento novamente. Como conseqüência, era necessário buscar uma nova harmonia e o lugar do homem neste novo mundo.

Tratava-se para o pensamento da época de investigar as origens, indagar os princípios do mundo e dos tempos, o que por sua vez implicava em recriar o mundo através de uma nova representação, alterando significativamente a antiga hierarquia, refutando-se o teocentrismo e instaurando-se o antropocentrismo; esta alteração acarretou no campo científico, mais precisamente na astronomia durante o século XVI, a mudança da concepção de mundo geocêntrica para a concepção heliocêntrica. Nesta perspectiva o recriar implicava diretamente no repensar a criação divina, investigar a partir dos textos antigos, associados aos livros da Igreja, qual a verdade da criação do mundo, discutir se o universo e o mundo são efeitos da potência divina ou causa da perfeição de Deus, conforme a tradição aristotélico-tomista.

Essas indagações contribuíram para o deslocamento das discussões do campo estritamente metafísico para o campo naturalista (vivia-se a passagem do século XVI para o século XVII) que seria plenamente desenvolvido pelos cientistas e filósofos modernos através de uma linguagem mais apropriada.

Como conseqüência da primeira fase do Humanismo, o estágio naturalista contribuiu enormemente para as investigações científicas situadas na transição do Renascimento para a

Filosofia Moderna. As discussões iniciadas pelos humanistas traziam em si a possibilidade de investigar a natureza, ela deixou de ser contemplada como pura criação para o desfrute do homem, para ser estudada como objeto do conhecimento humano. Ao lado das investigações astronômicas muitas descobertas sobre o mundo físico estavam acontecendo⁷.

Essa nova direção dos estudos humanistas contribuiu gradativamente para a separação entre a filosofia e a ciência, ao mesmo tempo que o pensamento filosófico e científico estreitavam-se, estabelecendo o homem, além de ser histórico, como sujeito do conhecimento.

Para Marilena Chauí, este quadro é resultante das características do filósofo moderno que configurava-se como um sábio e "não separam seus trabalhos científicos, técnicos, metafísicos, políticos" e por isso o sábio é "um pesquisador ou um conhecedor de todas as áreas de conhecimento, mesmo que se dedique preferencialmente mais a umas do que a outras" (1987:69).

Apesar dos humanistas terem sido superados pelos modernos e as humanidades destituídas pela matemática, álgebra, geometria e a física, foi justamente a partir do caminho aberto pelos primeiros humanistas desde o século XV que se tornou possível realizar reflexões sobre o valor das ciências e a

7- Paolo Rossi em seu livro *Os sinais dos tempos*, história da terra e história das nações de Hooke a Vico, trata de maneira minuciosa destas descobertas, especialmente sobre a descoberta de fósseis, que ofereciam novos elementos para se saber a idade da terra.

validade do conhecimento científico, uma vez que

«a ciência, a filosofia e até mesmo a teologia mostram interesse legítimo por questões sobre a natureza do espaço, a estrutura da matéria, os padrões de ação e, *last but not least*, sobre a natureza, a estrutura e o valor do pensamento da ciência humana» (KOYRÉ, 1979:08 - grifo do autor)

Ao Renascimento seguiu-se a Filosofia Moderna que teve a preocupação de indagar de maneira rigorosa sobre o caminho a seguir para bem conduzir a razão (DESCARTES, 1987:30), ou seja, formular o método que tornasse possível ao homem conhecer verdadeiramente a Deus, o mundo e a si mesmo; ainda segundo Koyré⁸, no século XVII os filósofos viveram a época de crença no método:

«Época tão cheia de confiança nas potências "nativas" do espírito como de desconfiança no exercício não dirigido da razão. Época na qual se julgava que bastava libertar o espírito humano dos "preconceitos" - escórias, obstáculos ou impedimentos que não o deixavam funcionar - que bastava "curar" ou "purificar" a mente para que, espontaneamente, pudesse atingir a verdade» (1984:XVIII)

O caminho aberto pelos naturalistas, no sentido de abordar a natureza como objeto do conhecimento que, mais tarde, tanta polêmica "causou aos olhos das autoridades eclesiais, foi também o caminho aberto para o distanciamento dos estudos do homem. A natureza passou a ser objeto dos estudos por excelência. Segundo Casini, esta opção representa a grande viragem para a

⁸- Prefácio de uma tradução francesa do *Tratado da reforma do entendimento*, de Espinosa.

modernidade

«o sentido geral da viragem realizada aproximadamente no decurso de dois séculos -de Copérnico a Newton- poderia ser resumido na descoberta de que a *natureza é realmente dominada por leis*; que estas leis são *racionais*; ou seja, *que podem ser reconstruídas pela inteligência humana por via matemática e experimental*» (1979:78 - grifo do autor)

Nesta "viragem" as "studia humanitatis" foram colocadas em segundo plano, passaram a ser vistas como um bom entreterimento sem oferecer nenhuma certeza ao intelecto (DESCARTES, 1987:30/3). A descoberta do sujeito trouxe também a desconfiança em relação ao carácter subjetivo das "studias humanitatis", por estas estarem ligadas às paixões e vontades humanas, enquanto que o carácter objetivo da ciência exigia uma linguagem mais apropriada. A verdade passou a ser expressa pela linguagem matemática, produto da razão redentora do homem.

Assim como na relação Renascimento e Humanismo há que se considerar o contexto sócio-económico para a compreensão das mudanças de direcção do pensamento filosófico, também entre a Idade Moderna e o pensamento Moderno estarão presentes os mesmos elementos que contribuíram para a consolidação da nova filosofia; para Habermas a modernidade

«refere-se a um feixe de processos cumulativos que se reforçam mutuamente: a formação de capital e de mobilização de recursos, ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho, ao estabelecimento de poderes políticos centralizados e à formação de identidades nacionais, à expansão de direitos e de participação política, de formas urbanas de

vida e de *formação escolar formal*, refere-se a secularização de valores e normas» (1990:14 - grifo meu⁹)

O núcleo central do pensamento moderno procedeu o afastamento das "studia humanitatis" para reforçar o novo caráter das ciências humanas e tratar o homem como ser racional, inserido no contexto da modernidade e distante tanto dos preconceitos da Idade Média quanto ao apego à tradição clássica. Este fato evidencia-se pelas expressões dos modernos: ciência nova, reforma do entendimento, nova filosofia, confirmada na afirmação de Arendt: «do século XVII em diante, a insistência na novidade absoluta e a rejeição de toda a tradição tornaram-se comuns» (1989:261). Entretanto, percebe-se que os humanistas e os modernos faziam indagações muito próximas, preocupavam-se com o homem e a sua ligação com o mundo histórico e natural, tinham grande interesse pela matemática e almejavam o conhecimento científico.

No último estágio do Humanismo já era notável o interesse que a matemática despertava nos estudiosos, reponsáveis por avanços e simplificações através de desenvolvimentos no campo do cálculo diferencial, da álgebra e a introdução dos números

⁹- Certamente o autor situa a Modernidade, neste caso, em um período de tempo bem dilatado, da formação dos Estados Nacionais até as revoluções burguesas dos séculos XVIII; a instituição da educação formal se faz com a ascensão da burguesia, por outro lado a preocupação com o método pedagógico, desde os gregos e passando pela Idade Média, sempre foi uma preocupação filosófica. Para a época referida por Habermas as primeiras formulações foram feitas pelos humanistas, culminando com o *Ratio studiorum* e a *Didática Magna*.

negativos; portanto, até mesmo a matemática, amplamente aceita entre os modernos, já estava presente nos estudos humanistas decorrente da descoberta dos textos de Pitágoras, Ptolomeu, Arquimedes, Euclides, entre outros; porém, também aqui é importante ressaltar que o estudo da matemática se fazia com ênfase no caráter fantástico dos números para poder através da combinatória universal estudar a natureza, do que como uma formulação racional da matemática enquanto condição de reprodução mental das leis da natureza, como fizeram, mais tarde, os modernos¹⁰.

Seria evidente a minha exposição se o meu objetivo fosse apenas o de ilustrar a ligação que há na filosofia entre o pensamento atual e o precedente, ressaltando que não é possível desconsiderar os momentos anteriores da reflexão; Gueroult nos lembra da importância da história da filosofia para a autenticidade da reflexão filosófica presente¹¹. Porém, esta contextualização inicial se faz no sentido de buscar a identidade e a descontinuidade entre um período e outro da história da filosofia, tentando assim situar Vico no quadro da Filosofia Moderna, admitindo que este filósofo seguiu uma linha de pensamento comum aos modernos - a importância atribuída ao método - ao mesmo tempo que ligava-se a tradição humanista.

Assim como o Humanismo estava ligado à redescoberta

¹⁰- Cf. CASINI, 1979:78.

¹¹- Cf. GUEROULT, 1956:50.

da Antiguidade Clássica, também a Filosofia Moderna recebeu uma grande herança dos humanistas. Qual seria então, o elemento, ou elementos, de descontinuidade entre os dois períodos ?

Minha exposição procurou percorrer este caminho da filosofia através de uma abordagem que não se limitasse aos condicionantes econômicos. Procurei nos parágrafos anteriores levantar elementos que pudessem caracterizar os dois momentos, mostrando com isso a grande proximidade entre um e outro. A filosofia no Humanismo se fez sobre os motivos da filosofia clássica que por quase dez séculos foram encobertos pelas cópias dos mosteiros, distorcidos pelas traduções tendenciosas,; enfim, o estar de posse dos originais, o deixar falar novamente uma época que se fez distante, provocou no espírito dos humanistas um efeito maior que as próprias palavras. Foi preciso muito tempo para superar o êxtase, para recuperar o sentido original, para tentar conciliar as diversas leituras que foram feitas nos originais¹².

O contexto cultural que foi se formando a partir dessa releitura gerou múltiplas interpretações. No caso específico dos humanistas tratava-se, como já foi mencionado anteriormente, da forte influência do misticismo sobre aqueles

¹²- Este recuperar o sentido original dos textos da Antiguidade abre duas possibilidades de interpretação da filosofia antiga: a primeira que considera a filosofia anterior à moderna como ingênua, a outra está muito próxima da primeira, consiste no mito do passado, imaginar que existiram sábios que superaram os estágios da nossa ciência. Esta posição vai ser uma das críticas elaboradas por Vico e expressa em sua teoria da história.

homens. Este fato era muito bem ilustrado nas manifestações artísticas e na formulação das novas idéias. Mais uma vez o texto de Casini é valioso para tentar compreender este momento:

«grande parte da filosofia renascentista da natureza -de Marsilio Ficino a Bruno- reelaborou um outro aspecto do sincretismo hermético. Disso se encontram vestígios evidentes, em pleno século das luzes, em Newton, no Essay on man de Alexandre Pope, em Siris, de Berkeley» (1979:72)

Como ocorreu então esta ruptura na passagem de um estágio para o outro ? Quais os fatores que levaram a matemática a ocupar o lugar das humanidades ? Por que a filosofia passou a adotar um discurso científico ? Há essa distinção: pensamento filosófico - pensamento científico ?

O pensamento renascentista operou uma mudança significativa na visão de mundo. Anteriormente unitária, com o advento da modernidade, os filósofos conseguiram estabelecer novas visões de mundo

«Do ponto de vista sociológico, o fato decisivo dos tempos modernos, em contraste com a situação vigente na Idade Média, é o de ter sido quebrado este monopólio da interpretação eclesiástica do mundo, mantido pela casta sacerdotal, tendo surgido, no lugar de um estrato de intelectuais fechado e inteiramente organizado, uma *intelligentsia* livre...Com a liberação dos intelectuais da rigorosa organização da Igreja, foram sendo cada vez mais reconhecidas outras formas de interpretar o mundo» (MANNHEIM, 1972:39/40).

Além deste fator, a nova cosmologia fundada nos cálculos matemáticos abriam a possibilidade de uma geometrização

do espaço através de uma ciência mecânica. Tudo isto implicava em uma nova formulação metodológica adequada aos novos estágios proporcionados pela passagem da ciência contemplativa para a ciência ativa.

Para estas questões, torna-se importante uma reavaliação destes dois momentos da filosofia. O Humanismo trouxe uma grande contribuição para o estudo do homem, porém o fez a remetê-lo ao passado, tentando inseri-lo em uma antiguidade muito remota que talvez não tenha existido de fato e, por outro lado, no segundo momento, o Humanismo acabou ocupando-se mais das investigações do mundo natural e vendo o homem nesta perspectiva, na relação direta com a natureza. Nesta relação era possível encontrar as leis naturais que regem a vida do homem.

A Filosofia Moderna, por sua vez, apesar do seu caráter científico, foi ao mesmo tempo o momento de superação dos antigos ideais humanistas do Renascimento e o ápice da visão renascentista do homem como indivíduo, porém não mais indivíduo em potência, mas como indivíduo real, como sujeito

«uma das mais persistentes tendências da filosofia moderna desde Descartes, e talvez a mais importante contribuição moderna à filosofia, tem sido uma preocupação exclusiva com o ego, em oposição à alma ou à pessoa ou ao homem em geral, uma tentativa de reduzir todas as experiências, com o mundo e com os outros seres humanos, a experiência entre o homem e si mesmo» (ARENDT, 1989:266)

Portanto, nota-se que há uma certa proximidade entre os estudos realizados pelos humanistas e pelos modernos,

inclusive no que diz respeito aos estudos do mundo natural; porém, existe também uma divergência muito profunda nos estudos desenvolvidos. Uma das possibilidades de análise dessa divergência, e também das indagações colocadas acima, pode ser feita através da *linguagem*.

Na linguagem está a principal diferença entre humanistas e modernos, o que por implica em métodos distintos de investigação, esta diferença por sua vez conduz à reflexão sobre os elementos que se opõem em cada período: *studia humanitatis* - ciência humana; método de estudo - método de investigação e pensamento filosófico - pensamento científico.

Com a modernidade filosofia e ciência vão adquirindo características distintas até culminar com a distinção entre filósofo e cientista, consolidada neste século. A nova ciência - a ciência ativa - deu início à nova filosofia com a ampliação do campo de conhecimento do homem moderno¹³.

Pela história da filosofia foi possível notar que os humanistas também almejavam o pensamento científico, que acabou tendo seu pleno desenvolvimento durante a Filosofia Moderna; portanto a grande diferença entre os dois períodos da filosofia em questão reside mesmo na linguagem que cada corrente filosófica fez uso para poder expressar o conhecimento.

13- Esta questão nos leva a refletir sobre a fragmentação do conhecimento por nós vivenciada; até que ponto a técnica divorciou-se do pensamento? Será a técnica a responsável pela separação completa entre filosofia e ciência, tornando as vezes filósofo e cientistas intelectuais estranhos entre si?

Como já foi dito, o Humanismo foi um momento de grandes descobertas, resultado da retomada do pensamento antigo, daí a necessidade de retornar à natureza, à origem, ao princípio. Este apego à humanidade clássica foi uma maneira de libertação da velha cultura da Idade Média para poder atingir de novo a simplicidade e a harmonia; no que dizia respeito à natureza este retorno às origens foi uma revolta contra estruturas superadas. Este apego ao que é primário nasceu no limite de uma extrema decadência e de crise de identidade que se manifestava na desagregação da sociedade feudal. Por isso a cultura humanista foi um esforço de libertação, uma espécie de renascimento, de pureza reconquistada em direção a uma realidade redescoberta (GARIN, 1978:237).

Por outro lado esta libertação da ordem medieval não foi completa, a leitura que se fazia dos textos antigos acabavam sempre na tentativa de uma conciliação daquelas fontes com a religião cristã; somente no século XVI é que, em vários momentos e em vários autores, se manifestou a necessidade da independência do pensamento filosófico e científico em relação à teologia oficial.

Porém, a expressão deste retorno às origens foi feito através de uma linguagem opaca e misteriosa, cerrada sobre si mesma e enigmática. Não oferecia clareza e transparência (FOUCAULT, 1990:50), devido justamente ao ecletismo das fontes antigas. Assim, a natureza era vista como um jogo de signos e semelhanças onde a relação do microcosmo com o macrocosmo era a

garantia do saber e o termo de sua expressão. Foucault refere-se ao saber do século XVI como uma mistura de erudição (saber racional) e tradições decorrentes da herança cultural anterior, em especial a magia.

Desta forma a linguagem era uma coisa a ser decifrada, e conhecer era interpretar os signos naturais, indo das marcas visíveis ao invisível. Esta forma de linguagem apresentava um saber que não era a demonstração da natureza, mas a interpretação dos signos da natureza. É devido a sua linguagem que a filosofia humanista é considerada como obscura, pela sua maneira de falar sobre a natureza. Um outro autor, Eugenio Garin, sob um outro enfoque filosófico, mas basicamente com os mesmos termos, refere-se ao sentido desse momento da filosofia e os desdobramentos proporcionados para o período subsequente:

«o mundo, a natureza, lhe vem falando [ao homem] a mesma linguagem, lhe mostrando uma mesma razão, a razão que nele se acolhe, mas que, por não esaurir-se nele, o faz certo da sua validade objetiva. O homem, o mundo e Deus, vão fazendo-se sempre mais íntimos, também na sua diferença; e neste progressivo intrincamento floresce a ciência, pela convicção de uma unidade originária, pela qual homem e natureza não são contrapostos, mas podem reciprocamente compenetrar-se» (1978:237 - grifos meus)

Esta posição serve para ilustrar como era entendida a linguagem e a ciência, ainda estavam dominadas por aquela visão da simpatia universal onde tudo se relaciona e a maneira de estabelecer as relações é observar a semelhança que faz com que tudo derive de um único elemento gerador. Neste momento

valorizavam-se mais os relatos que a observação direta dos fatos, o paradigma do saber era a leitura do livro da escritura, formulado ao longo da Idade Média sobre a tradição cristã.

A Filosofia Moderna, por sua vez, utilizou uma linguagem objetiva, que se movia pela representação baseada na media e na ordem. A representação para os modernos não estava mais ligada à semelhança, e a similitude deixou de ser forma do saber para consistir em erro; os modernos colocaram-se do lado da ciência e passaram a considerar a linguagem anterior, que se valia da metáfora e das alegorias, como desconexa com o conhecimento por não possuir clareza e critérios científicos. Ainda segundo Foucault:

«a verdade encontra sua manifestação e seu signo na percepção evidente e distinta. Compete às palavras traduzi-las e o podem; não terão mais direito a ser sua marca. A linguagem se retira do meio dos seres para entrar em sua era de transparência e *neutralidade*» (1990:71-grifo meu)

O desenvolvimento de uma linguagem que rompia com a obscuridade da linguagem anterior trazia consigo a separação da ciência com as "studia humanitatis", o conhecimento científico é claro e distinto, enquanto que a erudição traz consigo as limitações do espírito humano. A linguagem moderna, por sua precisão, passou a ser transparente, estando ligada apenas às palavras e não mais à semelhança das coisas.

A respeito desta diferença na linguagem que marcou a ruptura entre o Humanismo e a Filosofia Moderna, Habermas, no seu

livro *Discurso filosófico da modernidade*, manifesta-se da seguinte maneira:

«enquanto o pensamento do Renascimento ainda é dirigido por uma visão cosmológica do mundo na qual as coisas podem ser fisionomicamente ordenadas segundo relações de analogia porque no grande livro da natureza cada sinal remete para outros sinais, o racionalismo do século XVII instaura uma ordem totalmente diferente no seio das coisas. A *Lógica de Port-Royal*, que esboça uma semiótica e uma combinatória universal, cria uma estrutura: Para Descartes, Hobbes e Leibniz a natureza transforma-se na totalidade de tudo o que "representa" em sentido duplo, i.é., representado e como representação que pode também ser apresentada por meio de sinais convencionais» (1990:243)

Esta possibilidade de uma linguagem convencional, muito mais clara e transparente, abriu caminho para que a matemática se transformasse na ciência moderna, tornando-se também a ciência da estrutura da mente humana (ARENDT, 1989:278) e configurando-se como *mathesis universalis*, a ciência geral, sobre a qual está fundado todo conhecimento. Portanto, para os modernos, não há outra linguagem que melhor expresse o conhecimento e coloque o homem em contato consigo mesmo que não seja a matemática, porque com ela é possível reproduzir mentalmente o processo do mundo natural.

Foi a partir da matemática que Descartes conseguiu elaborar a sua geometria analítica, crucial para a separação entre a ciência e a filosofia.

A dúvida cartesiana, que inicialmente serviu para o homem tomar consciência de que existem processos que se passam em

sua mente que não são resultantes dos sentidos, e além disso são dotados de certeza própria e podem ser objeto de investigação, levou Descartes a elaborar uma matematização que culminou não só na separação da ciência e da filosofia mas também fazendo desta uma teoria do conhecimento e uma experiência com o próprio ser, muito bem expressos por Arendt:

«Descartes é o pai da moderna filosofia, da mesma forma que Galileu é o ancestral da ciência moderna; e, embora seja verdadeiro que após o século XVII, e devido principalmente ao desenvolvimento da filosofia moderna, a separação entre a ciência e a filosofia foi mais radical do que jamais havia sido antes... a filosofia moderna deve a sua origem e o seu curso mais a descobertas científicas específicas que qualquer outra filosofia anterior... a dúvida cartesiana, em seu significado radical e universal, foi inicialmente a reação a uma nova realidade, realidade esta não menos real pelo fato de ser restringido, durante séculos, ao círculo limitado e politicamente insignificante dos doutos e eruditos» (1989:283-286 - grifos meus)

Em um livro recente, o professor de física Joseph Schwartz faz uma análise diferente desta mudança de linguagem, indo contra os estudos desenvolvidos por Foucault que desde o final da década de sessenta vem seduzindo boa parte do meio intelectual. Se para Foucault a linguagem matemática é transparente¹⁴, para Schwartz ela é obscura.

A posição de Schwartz está mais próxima da análise desenvolvida por Arendt quanto ao caráter da ciência moderna,

¹⁴- Refiro-me a citação feita na página 38, que caracteriza a linguagem moderna como transparente e neutra.

destacada na citação acima. O professor Schwartz sustenta a sua afirmação sobre o fato de que a ciência moderna passou a ser domínio de uma minoria e comunicada apenas nas academias científicas, que foram sendo criadas na Europa a partir de então. Por esta razão chega-se a conclusão de que os cientistas modernos, podemos incluir também muitos filósofos, cometeram os mesmos erros dos doutores da Idade Média, tornando a ciência cativa, fazendo dela quase que um mito.

Quanto a matemática, no período em questão, Schwartz afirma que era a única forma de expressão que a Igreja não atrevia-se a contestar, tanto é assim que muitos trabalhos foram realizados em torno da matemática sem que houvesse uma censura por parte das autoridades eclesiais. A censura passou a ocorrer quando a matemática passou a ser feita não mais como suposições e sim como fundamento para o experimentalismo, buscando-se com ele uma nova explicação para os fenômenos naturais.

Segundo o autor em questão, a matemática tornou-se o novo paradigma de linguagem científica justamente por ser aquela expressão que a Igreja não ousava contestar. Schwartz ilustra estas afirmação através dos conflitos vividos por Galileu com as autoridades eclesiais:

«Ainda sob os efeitos dolorosos de sua derrota em Roma três anos antes, Galileu decidiu abrir mão da *linguagem* direta do *Mensageiro celeste* e abrigar a sua argumentação na única instituição social temida pela Igreja - a antiga disciplina da matemática...Mas o *Ensaíador* estabelecera a base para que a antiga e a nova cosmologia pudessem chegar a um acordo final. A Europa culta observava e aprendia. A lição era: é

preciso tornar a ciência discreta, obscura e matemática» (1992:36-41 - grifos meus)

Como se pode notar a linguagem moderna torna-se controversa quando analisada inserida em um contexto mais amplo, não se restringindo apenas ao campo científico e filosófico. Para os modernos a linguagem matemática correspondia ao que eles classificavam de linguagem clara e transparente, portanto uma linguagem muito simples. O problema que se formou a partir da consolidação da ciência moderna, foi que ela tornou-se patrimônio de um grupo reduzido da sociedade, ao mesmo tempo que uma imagem ia sendo criada: a dificuldade de se alcançar o conhecimento científico¹⁵.

De maneira geral esta diferença existente na linguagem pode oferecer uma explicação para o distanciamento do pensamento moderno em relação às humanidades. Este distanciamento se fez na tentativa do estabelecimento de uma ciência que pudesse bem conduzir o intelecto na investigação de seu objeto.

A partir da diferença da linguagem o pensamento moderno conseguiu emancipar o conhecimento científico, fazendo dele uma esfera distinta da investigação, com método próprio. Na

15- Quanto a elitização da ciência, Gramsci também formulou um juízo muito próximo dos autores citados anteriormente:

«O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato "filosófico" bem mais importante e "original" do que a descoberta, por parte de um "gênio filosófico", de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais» (1986:13-14)

verdade a filosofia e a ciência a partir dos fins do século XVII já não eram as mesmas da redescoberta proporcionada pelo Humanismo, isto porque o mundo também já não era mais o mesmo. A ampliação do universo até o infinito, a indagação da origem do mundo aliada ao redimensionamento das técnicas de observação associadas à utilização de instrumentos mais potentes, como o telescópio, fizeram com que definitivamente a humanidade experimentasse um progresso vertiginoso em relação a "grande noite da Idade Média", também denominada por Petrarca, no século XIV, como tempos obscuros.

A revolução científica de Galileu e a revolução filosófica preconizada por Descartes fizeram da Idade Moderna um momento que extrapola a própria cronologia quando nos referimos a ela em termos de Modernidade. Embora tenha-se feito muitos estudos sobre a natureza, na verdade a grande contribuição dos filósofos modernos foi promover o encontro do homem com a sua própria razão, abrindo-lhe um mundo novo, cuja marca é a liberdade de investigação.

«Desde o século XVII, a filosofia produziu seus melhores e menos discutidos resultados quando investiga, num supremo esforço de auto-inspeção, os processos dos sentidos e da mente. Sob este aspecto, grande parte da filosofia moderna é, realmente, uma teoria da cognição e da psicologia; e, nos poucos casos em que as potencialidades do método cartesiano foram plenamente realizadas por homens como Pascal, Kierkegaard e Nietzsche, somos tentados a dizer que os filósofos experimentaram com o próprio ser não menos radicalmente e talvez mais afoitamente que os cientistas experimentaram com a natureza» (ARENDT, 1989:307)

A nova filosofia na Itália da nova ciência

O Renascimento não foi um fenômeno que se restringiu à Itália. Percebe-se este fenômeno nas outras partes da Europa. Porém, não resta dúvida de que foi na Itália que o Renascimento teve o seu desenvolvimento pleno. Burckhardt no seu livro *A cultura do Renascimento na Itália*, publicado em 1860, atribuiu essa primazia do Renascimento italiano ao fato de a Itália ser a herdeira direta do Império Romano:

«trata-se de uma objetiva tomada de partido ao mesmo tempo erudita e popular pela Antiguidade de uma forma geral, uma vez que esta constitui ali a lembrança da própria grandeza de outrora. A fácil compreensibilidade do latim, o montante de recordações e monumentos ainda presentes, estimula decisivamente este desenvolvimento» (1991:141)

O fato de ter sido no passado o berço do Império Romano favoreceu o resgate da Antiguidade Clássica, porém, pode-se acrescentar à análise de Burckhardt o fato da mesma Itália ter se tornado a sede da Igreja Católica, acarretando grandes benefícios, e alguns prejuízos, para que naquela parte da Europa florescesse uma produção cultural de grande valor e importância para o mundo ocidental.

Este quadro mudaria quase que completamente a partir da Reforma Protestante e fundamentalmente em função da Contra-reforma, vale como exemplo a condenação de Bruno e as censuras a Copérnico e Galileu.

Com a Contra-reforma a produção filosófica foi

violentamente reprimida na Itália, enquanto que em outras regiões, que aderiram à Reforma, a reflexão filosófica se ampliava em direção às ciências modernas. No entanto, durante este período de limitação da atividade filosófica, a Itália continuou contribuindo para o avanço do pensamento científico, tanto é assim que temos neste período, entre os séculos XVI e XVII, grandes filósofos italianos que, apesar de sua posição ainda tipicamente humanista, levantavam a necessidade da liberdade da razão para as investigações científica e filosófica, entre estes homens destacaram-se Cardano, Telésio, Bruno e Campanella, que foram os predecessores da filosofia moderna italiana.

Como já foi sublinhado no breve comentário sobre a linguagem, o Humanismo italiano, dado a sua riqueza de fontes originais, e outras um tanto duvidosas, teve condições de restabelecer o contato com o pensamento antigo, porém o fez de forma eclética, e em muitos casos abusando da erudição, criando momentos que não passavam de mero devaneio. Tal fato ao ser analisado não mais do ponto de vista estritamente artístico, como fez Burckhardt, e sim do ponto de vista filosófico, evidencia a dificuldade em poder penetrar nesta redescoberta da Antiguidade, tornando difícil distinguir o que é original e o que é invenção.

Aquela mistura de erudição e de misticismo torna o estudo deste período um tanto confuso, dificultando a análise mais objetiva dos fatos, restando como alternativa o expediente utilizado anteriormente na análise global da passagem do

Humanismo para a Filosofia Moderna, que é a análise da linguagem.

Este panorama no entanto não foi uma constante no ambiente italiano daqueles séculos. Ao lado do mero diletantismo havia também um esforço muito sério em dar continuidade às investigações a respeito do homem e da natureza, e, para isso, o estudo dos textos antigos foi de grande importância, uma vez que a maioria das fontes antigas se encontravam em poder da Igreja que fornecia apenas para uns poucos iniciados as cópias feitas sob olhos atentos das autoridades eclesiais¹⁶.

Pelo que foi exposto até aqui, nota-se duas variantes do Humanismo italiano: o diletantismo dos eruditos e, por outro lado, o trabalho de investigação que contribuiu para a elaboração da ciência moderna, o que foi possível através da mudança de linguagem. Graças aos homens de ciência do Humanismo, a Itália do Renascimento foi a pátria de grandes artistas, filósofos e também cientistas; nomes como Petrarca, Alberti, Ficino, Dante, Botticelli, Leonardo, Michelangelo, Pico della Mirandola, Maquiavel, Telésio, Bruno, entre outros, mesmo que não diretamente, colaboraram nas investigações científicas e na emancipação da filosofia em relação à teologia.

Portanto, na Itália dos séculos XVI e XVII a tarefa que se colocava era a necessidade de superar os humanistas naquilo que eles não fizeram, ou seja, não se restringir apenas à

¹⁶- A título de ilustração é oportuno lembrar o fascínio que o surgimento de outras fontes, que não aquelas da Igreja, causavam na Europa, este é o caso da leitura de Aristóteles proporcionada pelos árabes.

retomada do pensamento antigo, mas procurar nas suas descobertas operar a separação entre a investigação científica e a teologia, realizada através da busca de um novo método. Nesta tarefa os filósofos italianos deixaram a tradição e procuraram entrar em sintonia com os desenvolvimentos científicos e filosóficos que aconteciam fora da Itália e, ao mesmo tempo, através de Bruno, Campanella e Galileu, participar dos debates em torno da livre indagação, caminho único para o conhecimento científico.

Depois destes filósofos teve início uma nova fase da filosofia italiana que, por sua vez, estava diretamente ligada à indagação científica. Essa nova tarefa tinha por ponto de partida estabelecer a distinção entre a verdade teológica e a verdade filosófica, deixar o livro das escrituras para os teólogos e iniciar a leitura do livro da natureza¹⁷.

Bruno trabalhou mais no campo filosófico, tentando contrapor à física aristotélica as concepções dos pré-socráticos com o seu caráter panteísta, com uma linguagem muito próxima à dos humanistas, ou seja, apelando para a magia natural e a ordem das semelhanças onde a síntese entre potência e ato, entre matéria e forma, proporcionam a unidade de tudo (GARIN, 1978:695).

Galileu percebeu claramente a necessidade de mudança para que a investigação sobre a natureza não ficasse limitada à uma metafísica natural; ao estudar a natureza é preciso estar

17- Posição defendida por Galileu Galilei

livre da autoridade e aberto à experiência e à razão. Neste sentido foi Galileu quem trouxe a possibilidade de a filosofia italiana entrar em uma nova fase, marcada pelo exercício livre da razão

«aquele que, todavia não sendo filósofo no sentido técnico contribuiu mais que todos os outros eficazmente para precisar o conceito de uma natureza de toda desvinculada dos pressupostos e preocupações metafísicas foi sem dúvida Galileu» (GARIN, 1978:838)

Ao contrário dos pensadores que o precederam, Galileu procurou lutar contra a concepção escolástica que tinha a autoridade como critério da verdade, criticando justamente a contribuição que os próprios humanistas haviam dado à teologia. A autoridade para Galileu era expressa pelo aristotelismo, que mesmo revisado pelos árabes, continuava a servir à Igreja. Mais uma vez recorro à Garin para melhor demonstrar essa posição de Galileu:

«o seu antiaristotelismo é luta, muito mais que contra uma doutrina ou um método, contra uma mentalidade, a qual o Renascimento estranhamente veio dar um apoio: a autoridade como argumento do verdadeiro» (GARIN, 1978:838)

As passagens de Galileu são muito claras. Para se indagar sobre o universo e o mundo, o homem não deve estar preso a uma autoridade que o impeça de chegar à verdade. Somente a sensata experiência pode proporcionar o verdadeiro conhecimento. Não se tratava para Galileu de um empirismo sensitista, mas, ao contrário um experimentalismo dirigido pela razão, que auxilia o

homem a indagar não aquilo que Deus poderia ter feito, mas aquilo que Ele fez. O cientista deve examinar o fenômeno procurando o como e não o porquê do seu comportamento.

Galileu foi quem conseguiu introduzir a nova linguagem para a filosofia italiana, rompendo com a visão que até o Humanismo se tinha da matemática -aquela visão mágica- estabelecendo a relação entre o pensamento científico e o pensamento filosófico; a indagação científica só se faz pela experiência apoiada pela razão, através do método de investigação adequado para este fim. Além disso, Galileu contribuiu também para a distinção entre filosofia e ciência. Segundo ele as ciências físicas não são filosofia, porque são construções empíricas e matemáticas, e possuem uma maneira própria de serem investigadas. Estabeleceu-se assim o campo de atuação do cientista, e a filosofia passou a ocupar-se do pensar a verdade científica.

Através do caminho aberto por Galileu¹⁸ é possível perceber a sintonia que existiu entre filosofia e ciência; o seu pensamento, mais científico que filosófico, relacionava-se com a filosofia daquele período que foi a entrada para a modernidade e a crença na razão. Talvez o *Ensaíador* possa ser o Manifesto da Modernidade; ao mesmo tempo que fora da Itália os filósofos

18- Mais uma vez é oportuno lembrar o estudo de Schwartz, que traz elementos interessantes para uma reflexão sobre o homem Galileu Galilei. Em seu livro *O momento criativo, mito e alienação na ciência moderna*, esta análise encontra-se no primeiro capítulo intitulado "Florença 1623 / Cambridge 1687" (23-41).

ocupavam-se da formulação do método, Galileu oferecia a linguagem aqueda à nova filosofia

«a filosofia está escrita neste grandíssimo livro que continuamente nos é aberto diante dos olhos (eu digo o universo), mas não se pode entender, se antes não se aprende a entender a *língua* e conhecer os caracteres nos quais está escrito. Ele está escrito em *língua matemática*, os caracteres são triângulos, círculos e outras figuras geométricas, sem os quais é impossível humanamente lhe entender a palavra; sem estes é um girar vanamente por um labirinto escuro» (grifos meus)

Na passagem do Humanismo para a Filosofia Moderna a Itália deixou de ser um centro gerador de idéias e teve início uma nova fase do pensamento meridional marcada pelo debate das novas idéias filosóficas que se desenvolviam nas outras partes da Europa, em especial na Inglaterra, na França e nos estados germânicos. Heller, em seu livro *O homem do renascimento*, ao abordar este fato, atribui o mesmo às transformações econômicas que ocorreram na Europa entre os séculos XIV e XVI. Outro fator importante para a compreensão destas mudanças foi a questão religiosa, notadamente a Reforma e a Contra-reforma. Esta nova fase da filosofia italiana, tida em muitas análises como um momento de declínio do pensamento italiano, é na verdade um revigoramento da reflexão filosófica, tendo como aspecto positivo, quase sempre esquecido, a oportunidade aberta para o contato da filosofia italiana com as novas idéias; esta "abertura" às vezes pouco notada serviu para colocar os italianos em contato com o pensamento europeu, rompendo assim o círculo da

tradição e possibilitando o debate filosófico¹⁹.

Ao lado daqueles nomes da tradição humanista surgiram outros de fora da Itália que passaram a ser objeto de estudo relacionados com a tradição italiana. Entre os estrangeiros destacavam-se: Bacon, Hobbes, Locke, Descartes, Malebranche, Espinosa e Leibniz.

A nova fase da filosofia italiana serviu para a reflexão em torno dos avanços do pensamento científico e da nova ordem social e política que se iam constituindo ao longo dos tempos na Europa. Sem dúvida os intelectuais italianos, respeitando-se suas peculiaridades, encontraram nos novos desdobramentos da filosofia as armas que precisavam para lutar contra o perigo de um retorno à tradição, expresso nos tribunais de inquisição (GARIN, 1978:864).

Os séculos XVII e XVIII foram marcados pelos debates entre inovadores e conservadores. O elemento comum entre ambos era a vinculação com o Humanismo italiano. Os inovadores estavam diretamente ligados aos humanistas, e alertados por Galileu, pretendiam a superação do obstáculo que os próprios humanistas não foram capazes de transpor: a independência total em relação à teologia. Como Galileu já havia constatado, os filósofos humanistas acabaram tentando conciliar os pressupostos

19- Acredito ser uma simplificação certas análises que mostram o período subsequente ao Renascimento como de crise e decadência do pensamento italiano, é necessário ter presente para esta reflexão o caráter repressivo que a Inquisição exerceu sobre as regiões da Europa fieis ao catolicismo, em especial a Itália, Espanha e Portugal.

filosóficos redescobertos com os dogmas da religião cristã.

É necessário que se tenha claro que, mesmo assumindo as novas idéias que vinham de fora da Itália, os inovadores continuavam firmes na sua vinculação com as redescobertas do período anterior, tanto foi assim que o estudo das obras de Descartes se fazia ao lado das teorias atomistas e mecanicistas de Epicuro e Lucrecio.

O esforço dos inovadores pretendia consolidar na Itália o que já havia ocorrido em outras partes da Europa: a independência da ciência e da filosofia em relação à teologia.

Os conservadores estavam presos à escolástica e, colocados ao lado dos jesuítas, combatiam os inovadores, acusando-os de tentar, com as novas idéias, negar as verdades reveladas pela religião. Este grupo, no campo filosófico, defendia, em consonância com a religião, a doutrina aristotélica, contrapondo-a às novas idéias filosóficas.

Entre as novas correntes da Filosofia Moderna o cartesianismo exerceu grande influência e causou inúmeras polêmicas no ambiente intelectual italiano, e se pode até afirmar sobre o surgimento do cartesianismo italiano que floresceu durante os séculos XVII e XVIII. Segundo Garin, a característica marcante desta corrente era

«a exigência de inserir sobre bases agostinianas e galileanas as novas concepções religando-as à tradição renascentista...o apelo à interioridade, e o acesso à Deus pareciam enriquecer de termos novos a tradição platônico-agostiniana, enquanto o método e a concepção mecanicista do universo se

encontravam com as instâncias galileanas»
(1978:864)

Do ponto de vista estritamente filosófico, o cartesianismo estava vinculado à retomada de Platão através dos neoplatônicos contra o aristotelismo tomista. Para o pensamento científico, o cartesianismo dava continuidade à física de Galileu. O cartesianismo italiano apresentava um elemento muito peculiar, que era o ecletismo²⁰.

Os intelectuais italianos absorveram o cartesianismo em meio a continuidade às teorias de Epicuro e Lucrécio, de uma nova interpretação de santo Agostinho e quase sempre estabelecendo relações com Platão.

As leituras de Descartes eram feitas nos domínios da medicina, da física, da matemática, da metafísica, da moral, enfim o cartesianismo constituiu-se na última filosofia que havia chegado para consolidar de uma vez por todas a independência da livre indagação sobre a natureza.

Através das fontes disponíveis, tanto ao nível de textos da época como através da história da filosofia italiana, percebe-se que o ecletismo colaborou para que ocorresse um revigoramento da vida intelectual italiana, rompendo o isolamento

²⁰- A peculiaridade dos italianos, mencionada na página 51, está fundada no ecletismo, muitas vezes associado ao estilo barroco. É possível que esta postura eclética fosse uma maneira de escapar à censura da Igreja. A distinção entre as idéias de Galileu e Platão é muito clara, porém, no século XVII houve uma aproximação entre os dois autores, como tentativa de continuidade da reflexão científica rumo a positividade da ciência. Esta nota está baseada na História da Filosofia Italiana de Eugenio Garin.

que a Contra-reforma tentava impor, favorecendo a atividade filosófica, resgatando a originalidade dos vários filósofos humanistas e revitalizando as suas investigações através de novos parâmetros.

As restrições feitas ao cartesianismo eram muito fortes. Além disso, outro aspecto concorreu para a censura ao cartesianismo na Itália. Relacionado a esta questão estava o fato de esta corrente filosófica ter sido adotada por jansenistas²¹, em especial na França, com Pascal, Arnauld e outras pessoas próximas a estes. Além da reação contrária as idéias de caráter filosófico e científico, o cartesianismo encontrava-se também envolvido em uma polêmica ainda maior ligada ao campo teológico.

Na Itália esta associação do cartesianismo com o jansenismo não foi diferente. Foi em Nápoles, entre os séculos XVII e XVIII, que as polêmicas entre cartesianos italianos e conservadores foram mais calorosas, ocorrendo inclusive a instalação de um tribunal de inquisição para julgar um grupo de intelectuais adeptos ao cartesianismo. Os inovadores eram sempre acusados de estarem vinculados à doutrina de Descartes e serem adeptos do jansenismo

«Paolo Mattia Doria nas suas *Risposte a*

²¹- Segundo o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, o Jansenismo consistia na doutrina, de caráter reformista, do bispo Cornélio Jansênio (1585-1638) vinculada à teoria da graça de santo Agostinho, que por sua vez contrapunha-se ao relaxamento da moral eclesiástica patrocinada principalmente pelos jesuitas. A este respeito é muito valioso o artigo do professor Franklin Leopoldo e Silva "Sobre alguns aspectos da relação entre fé e saber no século XVII" in: Discurso, s/d.

Francesco Maria Spinelli della Scalea, saídas em Nápoles em 1723, recordará também ele a escola de Caloprese [um inovador] onde se ensinava "a filosofia de Renato, a doutrina do senhor Arnaldo, do senhor Pascal e dos outros senhores de Port-Royal", não sem maldade insinuando que na escola de Caloprese o Spinelli estava embebido ao mesmo tempo de erros cartesianos e heresias jansenistas» (1978:877)

Essa foi uma constante do período em questão, com muitas acusações de caráter religioso que tinham por trás o interesse da Igreja, através dos conservadores, em rechaçar as novas idéias que conseguiam aos poucos penetrar na Itália. Os inovadores por sua vez se defendiam argumentando que a filosofia de Descartes em nada era nociva à religião católica, estando os pressupostos do cartesianismo de acordo com Platão, que por sua vez estava em consonância com o cristianismo. Para um intelectual inovador da época, Spinelli -mencionado na citação anterior

«um bom e verdadeiro cartesiano não deve censurar Platão: mas para entrar no interior da profunda filosofia deve seguir necessariamente este filósofo» (GARIN, 1978:878)

Por outro lado, o fato de os inovadores serem chamados de jansenistas era decorrência da oposição que estes faziam aos jesuítas e as suas idéias; ainda segundo Garin

«de resto falando-se de jansenismo italiano, se deve aceitar o vocábulo no sentido mais abrangente, e considerar todos os antijesuítas da teologia, da moral, das muitas questões de detalhes nas quais se concretiza a vida religiosa» (1978:905)

A reação dos conservadores foi muito mais um momento

de resistência à nova mentalidade, enquanto que os inovadores se opunham aos desdobramentos da Contra-reforma e tentavam resgatar a herança reanscentista, agora revigorada pela valorização do sujeito a partir das potências da mente humana.

Houve na Itália dos séculos XVII e XVIII um esforço muito grande em participar e inserir-se no contexto da Filosofia Moderna. Este período foi um esforço de síntese que tornou-se possível graças à conjugação de uma série de fatores que abriram aos pesquisadores daqueles tempos (cientistas, filósofos, artistas e também teólogos) a possibilidade da livre indagação que tinha na razão o único guia confiável. Foi neste ambiente intelectual que Vico viveu e formulou a sua filosofia, fiel à tradição procurou estar dentro dos debates da Modernidade, lembrado sempre como um conservador, conseguiu ser revolucionário nos estudos do homem.

O lugar de Vico na Filosofia Moderna

Até as primeiras décadas deste século, Vico era estudado como um pensador idealista, isolado do seu mundo e anacrônico em relação ao mesmo.

Esta apresentação muito se deve aos estudos realizados por Benedetto Croce²², que pretendia fazer de Vico

²²- A respeito da leitura de Vico realizada por Croce, é interessante observar a crítica feita por Gramsci a esta leitura:

«A proposição de Giambattista Vico "*verum ipsum factum*", tão discutida e diversamente

um proto-Hegel, considerando o conjunto de sua obra o pensamento do século XIX em germinação (CROCE, 1980:223/226).

Outros estudiosos, contemporâneos à Croce, apresentavam Vico como um pensador em sintonia com o pensamento do século XVI devido às suas posições conservadoras; outros ainda o viam como filósofo irracionalista. A partir da segunda metade deste século um segmento universitário norte americano passou a estudar a obra de Vico, contando com muitos professores universitários e produzindo vários trabalhos importantes sobre a filosofia de Vico bem como a sua relação com campos de estudo posteriores ao autor, como a sociologia e a psicologia social. No entanto, parte destes estudiosos acabam apresentando Vico como um filósofo da imaginação²³.

Percebe-se que desde o início deste século, até mesmo nos nossos dias, não há um consenso quanto ao lugar de Vico na história do pensamento.

interpretada (cfr. o livro de Croce sobre Vico e outros escritos polêmicos do próprio Croce), desenvolvida por Croce no sentido idealista de que o conhecer seja um fazer e que se conhece o que se faz...termina em uma tautologia (concepção que, entretanto, deve ser relacionada com a concepção própria da filosofia da *praxis*)» (1986:51 - grifo meu).

²³- A imaginação na obra de Vico ocupa um lugar de destaque, ele defendia a idéia de que ela é uma das capacidades da mente humana e deve ser exercitada na idade adequada, ou seja durante a infância, desta forma a imaginação faz parte da triade do método de estudo proposto por Vico: sentir, imaginar e raciocinar, pela ordem. No entanto, tomar a imaginação como fundamento do sistema filosófico de Vico, seria confundir-lo com o estágio da humanidade que ele procurou pesquisar, as idades bárbara e heróica, onde os homens agiam através dos sentidos e da fantasia respectivamente.

No decorrer deste século essa abordagem foi sendo reconsiderada pelas análises mais cuidadosas da vida e da obra de Vico tendo sempre presente o contexto filosófico europeu e napolitano em que ele viveu. Estes estudos conseguiram mostrar a ligação que existe entre Vico e o seu tempo.

A idéia de um autor isolado do seu tempo passou a ter uma outra conotação²⁴; se existia um isolamento entre Vico e o seu tempo, este isolamento não significava que o filósofo estava alheio aos estudos que eram desenvolvidos. O isolamento se fazia em função das dificuldades que se colocavam, nas palavras de Rossi

«Em 1729 Vico escreve que há bem uns vinte anos havia estabelecido de não ler mais livros. A sua frase não tem somente um valor retórico. Vico é um pensador isolado porque refuta a cultura do seu tempo e porque, por causa de sua total ignorância das línguas estrangeiras modernas, perdeu os contatos com o mais recente pensamento europeu, com o trabalho desenvolvido pelos filósofos, pelos cientistas, pelos históricos, pelos eruditos» (1988:21)

24- No ano de 1725, atendendo ao convite de um nobre italiano, Vico escreveu a sua autobiografia, neste livro ele se apresenta como um autor isolado das discussões da época por não aceitar as novas idéias que penetravam no ambiente intelectual napolitano

«Por todas estas coisas, Vico se bendiz por não haver tido mestre nas palavras por ele juradas, e agradeceu àquelas selvas, nas quais, guiado pelo seu bom gênio, tinha feito o maior curso dos seus estudos sem nenhum afeto de seita, e não na cidade, onde, como na moda, se muda a cada dois ou três anos o gosto das letras» (VICO, 1725:27)

A figura de Vico encontra-se em meio a esta grande controvérsia que foi o período subsequente ao Humanismo italiano, um momento onde a luta entre o novo e velho. Sua posição em meio a controvérsia era muito própria, é esta posição que o faz peculiar, pela sua postura crítica ante aos desdobramentos da filosofia e dos caminhos das ciências. Ao contrário de muitos dos seus contemporâneos, também conservadores convictos, ele optou por atacar o cientificismo sem pretender destruir a ciência. Vico esforçou-se por ser um homem de ciência, porém optou por trabalhar com a matéria desdenhada por Descartes e seus seguidores, ele dedicou-se a demonstrar a história como a nova ciência.

Normalmente seria fácil classificar Vico como um pensador conservador. Porém, ao analisar os seus escritos, encontram-se outros elementos que colocam em dúvida o seu lugar na filosofia. Marcadamente ele é conservador porque defendia a ortodoxia da religião cristã, contrário aos questionamentos que se faziam sobre a narrativa bíblica quanto à história do mundo.

Vico defendia como grande marco da história o dilúvio universal. Universal porque afirmava, baseado em vários relatos, que todas as nações antigas testemunhavam ter havido em sua história um dilúvio. Após o dilúvio tem início a história das nações gentílicas²⁵.

²⁵- Tradicionalmente se classificava, até bem pouco tempo, que a história tem início com a escrita, sendo o período anterior a pré-história. Vico não fazia esta distinção, para ele existe apenas a história, que entre os gentios era preservada pela

A posição assumida no estudo da história antiga faz dele um inovador, o seu conservadorismo está ligado aos novos desenvolvimentos no campo da astronomia e da história natural.

Vico é tido como conservador porque assume nos seus livros a doutrina da religião cristã²⁶, mas no entanto, ele escreve sobre os gentios, analisando de maneira apaixonada como os vícios privados iam se convertendo em virtudes públicas durante a caminhada das nações na direção da sociedade civil, momento da celebração da racionalidade plena.

Sobre as relações de Vico com a Igreja é interessante mencionar a sua frustração quando em 1724 ele recebeu uma negativa do cardeal Corsini (mais tarde papa Clemente XII) quanto ao financiamento da sua *Ciência Nova*. Esta situação obrigou-o a publicar apenas a formulação positiva do seu sistema filosófico, ficando de fora a formulação negativa que continha as suas críticas ao cartesianismo e aos teóricos do direito natural (1725:60).

O traço mais importante para situar Vico no cenário da Modernidade é a o seu esforço em trabalhar a relação existente entre a filosofia e a ciência, continuando assim aquela linha moderna do pensamento italiano iniciada no século XVI e que encontrava-se fora da ótica da Igreja católica.

poesia fundadora das nações com as religiões bárbaras.

²⁶- A título de curiosidade, Vico é um defensor exaltado da religião cristã, porém não se encontra em sua obra uma única vez o nome de Jesus Cristo.

Outro traço moderno de Vico é a sua autobiografia, trabalho muito comum entre os modernos, reflete bem a importância que o homem dá à sua obra, promovendo-se através dela. Apesar de toda pregação da Igreja em favor da humildade e simplicidade, em uma palavra a submissão, encontra-se nas páginas da *Autobiografia* um relato em terceira pessoa (Vico contando a trajetória dos seus estudos e da formação do seu pensamento) que apresenta o filósofo como um dos maiores expoentes da cultura européia pelo valor da sua obra²⁷.

Apesar de fazer um relato da vida de maneira um tanto tendenciosa, passando muitas vezes a imagem de um Vico estranho a tudo, nota-se por outro lado a honestidade em mostrar as condições em que produziu as suas obras, as dificuldades financeira, a saúde sempre debilitada, a incompreensão dos seus concidadãos. No entanto, o mais importante para esta dissertação é sua observação apurada sobre o comportamento das crianças. Para o seu sistema filosófico lhe permitiu estabelecer relações com o comportamento dos homens primitivos. Inúmeras são as passagens na *Ciência Nova* em que ele menciona o exemplo por ele observado nas crianças²⁸.

27- Além do seu valor como itinerário das idéias, a *Autobiografia* é também, sem dúvida, uma grande obra literária que ilustra muito bem aquela época de crença na razão e nas possibilidades do sujeito.

28- Se o surgimento da infância é obra da pedagogia moderna, temos então em Vico um pedagogo moderno, e mais, um dos primeiros a observar os estágios do desenvolvimento da mente humana, buscando com isso um método de estudo adequado a cada idade, sobre este assunto trataremos no capítulo IV.

A *Autobiografia* foi um marco na vida intelectual de Vico, ela é a linha divisória do seu pensamento. Anterior à ela, foram escritas três das obras maiores, além de uma série de escritos menores. No mesmo ano da publicação da *Autobiografia*, era publicada também a sua obra mestra, a *Ciência Nova*. Posteriormente esta obra seria praticamente reescrita, sendo considerada a segunda edição de 1730 como um outro livro. No ano de seu falecimento, seis meses após a sua morte, em julho de 1744 foi publicada uma nova edição, que nas palavras de Vico continha um grande número de correções, esclarecimentos e notavelmente acrescida²⁹.

Na última *Ciência Nova*, encontramos em várias passagens uma continuação, ou atualização da *Autobiografia*, sempre associando as idéias expressas no livro à grande fadiga da sua vida de estudos. Na *Ciência Nova* está a síntese vivida pelo autor ao longo de sua trajetória, das leituras dos clássicos feitas nas "selvas" de Vatolla até a celebração da "cidade" com suas academias na redação definitiva da sua *Ciência Nova*. Pela obra de Vico é possível entrarmos em contato com as peculiaridades do mundo cultural europeu que vai do Humanismo até as vésperas do Iluminismo

«Na *Autobiografia* Vico, recontando a história da própria vida, reconta também a história do

²⁹- Devido as reformulações feitas na segunda edição de 1730, a obra passou a ser chamada de *Ciência Nova Segunda*. Finalmente, a edição póstuma de 1744 é a mais usada, sendo chamada pelo mesmo nome da edição de 1730, e não como ciência nova terceira, como poderia parecer.

próprio pensamento, e isto em um sentido bem profundo, com a intuitiva e ao mesmo tempo consciente exigência de identificar o curso da vida com o curso da filosofia...A Autobiografia é toda viva desta convicção. Se toda a vida dele, Vico, era destinada à criação da Ciência Nova, aquela vida vista em relação ao seu fim, se ordena espontaneamente segundo os princípios fundamentais que a Ciência Nova havia descoberto...a verdadeira história é a história da obra que é do indivíduo que se lança a sua realização universal» (PACI, 1949:14)³⁰

Dada a importância da *Autobiografia*, ela passa a ser o guia para o estudo da formação do pensamento filosófico de Vico. Apesar de algumas passagens que os críticos questionam a veracidade das afirmações, tais passagens dizem mais respeito à vida do autor e não ao objeto em estudo: a formação do seu pensamento.

A formação escolar de Vico foi muito irregular, feita basicamente na tradição jesuítica do *Ratio Studiorum*³¹, alternando momentos em que ele frequentou cursos regulares e outros e que ele ficava estudando em casa por conta própria. Na *Autobiografia* este período é pouco comentado, ele preferiu dar maior ênfase ao seu "autodidatismo", afirmando que entre os 16 e 20 anos ele fez uma série de estudos sobre os filósofos antigos e modernos, manifestando maior predileção pelos autores clássicos

30- Borges tem uma afirmação muito próxima à Paci, obviamente não se referindo à Vico, mas que poderia ser empregada para aquilatar o esforço deste filósofo: "o que importa é a obra, e a obra é em si misteriosa"

31- Esta informação encontra-se também em duas passagens do livro *O método pedagógico dos jesuítas*, do padre Leonel Franca, nas páginas 06 e 54.

do mundo greco-romano.

No ano de 1699, Vico tornou-se professor de retórica do curso de direito da Universidade de Nápoles, cargo que ocupou por quase quarenta anos.

Nos anos da maturidade Vico iniciou os delineamentos do seu sistema filosófico, deixando para trás, sem abandoná-las definitivamente, muitas posições assumidas durante a juventude.

Entre as posições abandonadas na idade adulta, duas merecem ser lembradas. A primeira é a influência exercida por Lucrécio durante a juventude. A segunda refere-se ao contato com os cartesianos napolitanos³².

Nos seus dois primeiros trabalhos de cunho filosófico, Vico defendia a superioridade dos antigos em relação aos modernos, defendendo a tese de uma sabedoria oculta que haveria se perdido com o dilúvio universal. Aí reside o seu

³²- Entre os anos de 1688 e 1693, um grupo de jovens intelectuais napolitanos responderam a um processo movido pela Santa Inquisição, sendo acusados de ateísmo por assumirem idéias cartesianas. No artigo «Giambattista Vico e o processo contra os "ateístas" napolitanos - 1688-1693», publicado em *Salesianum*, 1947, 326-42, C. Cappello supõe que Vico pudesse ter alguma ligação com aqueles jovens, sendo na juventude um cartesiano, posição mais tarde combatida em função do temor às autoridades eclesiais. Para Cappello, teria sido este o motivo, o processo, que levou Vico a se retirar de Nápoles durante nove anos, período em que foi preceptor dos filhos do nobre Domenico Rocca, na cidade vizinha de Vatolla nel Cilento (1686-1695). Segundo F. Amerio não existem provas documentais suficientes para sustentar tal posição, em suas palavras:

«As "debilidades e erros juvenis" que Vico se lamenta em uma carta (ao padre Giacco -21 de out. de 1720), e as boas relações com alguns implicados no processo de ateísmo celebrado em Nápoles nos anos em torno de 1690, são muito pouca coisa e muito pouco significativo para ter o peso de uma assim chamada documentação» (1954:1573)

conservadorismo assumido. Mas é necessário uma reflexão mais cuidadosa, da sua posição.

No seu livro de 1709, *De nostri temporum studiorum rationae* que nas traduções italianas aparecem como "O método dos estudos do nosso tempo", ele coloca em confronto os antigos e os modernos, tomando partido dos antigos. Porém, ele já deixa claro o seu propósito: tentará analisar as vantagens e desvantagens entre uns e outros, tentando com isto corrigir o nosso método naquilo que ele tem de inadequado à ordem dos estudos. Como se vê, não se trata de uma desconsideração pura e simples dos modernos.

A crença na superioridade dos antigos foi sendo reformulada a partir do momento que ele passa a estudar a linguagem dos antigos e constata que elas não guardam em si profundas verdades filosóficas, mas justamente a simplicidade de mentes rudes que estavam dominadas pelos sentidos e não conseguiam expressar-se de maneira plenamente racional, e criavam as alegorias para falar das coisas naturais, atribuindo-lhes forças sobrenaturais.

Como as suas críticas iniciais eram direcionadas aos estudos no campo das ciências naturais, estas dominadas pelo método cartesiano, colocava Vico ao lado dos conservadores que eram os adversários dos cartesianos. Este período marca também o início de uma polêmica que consumiria boa parte da sua vida de estudos: a crítica à física cartesiana.

Sobre esta polêmica, e tomando como tema de sua reflexão as ciências naturais, Vico publicou em 1710 *De*

antichissima italorum sapientia ex linguae latinae originibus eruenda (Da antiqüíssima sabedoria dos itálicos, de onde deduz-se as origens erudita da língua latina). Apesar do título, na verdade Vico formulou críticas aos físicos cartesianos

«Aos físicos "arquitetos do mundo", a uma física que pretende ter decifrado as leis que presidiram à construção do universo, Vico contrapõe então o tema, tipicamente empirista baconiano, do cientista que avança pensosamente, "às apalpadelas" naquele complicado labirinto que é a natureza... A posição que ele assume diante do empirismo é significativa: a fé baconiana em uma ciência capaz de instaurar o domínio do homem sobre o mundo. lhe parece entretanto ímpia pela pretensão racionalista e cartesiana de ter decifrado as estruturas da realidade» (ROSSI, 1988:17/8)

Profundo admirador de Bacon, no entanto, Vico faz as suas restrições à posições que ele identificava como "racionalistas e cartesianas", porém na física ele opta pela posição típica do Humanismo do século XVI, assumindo o empirismo apenas para contrapor-se aos físicos cartesianos. Esta proximidade entre o seu pensamento e o pensamento italiano do século anterior é apresentado por Rossi, com as seguintes características

«Ao mecanicismo e ao corpuscularismo da ciência moderna Vico contrapõe uma cosmologia de origem gnóstico-cabalista refazendo, em pleno século XVIII, os motivos da tradição hermética e os temas vitalistas do *Timeo* platônico... Nestes escritos conflitavam as hereditariiedades de Paracelso e de Agrippa, o neoplatonismo e a cabala, o hermetismo e a temática dos rosacruz, o simbolismo místico e o alegorismo bíblico. Esses representavam na cultura européia o resíduo mais usado de uma mentalidade "mágica" contra a qual Galileu e Bacon haviam polemizado» (1988:19)

Estas posições prevaleceram até o final da terceira década do século XVIII, entre 1720 e 1725, Vico abandona o campo naturalista e procura desenvolver seus estudos baseando-se para isto em Bacon, Platão, Tácito e Grocius, autores que ele, em sua *Autobiografia*, menciona como os prediletos, que lhe proporcionaram a possibilidade de realizar a síntese entre filosofia e filologia, instaurando assim a nova arte crítica, que segundo ele, no final da vida, dizia ter-lhe consumido a maior parte da sua vida de estudos.

Deve ser destacado também nesta mudança a influência de Malebranche e sua obra *Recherche de la verité* (1674), quando é tratada a natureza das idéias. A posição de Vico aproxima-se muito daquela de Malebranche a respeito do mundo natural e que estavam presentes no desenvolvimento da teoria do "verum-factum". Encontramos nos dois filósofos a convicção de que Deus contém em si as idéias de todos os seres que criou e vê todos estes seres. O homem participa com Deus desta realidade mas não pode com seu intelecto igualar-se à Deus. Desta limitação anteriormente bem definida por Malebranche, Vico optou por pesquisar a verdade nas coisas humanas.

A grande diferença entre o desenvolvimento dado por Vico ao seus estudos em relação à influência de Malebranche diz respeito à história exatamente. Malebranche na *Recherche* afirma que a história e a erudição nos afastam da meditação. Neste ponto Vico segue um caminho próprio elegendo a história como uma ciência fundamental para a reflexão filosófica.

Com relação aos quatro autores mencionados na

Autobiografia, Vico justificou a escolha, atribuindo a estes autores características que julgava fundamentais: Platão por considerar o homem como ele deve ser; Tácito por considerá-lo como ele é; Bacon por ocupar-se da filosofia e da filologia. Grocius, embora sendo um autor protestante, era considerado por conseguir realizar a síntese entre filosofia e filologia (1725:39-48).

As obras mencionadas anteriormente, são sempre apresentadas como "escritos anteriores à *Ciência Nova*", mas são extremamente importantes para a compreensão de sua obra maior, porque destas obras saíram os temas que foram reestruturados no decorrer de sua mudança de posição.

Das duas primeiras obras ficaram como elementos que foram trabalhados com insistência nas décadas seguintes a oposição à física cartesiana e aos manuais de Port-Royal (*O método dos estudos do nosso tempo*), a doutrina do verum-factum e os estudos da linguagem dos antigos (*Da antiquíssima sabedoria dos itálicos*).

Quanto a crença na sabedoria inatingível dos antigos, esta tese foi reformulada nos anos seguintes quando Vico passou a ocupar-se dos estudos sobre o direito natural contrapondo-se aos contratualistas protestantes. Destes novos campos de estudo, a filologia, o direito natural, a mitologia, entre outros, surgiu uma nova visão de idade primitiva. Contribuiu para esta mudança algumas descobertas incontestáveis feitas pelos modernos

«Os advogados da superioridade dos modernos e os defensores da não-inferioridade dos modernos em relação aos antigos utilizarão basicamente dois argumentos para sustentar sua tese: as

descobertas da técnica, que modificaram profundamente a vida dos homens...as grandes descobertas geográficas, que unificaram o mundo...Desse reconhecimento do significado revolucionário das grandes invenções dos modernos nascia a rejeição do mito de uma época áurea do gênero humano e de uma antiga e incomparável sabedoria oculta» (ROSSI, 1989:70/1)

Entre seus dois primeiros escritos e a *Ciência Nova*, começou a ser publicada, em 1720, uma outra obra, o *Direito Universal*, composto de dois livros, o primeiro intitulado "De uno universis iuris principio et fine uno" (julho de 1720), e o segundo "De constantia iurisprudentis" dividido em dois livros "De constantia philosophiae" e "De constantia philologiae" (agosto/setembro de 1721). Segundo muitos estudiosos nesta obra encontrava-se os delineamentos da *Ciência Nova*, mais tarde publicada em 1725. Nesta obra Vico assumiu mais um traço moderno ao redigi-la em língua vernacular.

Em suma, Vico foi um filósofo muito complexo. Na apreciação dos seus livros encontram-se elementos estranhos aos seus autores preferidos. Apesar de todo combate que ele desenvolveu contra o cartesianismo, percebe-se nos seus escritos uma influência positiva do racionalismo. Provavelmente, quando Vico escreveu a sua autobiografia, ele não tinha em mente revelar ao público, de maneira precisa, a sua formação intelectual, procurando mencionar os autores que ele julgava apropriado.

É inegável a presença de outros autores em sua vida de estudos, entre estes podem ser mencionados seguramente Malebranche, Hobbes, Galileu, Descartes, Espinosa, Leibniz.

A este respeito Rossi escreveu, lembrando uma

afirmação de sir Isaiah Berlin:

«A propósito da ausência em Vico de toda referência a essas fontes, afirmou [Berlin] que isso não demonstra nada, porque "as idéias viajam sem etiqueta", como o evidencia o fato de que muitos foram influenciados por Marx ou Freud, mesmo que jamais os nomearam de maneira explícita... Entre a metade do século XVII e a metade do século XVIII, independentemente de Vico e em terrenos culturais muito diversos, foram elaboradas doutrinas e teorias que os estudiosos de Vico designam "viquianas"... No que me concerne, continuo tanto a acreditar na "solidão" de Vico em seu tempo quanto na presença em seu pensamento, de muitas, grandes e decisivas "inovações" (1992:12)

A busca obstinada por fazer-se entender custou-lhe a incompreensão dos seus contemporâneos, porém é inegável a superação de suas limitações, reescrevendo constantemente a *Ciência Nova* ele procurou apresentar de maneira clara e exata a sua reflexão sobre o homem que supera as suas limitações no curso da história através da caminhada em direção a racionalidade plena. A *Ciência Nova* é também a conclusão da sua autobiografia, iniciada em 1725, pois a cada passo corrigido ele remete o leitor à posição assumida anteriormente, sempre dizendo que estas descobertas custaram-lhe muita fadiga e boa parte da sua vida de estudos.

Outro traço necessário de ser lembrado e que contribui para localizar Vico entre os modernos foi a mudança de língua para as várias redações da *Ciência Nova*. Até o *Direito Universal* Vico escrevia em latim, a partir daí optou pelo italiano. Não se trata apenas de uma moda européia - escrever na língua nacional - mais ainda, procura estabelecer uma identidade entre a obra e o quadro conceitual exposto

«Porque no deixar a língua latina que dominava como grande senhor, pela língua italiana...e no aderir também ele, velho humanista, o defensor do estudo das línguas clássicas, contra aquele movimento que havia levado e levava à vulgarização da ciência e da filosofia, Vico se comprometia de alcançar uma forma didaticamente mais feliz e acessível a um maior número de leitores...com o fim de dar um caráter menos escolástico a esta obra, a única entre as suas, manifestava-se que gostaria que permanecesse e fosse apresentada ao juízo dos verdadeiros sábios» (FUBINI, 1965:09/10)

A sua obra ficou como um marco para a filosofia da história, como quase sempre é lembrada, porém, Vico é um referencial para a psicologia social, para a filosofia da linguagem e para a estética pelas suas análises da poesia antiga expressa na mitologia. A busca de uma ciência nova seduziu muitos homens daqueles séculos, entre eles Vico, que não se importou em ser duramente criticado e incompreendido pelos seus concidadãos

«Em suma, de tudo que foi discutido nesta obra, é de finalmente concluir-se que esta Ciência tras indivisivelmente consigo o estudo da piedade, e que, não sendo piedoso, não se pode ser verdadeiramente sábio» (1744:708)

CAPÍTULO II

Vico entre os antigos e os modernos

Os primeiros trabalhos elaborados por Vico no início do século XVIII não eram exclusivamente filosóficos; sem fazer distinção, Vico adentrava nos campos das ciências naturais, do direito, da política, da filologia, tratava-se ainda de uma formulação negativa, que tinha por objetivo geral criticar as principais correntes do pensamento moderno, em especial os cartesianos e os autores protestantes.

Tomando-se por base as três primeiras obras publicadas: *O método dos estudos do nosso tempo* (1709), *Da antiquíssima sabedoria dos itálicos* (1710) e o *Direito Universal* (1720-1722), podemos notar que elas representam o esforço de Vico em participar dos temas do pensamento moderno e das polêmicas deles decorrentes.

Nos dois primeiros trabalhos o alvo das críticas foi o cartesianismo embasadas na crença comum dos séculos XVI e XVII

da superioridade dos antigos. Tradicionalmente a obra de 1709 é lembrada pelo seu valor histórico, para esta dissertação será muito importante como primeiro delineamento do pensamento de Vico, sendo muito útil quando no capítulo IV for abordado o pensamento pedagógico de Vico.

A obra de 1710 é o início da formulação do sistema filosófico, apresentando os primeiros esforços na direção dos estudos filológicos e a base da gnosiologia viquiana através da teoria do *verum-factum*.

O *Direito Universal* abandonou a ênfase excessiva ao cartesianismo para passar a criticar os teóricos do direito natural; para Rossi esta obra já era um primeiro esboço da *Ciência Nova* (1988:46). Ficou como contribuição desta obra a formulação de uma teoria da história como ciência vinculada ao pensamento filosófico e servindo de base aos seus estudos da linguagem.

Inicialmente, Vico pretendia com suas idéias atingir três objetivos básicos: combater o cartesianismo, defender a superioridade dos antigos e preservar a credibilidade da narrativa bíblica.

Com estes objetivos esperava demonstrar que o conhecimento matemático não é a única expressa da verdade (crítica à filosofia cartesiana), que a linguagem dos antigos encerrava profundas verdades (a superioridade dos antigos) e finalmente que a providência divina atua na organização social e que portanto existe direito no estado natural (preservação da verdade da religião).

«tratava-se então, para Vico, de acolher a hipótese dos homens-bestas, procurando ao mesmo tempo não comprometer o mito da criação de Adão e, portanto, de *não fazer coincidir* a vagueação ferina, como faziam Lucrécio e os Epicuristas, com o aparecimento do homem sobre a terra. Para salvar a verdade da narrativa bíblica, era necessário: a) manter fora da história os tempos antediluvianos; b) aceitar os 6 mil anos da cronologia cristã; c) manter a história do povo hebreu rigorosamente distinta da história das nações gentílicas; d) apresentar a *ferinidade* como uma punição divina, subsequente ao dilúvio. Para um cristão, aqueles homens-bestas deviam ser somente os filhos degenerados dos homens, que em certa época, haviam povoado determinada zona da terra» (ROSSI, 1992:302)

A reconstrução do caminho trilhado pelas nações gentílicas implicava em estudos nos vários campos do conhecimento, sendo a filosofia o elemento articulador que dá sentido universal à história da humanidade. Estes campos do conhecimento trabalhados por Vico foram o direito natural, a jurisprudência, a teologia, a história natural, a política e a filologia. Esta última, sem dúvida, foi o campo mais trabalhado, uma vez que através da filologia é possível a realização de uma arqueologia, que revela, ao mesmo tempo que demonstra, a verdade sobre a evolução dos povos gentios da barbárie à civilização, dos sentidos à razão³.

³- Para este passo e outros que seguirão é fundamental a análise do Axioma X (Livro I, seção II - Dos elementos):

«A filosofia contempla a razão, de onde vem a ciência do verdadeiro; a filologia observa a autoridade do arbítrio humano, de onde vem a ciência do certo...Esta mesma dignidade demonstra ter errado pela metade os filósofos que não acertaram as suas razões com a autoridade dos filólogos, como os filólogos que não cuidaram de confirmar as suas autoridades com a razão dos filósofos; o que se tivesse feito, teriam sido mais úteis às repúblicas e

Na Idéia da obra (*Ciência Nova*) Vico diz que até então os homens haviam contemplado o mundo em seu lado que não se dá completamente ao conhecimento, ele referia-se ao mundo físico; o seu trabalho era contemplar o mundo em sua face que se dá ao conhecimento do homem, o mundo civil das nações

«nesta obra, mais alta lançando-se, contempla em Deus o mundo das mentes humanas, que é o mundo metafísico, para demonstrar a providência no mundo dos ânimos humanos, que é o mundo civil das nações» (VICO, 1744:86)

Sendo assim, enquanto metafísica sua obra é o refletir uma história ideal e eterna que se realiza guiada pela Providência Divina. As histórias particulares dos vários povos revelam a verdade do plano da Providência, de que todos os homens (hebreus ou gentios) são racionais.

Por outro lado, enquanto ciência, ao observar o homem demonstra os estágios de desenvolvimento e plenitude da razão através das transformações da mente humana

«Os homens primeiro sentem sem perceber, depois percebem com ânimo perturbado e comovido, finalmente refletem com mente pura. Esta dignidade é o princípio das sentenças poéticas, que são formadas com sentidos de paixões e de afetos, a diferença das sentenças filosóficas, que se formam pela reflexão com raciocínios: onde estas mais se aproximam do verdadeiro quanto mais se lançam aos universais, e aquelas são mais certas quanto mais se aproximam dos particulares» (VICO, 1744:200)

Universal e particular confirmam a verdadeira natureza humana: todos os homens, em todos os tempos, são

nos haveriam antecedido no meditar esta Ciência» (1744:178).

racionais. A história apresenta a caminhada do gênero humano da barbárie à civilização, o homem traz em sua mente esta caminhada:

«Mas em tal densa noite de trevas onde está coberta a primeira de nós distantíssima antiguidade, aparece esta luz eterna, que não se põe, desta verdade, a qual não se pode colocar em dúvida: que este mundo civil foi feito pelos homens, e nele se pode, porque se deve, encontrar os princípios nas modificações de nossa mente humana» (VICO, 1744:231/2)⁴

A opção de Vico é muito clara, ele não quer mais trabalhar com a história natural, e por isso coloca-se contrário aos naturalistas e cartesianos - "esta sua dupla refutação o coloca para fora dos horizontes da ciência moderna" (ROSSI, 1988:18) - porém, o coloca como um moderno que trabalha com a ciência humana.

O colocar-se fora da ciência moderna, deve ser entendido não como uma atitude de revolta, negação e afastamento espontâneo da cena da filosofia moderna. Ao contrário, o colocar-se de fora é muito mais a incompreensão, que resultou no seu isolamento, na falta de interlocutores e de interesse pelos seus trabalhos, lembrando mais uma vez uma afirmação de Rossi: o colocar-se fora era também reflexo das dificuldades em acompanhar os últimos desenvolvimentos dos estudos do seu tempo pela dificuldade em ler os textos escritos nas línguas nacionais da

⁴- Nesta nota está presente a concepção cíclica da história, quando ele diz "a primeira de nós distantíssima antiguidade", a segunda antiguidade foi para Vico a Idade Média com as ordens feudais. Finalmente, é inegável também o traço racionalista quando ele afirma que os princípios do mundo social podem, porque devem, ser encontrados "nas modificações da nossa mente humana mesma" - a experiência do sujeito com a sua própria razão como caminho para conhecer a verdade da realidade.

Europa do século XVIII, limitando-se as traduções italianas saídas em Nápoles, ou outra região da Itália (Capítulo I, p.).

Portanto, embora tivesse sido um conservador para a sua época, Vico conseguiu realizar uma reflexão que o levou a formular um sistema filosófico voltado para a positividade da ciência, ocupando-se dos elementos que são anteriores ao exercício pleno da razão. Encontramos em Vico alguns avanços que os racionalistas não conseguiram engendrar por estarem ofuscados com o brilho intenso da razão que posteriormente viria a configurar-se como o século das luzes.

A crítica à filosofia cartesiana

Nas obras de 1709 e 1710, Vico extrapolou a idéia inicial expressa nos títulos e desenvolveu o seu argumento com uma crítica quase que exclusiva ao sistema cartesiano.

As críticas feitas por Vico podem ser caracterizadas em duas partes. A primeira seria a crítica ao logicismo, tendo como alvo os formuladores e adeptos dos manuais de Port-Royal⁵. A segunda diz respeito às ciências naturais, sendo consequência da aplicação do método geométrico na física. Alguns anos mais tarde as teses esboçadas nas primeiras obras ganhariam tratamento especial e específico, o que Vico chamaria de formulação positiva de sua teoria.

A polêmica estabelecida contra o cartesianismo foi a

⁵- No caso específico dos manuais de Port-Royal, no capítulo IV será feita a análise da crítica formulada por Vico assim como a apresentação de sua proposta metodológica.

primeira manifestação do próprio pensamento de Vico, de maneira mais contundente nas primeiras obras, mais amena nas últimas, tinha em vista contestar aquelas derivações do método cartesiano aplicado à filosofia.

Em 1709, Vico formulou suas críticas à influência cartesiana no campo pedagógico, vendo nela o direcionamento do início dos estudos a partir da lógica, posição que ele não aceitava. Este tema será tratado especificamente no capítulo IV, neste momento é oportuno refletir sobre a crítica ao método cartesiano, que como se sabe, não era um método pedagógico.

Além da questão pedagógica, que está diretamente ligada ao título, a obra traz as duas características iniciais do pensamento de Vico: a defesa dos antigos e contestação da matemática como única expressão do conhecimento verdadeiro.

Lembrando mais uma vez, o título em latim do livro de 1709 era "De nostri temporum studiorum rationae". Nas traduções italianas a palavra ratio aparece com os dois sentidos que tornaram-se comuns à ela, e que na verdade são sentidos que complementam-se: ordem e método⁶, palavras que identificam-se com a Filosofia Moderna, dado o uso excessivo e dos sentidos desta palavra e a ênfase com que era empregada para diferenciar o estágio dos modernos em relação aos precedentes.

Basicamente nesta obra Vico estabelece um quadro

⁶- Para este trabalho será utilizada como Método seguindo a orientação dada por Nicolini em sua tradução, uma vez que, segundo ele "Vico tinha em vista a primeira parte do cartesiano *Discours de la Méthode*, ao qual contrapõe, ponto por ponto, uma inteiramente diferente e talvez oposta concepção gnosiológica" (1953:169 - grifo meu).

comparativo entre os antigos e os modernos. A obra em si é uma defesa da "studia humanitatis" diante da grande penetração do racionalismo e da grande influência em Nápoles dos manuais de Port-Royal. Outro assunto abordado foi a crítica ao emprego do método geométrico nos estudos da física. As colocações feitas seriam novamente reapresentadas no livro publicado no ano seguinte, com os acréscimos e esclarecimentos necessários entre um e outro escrito.

A base da crítica aos desdobramentos recentes dos estudos no campo das ciências naturais fundamentava-se na posição firme de que o mundo natural é obra de Deus, e por isto, o homem tem um conhecimento aproximado da natureza, residindo a verdade, em sua plenitude, em Deus que tudo criou. Logo no sumário comentado da obra, Vico já diz que pretende "colocar em confronto não as ciências, mas os métodos dos estudos, os nossos com aqueles dos antigos"(1709:171), e nos seus argumentos deixa bem claro o grande progresso alcançado pelas ciências do seu tempo, graças, entre outras coisas, aos instrumentos que os modernos dispunham e que os antigos nem imaginavam.

O desenvolvimento do raciocínio estava bem dentro dos moldes do *Ratio Studiorum*; na confrontação entre os procedimentos dos antigos e dos modernos ele procurava encontrar as vantagens e desvantagens de uns e outros⁷, ressaltando as grandes contribuições deixadas pelos antigos e as alcançadas pelos

7- Como se pode notar, esta postura baseia-se nas clássicas disputas do *Ratio studiorum*, porém a maneira como ele fez é bem própria: Vico levava em conta as contribuições de ambos os grupos.

modernos

«Instrumento comum de todas as ciências e artes é a nova arte crítica; da geometria .é a análise; da física esta mesma geometria e o seu método e talvez a nova mecânica...Das coisas todas considerada seja a agilidade, seja a utilidade e a dignidade, o nosso método de estudos parecerá indubitavelmente mais reto e melhor do que o dos antigos» (VICO, 1709:173/4)

Após estes elogios ao método dos modernos, surge de maneira quase que imperceptível uma das características do pensamento de Vico, que se tornará mais clara quando da formulação da sua teoria da história, aquela sua concepção cíclica da história, em que o homem e a humanidade estão propensos à queda, ao retorno à barbárie. A sua análise aguda dos desenvolvimentos do mundo moderno, a sua crítica aos prejuízos da excessiva exaltação da razão sem a necessária lucidez para a moderação das paixões. No atual estágio não se trata de um retorno à barbárie primitiva, mas uma barbárie da razão, ou seja, a valorização excessiva da razão pode levar o homem ao irracionalismo

«De quantas, quão grandes e quão admiráveis descobertas a sociedade humana não parece enriquecida pela obra da mecânica, acrescentada por sua vez pela geometria e pela física como a que se ensina hoje ! Sem dúvida, direi que por estas três disciplinas teve origem a odierna arte da guerra, com muitos progressos em relação aos antigos, que, colocados diante do nosso método de fortificar e espugnar as cidades, Minerva desprezaria a sua Acrópole ateniense e Júpiter reprovaria o seu raio por ser impotente e inerte» (VICO, 1709:175)

A partir deste momento Vico passa a criticar os cartesianos que aplicam o método geométrico à física, e com ela

têm a pretensão de conhecer as causas da geração do mundo natural, pretendendo ainda, através de suas demonstrações, serem os arquitetos do mundo

«Quanto ao método geométrico introduzido pelos nossos [os modernos] na física, é de se examinar se isto não tenha levado a este inconveniente: que não sendo possível negar alguma parte do processo dedutivo sem ferir a proposição mesma que está na base do raciocínio, se é necessariamente levado a chegar a uma destas três soluções: ou desaprender uma física como tal e voltar a mente à contemplação do universo; ou, se se queira professá-la, não ter paz enquanto ela não seja reordenada por um método novo; ou enfim considerar qualquer fenômeno novo como corolário desta física» (VICO, 1709:182/3)

Segundo os comentários de Nicolini ao texto, Vico entendia que pela primeira solução seria tomar uma posição não científica no estudo da natureza; pela segunda solução seria necessário recorrer a outro método, como fizeram Leibniz e Newton, voltando-se ao matematicismo experimental de Galileu. Quanto a última solução, esta era aquela adotada pelos físicos cartesianos, que queriam ter do mundo natural um conhecimento superior ao de Deus, sem contudo dar-se conta do grande equívoco que cometiam, que consistia em não entender que as proposições geométricas são demonstráveis porque as fazemos, enquanto que as proposições sustentadas pelos físicos são impossíveis de serem demonstradas porque não foram eles que fizeram o mundo natural.

A argumentação prossegue de maneira irônica, deixando transparecer que os partidários do cartesianismo, na verdade aderiram a uma moda passageira, que apesar da convicção de que através da física e da mecânica seria possível desvendar os

segredos da matéria, na verdade estavam acreditando em uma possibilidade de explicação do mundo natural, sem conseguir demonstrar a verdade sobre este mundo

«Portanto os físicos modernos parecem os que construíram casas, que, quanto a magnificiência e comodidade, não deixam nada a desejar: tanto que não resta outra coisa a fazer que trocar de lugar as suntuosas mobílias, ou introduzir, com pouco esforço, pequenos ornamentos para adaptá-las à moda do tempo. Pois que os doutos afirmam: esta física, que nós ensinamos com o método geométrico, é a natureza mesma, e em qualquer direção que tu volte à contemplação do universo, estará diante desta física sempre. Por tal motivo, acreditamos que se deva ser grato aos escritores que nos libertaram de uma fadiga onerosa como aquela de continuar ulteriormente a estudar a natureza e nos deixaram estas casas providas de tanta magnificiência e de tantos cômodos...Portanto estas coisas da física, que por obra e virtude do método geométrico são exibidas como verdadeiras, não são mais do que verossemelhanças, e da geometria trazem sim o método, mas não a demonstração. Demonstramos as proposições geométricas porque as fazemos: se pudessemos demonstrar aquelas da física, as faríamos» (VICO, 1709:183/4)⁸.

Ao final desta passagem aparece um elemento que pode ajudar na compreensão do conteúdo das críticas feitas à Descartes. Vico era contrário a alguns aspectos da filosofia cartesiana, principalmente ao que dizia respeito aos seguidores de Descartes no campo das ciências naturais, considerando-os os falsos doutos, portadores de uma erudição que muda com o tempo e com as novas modas literárias.

⁸- Somente no livro seguinte estas afirmações, associadas ao estudo da língua latina antiga, atingiriam a plenitude e passariam a constituir a base da gnosiologia de Vico com a formulação da teoria do verum-factum, que seria a contraposição ao cogito cartesiano.

Por outro lado, encontra-se uma proximidade entre os dois filósofos no que diz respeito à metafísica. Neste campo, Vico parece não referir-se mais ao *Discurso do Método*, mas sim as *Meditações*

«Consideremos, então, a física, mas como filósofos: o que quer dizer moderar o nosso ânimo. Assim fazendo superaremos os antigos, que cultivavam estes estudos para poder impiamente igualarem-se em felicidade com os deuses. Cultivamo-na, ao contrário, para humilhar o nosso espírito. Entregamo-nos também a investigar o verdadeiro, do qual estamos tanto ansiosos; mas, quando não o encontramos, esta nossa ansiedade de alcançá-lo nos conduza a Deus ótimo máximo, no qual sobretudo estão, juntas, a verdade e a maneira de alcançá-la» (VICO, 1709:184)

Na *Antiquíssima Vico* procurou aprofundar, mais uma vez, o debate no campo das ciências naturais, foi uma experiência logo depois abandonada para dedicar-se exclusivamente ao mundo humano, aos estudos da filosofia, da filologia e do direito natural. Nesta obra Vico tentou sistematizar a sua crítica ao cartesianismo, censurando a originalidade do cogito e questionando a supremacia da matemática como única expressão do conhecimento verdadeiro.

A demonstração desta argumentação é iniciada mais uma vez de maneira irônica, e com uma conclusão que passará a fazer parte do seu sistema filosófico, resultante da reformulação da crença na superioridade dos antigos surge a valorização da sabedoria popular (ou senso comum) para a filosofia.

Segundo Vico, muito antes de Descartes, Cícero e Plauto já haviam apresentado um raciocínio semelhante ao do cogito. Em cícero, na sua obra de *Academia Priora*, havia um

personagem estóico que dizia que os deuses tentavam enganá-lo em seu sonho. Mais a frente Vico diz que Sosia, personagem de Plauto na obra *Amphitruo*, também foi levado a duvidar da própria existência quando Mercúrio assumiu a sua imagem. Quando Sosia via Mercúrio, ele tinha certeza de estar se vendo diante de um espelho, e concluía "então, quando reflito, tenho a plena certeza de ser qual tenho sido sempre" (VICO, 1710:257/8).

Ao final da argumentação Vico passa a colocar a sua posição diante do cogito, uma posição que constitui-se na primeira forma da gnosiologia viquiana

«Todavia ele [Descartes] sustenta a sua certeza de pensar não é ciência, mas consciência, vale dizer uma cognição vulgar que se acha em qualquer iletrado, também por exemplo em um Sosia...Saber significa possuir a maneira, ou seja a forma pela qual uma coisa advem: ao contrário, não temos consciência daquelas coisas as quais não podemos demonstrar a maneira ou a forma pela qual adviram: tanto que, na vida prática, das coisas que não estamos em grau de exhibir algum sinal ou prova, usamos oferecer, como testemunho, a consciência de que delas temos» (VICO, 1710:258)

A consciência da própria existência não implica na ciência do ser, não oferece a causa do próprio ser. O cogito, para Vico, era muito mais uma evidência psicológica, até mesmo lógica, do que um princípio gnosiológico.

A discussão a respeito do critério de verdade contida no cogito estava diretamente ligada à questão da matemática como único conhecimento verdadeiro. Max Horkheimer, no que diz respeito a oposição de Vico à filosofia de Descartes, colocou esta questão de maneira muito precisa:

«A discussão com Descartes é a discussão sobre

a pergunta se a matemática será o único conhecimento verdadeiro e ao mesmo tempo, se o pensamento matemático será a verdadeira expressão da essência do homem» (1984:92/3)

Para Descartes, assim como para a Filosofia Moderna, só é possível de ser conhecido aquilo que o próprio homem fez. Vico também partilhava desta posição, como o demonstra através da teoria do verum-factum, porém a diferença estava na maneira como o pensamento moderno entendia o conhecimento. Para a Filosofia Moderna quando se fala da realização humana se fala da reflexão abstrata da razão, enquanto que para Vico

«Aquilo que os homens criam eles próprios e aquilo que deve por isso ser o objeto mais nobre do conhecimento -aquelas criações em que a substância da natureza humana e do "espírito" se manifestam de modo mais evidente- não são as contruções fictícias da razão matemática, mas a realidade histórica» (HORKHEIMER, 1984:93)

Para a Filosofia Moderna, no entanto, a história era considerada como mero relato do passado, sem outra importância maior para o conhecimento humano. Vico discordava desta posição e contra-argumenta que aquela ilusão do cogito presente até mesmo nos escritores antigos, não passa de uma reflexão limitada e vã. A história não olha o passado com os olhos do presente, mas com os olhos no presente, dando ao passado, o real significado para o auto-conhecimento do homem⁹.

9- Uma corrente da historiografia vê o passado a partir do estágio do historiador, os fatos são vistos na perspectiva das relações sociais do presente; interessante lembrar que Croce está inserido nesta corrente presentista da história, levando as vezes a uma interpretação de Vico nesta linha historiográfica. Eu entendo que a teoria de história de Vico, o historiador analisa o passado com os olhos no presente.

Horkheimer, em sua análise à questão colocada, conclui o seu raciocínio sobre a posição defendida por Vico, não só em relação ao cartesianismo, como também em relação ao idealismo futuro

«O auto-conhecimento do homem baseia-se apenas numa análise do processo histórico no qual os homens agem e não na mera visão do interior de cada um, como o defendeu o idealismo subjetivo em todas as épocas. A economia, o estado, o direito, a ciência, a arte -todas as produções específicas dos homens se transformaram na história e por isso devem ser compreendidos a partir não dos indivíduos isolados, mas apenas das relações destes indivíduos, na linguagem de Vico, da sua característica de sociabilidade» (1984:94)¹⁰

De maneira geral a crítica feita por Vico ao cartesianismo tinha muito mais o sentido de contestação aos muitos estudos sobre o mundo natural. Na *Antiquíssima* Vico tentou participar deste tema, ao longo do trabalho ele fez algumas incursões no campo da física e da medicina¹¹, porém, o sentido

¹⁰- Interessante notar a proximidade desta posição com a do materialismo histórico, lembro aqui a citação da nota 21 (p.37) do capítulo I, em que Gramsci dizia que o sentido dado por Croce fazia desta concepção uma tautologia, e frisava ao final do parágrafo: "concepção que, entretanto, deve ser relacionada com a concepção própria da filosofia da *praxis* (1986:51). Na nota 89 do de *O Capital* (Livro I - Vol. I) Marx comentava a ausência de uma história crítica da tecnologia, enquanto que Darwin elaborou uma história da tecnologia natural; prossegue a nota: "Não merece igual atenção a história da formação dos órgãos produtivos do homem social, que constituem a base social de toda organização social? E não seria mais fácil reconstituí-la, uma vez que, como diz Vico, a história humana se distingue da história natural, por termos feito uma e não termos feito a outra?" (1985:425)

¹¹- «É nítido notar que Vico, mesmo quando aprofunda as suas pesquisas sobre a história, se ocupa de filosofia da natureza e de medicina. A pesquisa de uma antiquíssima sabedoria dos italianos está para ele ligada aos problemas da física e da biologia» (PACI, 1949:11).

mais geral foi o de dar continuidade a censura à aplicação do método geométrico na física do que propriamente à formulação de uma posição nova a respeito dos vários estudos da natureza.

Por ocupar boa parte desta obra com as críticas ao cartesianismo, a parte positiva só seria desenvolvida anos mais tarde, ficando da *Antiquíssima* a teoria do *verum factum*, que associada aos estudos filológicos, teria o seu pleno desenvolvimento aplicada à história.

Na obra de 1710, tem continuidade as críticas aos físicos cartesianos, mas recebe tratamento especial o cogito de Descartes. A argumentação utilizada por Vico estava baseada nos antigos vocábulos latinos, dois em especial o *verum* e o *factum*, que segundo ele tem uma relação de reciprocidade e, dela decorre que o único critério de verdade é tê-la feito

«O critério da verdade não está (como queriam os cartesianos) nem na imediata evidência, nem na clareza e distinção das idéias, mas, ao contrário, na conversão do verdadeiro com o feito» (ROSSI, 1988:22)

Com esta argumentação que permanecerá como a base do sistema filosófico, Vico refutava a validade do cogito, afirmando que não é o homem que faz a sua mente, ela, assim como a sua alma, é criação de Deus, portanto nele reside a certeza, que Descartes procura atribuir a si mesmo. Utilizando-se da mesma argumentação de Descartes no que diz respeito a relação de causa e efeito, Vico entendia que Descartes tomava o efeito pela causa, se a causa da mente, assim como da alma, reside em Deus, é impossível para o homem ter o conhecimento absoluto da causa do seu pensar.

Apesar de ter uma posição fundada na fé, Vico conseguiu chegar a uma conclusão que identifica-se com a concepção de ciência como sendo um conhecimento relativo dos fenômenos naturais, um conhecimento que para ele se fazia através da experiência, sem contudo esgotar o objeto, uma vez que o mundo natural foi criado por Deus. Por outro lado, o mundo civil foi criado pelos homens, sendo por isso possível de se conhecer as suas causas, que deram origem a este mundo de nações.

A leitura do livro de 1710 deixa transparecer uma profunda oposição ao cartesianismo italiano e a Descartes. Como aconteceu na obra anterior (1709), as críticas a Descartes faziam-se a partir do *Discurso do método*. Algumas posições de Vico, no entanto, o colocam muito próximo de algumas posições cartesianas, porém não daquelas contidas no *Discurso* e sim as formuladas nas *Meditações*. Em relação a esta outra leitura desenvolvida por Vico encontramos algumas aproximações no tratamento do sujeito; segundo Garin:

«Mas dignidade infinita a alma alcança no pensar. Certeza do eu que supera toda dúvida, que no reconhecimento interior abre caminho à Deus. Vico repete quase que literalmente o raciocínio cartesiano, para afirmar no eu a presença germinal de todo saber» (1978:930)

A grande polêmica contra o cartesianismo residia mais no valor excessivo atribuído ao conhecimento matemático, e com ele a física experimental aplicada ao mundo natural. Vico aceitava o conhecimento matemático por ter sido feito pelos homens através de convenções; a matemática era para Vico uma forma de ficção resultante das abstrações da mente; a física

cartesiana não passa de uma tentativa de demonstrar o mundo natural sem contudo atingir as causas.

Quando quinze anos mais tarde, na sua *Autobiografia*, Vico recordava-se destas passagens, ele escrevia que naquela época sustentava aos amigos cartesianos de Nápoles que aquilo que eles julgavam novo em Descartes "era velho e vulgar entre os platônicos" (1725:31).

A teoria do *verum factum* inicialmente estava condicionada à refutação do cogito, portanto estava inserida nas discussões no campo das ciências naturais. Mesmo que, mais tarde tenha abandonado a pretensão de discutir as questões relativas à física, permanece, desde então, o interesse pela ciência humana, estudando-a não na perspectiva cartesiana, mas do ponto de vista baconiano.

Vico entendia o conhecimento científico como o conhecimento por causas. Conhecer é dominar a maneira como o fenômeno foi gerado, é conhecer as origens daquilo que se estuda. Por isto, sustentava Vico, o conhecimento da natureza está fora do alcance dos homens, uma vez que não dominamos a maneira como ele foi gerado

«Então, portanto, conhecer é o mesmo que fazê-lo; e, por isto, Deus conhece as coisas físicas, o homem as coisas matemáticas: desta forma nem os dogmáticos conhecem tudo, nem os céticos não conhecem nada. Deste mesmo princípio deriva que os gêneros são idéias: perfeitíssimas aquelas pelas quais Deus cria o verdadeiro absoluto; imperfeitas as outras mediante as quais o homem dá vida a um verdadeiro subordinado a uma hipótese. Disto resulta que provar uma coisa pelas causas equivale a fazê-la. Mas, como Deus faz com virtude infinita qualquer coisa física, ainda que mínima, como a existência é ato e coisa

física, assim a essência das coisas é virtude e coisa metafísica» (VICO, 1710:307)

Esgotadas as críticas ao cartesianismo, restaram os elementos necessários à continuidade da reflexão filosófica: a superioridade relativa dos antigos e a teoria do verum-factum, esta deixará de ser aplicada à matemática para passar para o estudo da história através da filologia

«O verdadeiro como fazer, princípio do qual não se colhia ainda a fecundidade limitando-o a matemática, mas que devia servir para inverter a tese até aqui ilustrada, quando, retornando ao mundo da poesia, da palavra, no qual já havia iniciado nas orações, descobriu o verdadeiro regnum hominis, o mundo humano produzido pelo homem, no qual o homem vive e se move, e que o homem plenamente conhece» (GARIN, 1978:939)

Na *Antiquíssima*, Vico afirmava que o conhecimento perfeito é possível somente a Deus, enquanto que o conhecimento humano é limitado. Esta constatação não significa a diminuição do homem, ao contrário, para Vico é a partir desta constatação que o homem passa a buscar a perfeição, procura superar suas limitações.

Vico não via o conhecimento científico como pronto e acabado, mas via nele o processo que deve ser realizado pelo homem e pela humanidade, sempre correndo-se o risco de um novo embrutecimento. As suas posições científicas ficaram mais claras quando ele definitivamente abandonou os estudos no campo da geometria e da física para dedicar-se exclusivamente à história, trabalhando-a articuladamente com a filosofia e a filologia. Nesta nova etapa ele não ocupará mais páginas e páginas para

contestar a física cartesiana, tentará apresentar de maneira positiva o seu sistema filosófico que se sustenta através do estudo da história da humanidade, analisando os vários estágios de desenvolvimento da razão humana até a sua plenitude.

Como os modernos, Vico acreditava na importância do método para a ciência, mais ainda confiava na validade do método geométrico, tanto assim que na *Ciência Nova* ele dizia proceder com raciocínio geométrico, tentando recolher nas várias histórias particulares dos povos antigos os elementos que dão sentido às ações humanas conduzindo-os para a realização de sua natureza racional dentro de uma história ideal e eterna. Assim como Descartes fizera, Vico também passou a se colocar em oposição à ciência das idades anteriores.

Para Descartes o pensamento medieval apresentava três deficiências que obstruíam o curso da ciência, segundo ele o erro estava no método que tornava a ciência medieval inútil e incerta, devido a falta de sistematização dos conhecimentos:

«Descartes não se contenta com conhecimentos fragmentários, incompletos: visa uma integração, a uma arquitetônica. Ora o segredo da ciência, enquanto sistema, reside também no método, desde que o método coloca as coisas em certa ordem "tal como são compreendidas pelo intelecto"» (ARANA, 1978:06)

Mesmo que se leve em conta o apego de Vico à tradição, encontramos nos dois autores, no que diz respeito ao conhecimento científico, uma proximidade evidente. Tanto um quanto o outro procuram estabelecer as bases do conhecimento científico.

Há entre ambos uma distinção: Descartes com a

evidência das verdades matemáticas e, Vico com as evidências da história através da linguagem¹².

A partir da leitura de Rossi (1992) que mostra a mudança de rumo do pensamento de Vico, das ciências naturais para as ciências humanas, pode-se inferir sobre a influência de Descartes na obra de Vico nesta primeira fase, muito embora não seja admitida pelo filósofo napolitano¹³.

O *Direito Universal* marcou a passagem para a segunda fase do pensamento de Vico, que seria consolidada com a publicação da *Ciência Nova*. A partir daí, Vico coloca-se nitidamente como um filósofo racionalista, várias são as passagens da *Ciência Nova* que evidenciam a sua posição de racionalista idealista, com uma grande influência do pensamento cartesiano, não o Descartes do *Discurso*, mas o Descartes das *Regras*

«Os primeiros homens da gentilidade, por uma demonstrada necessidade de natureza, foram poetas, e falavam por caracteres poéticos; esta descoberta, que é a chave mestra desta ciência, que nos custou a pesquisa obstinada de quase toda nossa vida literária, porque tal natureza poética de tais primeiros homens, nestas nossas naturezas civilizadas, é absolutamente

12- Existe aqui uma proximidade de Vico com o texto das *Regras para a direção do espírito*. Esta proximidade não é mencionada por Nicolini, ele menciona em suas notas a leitura das *Meditações*, conforme me referi anteriormente.

13- Nas várias obras, Vico sempre menciona Bacon como o seu paradigma para a ciência, porém está presente também a direção dada por Descartes no campo da investigação científica. Talvez, pode-se afirmar, não se trata de Descartes e sim das influências de um período histórico que pode ser chamado de "grande racionalismo", que fez com que Vico valorizasse o sujeito e a sua ação histórica, assim como também a importância da intuição para a investigação científica, traços estes que estarão presentes na *Ciência Nova*.

impossível imaginar e com grande pena nos é permitido entender» (VICO, 1774:115)

A diferença entre Vico e os modernos está na sua concepção de linguagem, muito mais próxima aos humanistas, mas com uma forte ligação ao contexto científico dos séculos XVII e XVIII.

A grande diferença entre Vico e Descartes está na possibilidade aberta pela história ao homem. Se para Descartes a expressão da verdade são as idéias claras e distintas, para Vico entre o verdadeiro e falso existe o certo, que é aquilo que o homem fez, faz e fará, que o cogito, pelo seu logicismo, não é capaz de perceber.

A linguagem poética é tão exata quanto a linguagem matemática, porque esta é o fruto das abstrações da mente, enquanto que a outra traz consigo a verdade sobre o homem.

Mais tarde, na formulação da Ciência Nova e da apresentação da história como a nova ciência, ficará clara as três possibilidades do valor do objeto: o verdadeiro, o falso e o certo, sendo esta última possibilidade aquilo que ainda não é a verdade, mas por ser um feito registrado na história constitui-se na base da verdade científica.

A história cíclica

O interesse de Vico pela história sempre existiu, mas com as mudanças ocorridas em seu pensamento, a sua concepção de história cíclica terá um sentido muito mais amplo, constituindo-

se em uma filosofia da história.

Inicialmente Vico fazia análises da história antiga através dos vocábulos primitivos da língua grega e latina. A necessidade de fazer um estudo mais detalhado sobre a história primitiva nasceu quando ele começou a discordar das teorias dos principais teóricos do direito natural, em especial Selden, Pufendorf, Grocius e Hobbes.

A necessidade de desenvolver estudos nesta área fazia-se para preservar a narrativa bíblica sobre a formação do mundo civil, garantindo a supremacia dos hebreus sobre os demais povos antigos. Outro fator que Vico não aceitava era a idéia de que os homens pudessem ter chegado ao estado civil sem o auxílio da religião e da providência divina, como algumas correntes acreditavam.

Os estudos no campo do direito levaram Vico a formular a sua teoria da história fundamentada no princípio cíclico, concepção muito comum entre humanistas, a crença na repetição, para Vico esta repetição terá um sentido muito próprio.

Com a história fica demonstrado que existe direito em natureza, que os homens não encontram-se jogados no mundo, reduzidos à própria sorte e sem nenhuma ajuda da providência. Surge então uma nova concepção para a natureza humana, que passa a ser identificada com a racionalidade e expressa na sociabilidade. Contrário aos vários contratualistas, Vico defendia uma nova tese sobre o direito natural, que surge por obra do arbítrio humano guiado pela providência divina através do

nascimento das religiões primitivas.

A divisão do tempo utilizada por Vico era muito comum aos historiadores dos séculos XVI e XVII, baseava-se na tripartição do tempo¹⁴, identificado por Vico como sendo

- Idade dos deuses,
- Idade dos heróis,
- Idade dos homens.

Na tripartição do tempo ficava de fora, como já foi mencionado anteriormente, a história do povo hebreu. O grande marco histórico foi o dilúvio, que pela uniformidade de idéias ocorreu em todas as nações antigas. Esta história de que Vico fala teve seu início quando os degenerados filhos de Nôe espalharam-se pela terra, que devido a grande umidade tomou a forma de imensas florestas.

No texto da *Ciência Nova*, o espaço de tempo entre a barbárie e o surgimento das nações situa-se há mais de mil anos após o dilúvio universal, esta descoberta foi possível através da nova arte crítica: a síntese entre filosofia e filologia, tornando a história uma ciência - da fragmentariedade dos fatos surge o plano de uma história ideal e eterna

«aqui se acena que nesta obra, com uma nova arte crítica, que faltou até agora, entrando na pesquisa da verdade sobre os autores das nações (origens que devem correr muito mais de mil anos para poder surgir os escritores que a crítica se ocupa até hoje), aqui a filosofia se põe a examinar a filologia (ou seja a doutrina de todas as coisas que dependem do arbítrio humano, como são todas as histórias das

14- Vico dizia basear-se em Marco Terêncio Varrão, considerado por ele como o escritor mais douto entre os romanos antigos. *Ciência Nova*:90.

línguas, dos costumes, e dos feitos de paz e de guerra entre os povos), a qual, pela sua deplorável obscuridade de causas e quase infinita variedade dos efeitos, tem ela [a filosofia] quase horror em raciociná-la» (VICO, 1744:90/1)

No livro I da *Ciência Nova* -Estabelecimento dos princípios- a seção primeira é toda dedicada à história cronológica dos povos antigos, são comentários sobre esta cronologia que está baseada em uma Tábua Cronológica anexa à obra

«Esta Tábula cronológica expõe por comparação o mundo das nações antigas, do dilúvio universal passado pelos hebreus para os caldeus, sitas, fenícios, egípcios, gregos e romanos até a sua guerra segunda cartaginesa» (VICO, 1744:127)

Para cada uma das idades havia toda uma estrutura de vida baseada no estágio de desenvolvimento da mente humana. Fundamentalmente Vico caracterizava cada idade da seguinte maneira: na idade dos deuses, dominava os sentidos; na idade dos heróis, dominava a fantasia e, na idade dos homens, domínio da razão.

As duas primeiras idades foram aquelas que Vico dedicou-se a estudar exaustivamente. A idade dos homens, era objeto dos muitos estudos realizados pelos filósofos e demais estudiosos daqueles tempos, chamado por Vico de civilizadíssimos (1744:115). Vico pretendia trabalhar com aquelas idades que pouco se conhece e muito se imagina, sem contudo, até então, não haver nenhuma certeza sobre as muitas afirmações que se faziam sobre a origem das nações gentílicas:

«Não ao presente, mas ao passado ele [Vico] olhava: e o sentido simples da poesia e o conceito originalíssimo que da poesia provinha,

eram para ele sobretudo instrumentos para um fim diverso; não visava entender a poesia por si mesma, mas entender aqueles aspectos da história, que pela poesia foram moldados, não a poesia como substantivo, mas a poesia como adjetivo, a "sabedoria poética" que não pode nem deve ser confundida com a poesia, sendo também sob formas fantásticas, como diz a palavra sabedoria ou filosofia» (FUBINI, 1965:171)

O motivo que levou Vico a dedicar-se às idades mais antigas da humanidade foi pela necessidade de refutar as várias correntes da história natural, que acabavam indo totalmente contra a narração bíblica. Ao lado desta questão, preocupava também as posições dos jusnaturalistas protestantes que não acreditavam na necessidade da religião ou de Deus para o surgimento da sociedade.

Além destes dois fatores, outro aspecto que Vico tinha em mente era sepultar de uma vez aquela posição que ele mesmo havia sustentado: a inatingível superioridade dos antigos. Esta posição segundo ele conduz ao erro de confundir o passado com o presente. Deste erro decorre o que ele chamou de orgulho dos doutos e das nações. O douto sustenta que o seu saber é tão antigo quanto o mundo, e as nações, cada uma delas, defende a sua antiguidade civil em relação as demais (1744:174/5).

Vico tinha uma grande admiração pelo passado e por seus autores, porém não podia admitir que antes dos gregos tivesse havido alguma sabedoria que superasse os estágios modernos da sociedade ocidental¹⁵. Por esta visão

¹⁵- A estética de Vico estava muito próxima da concepção de arte em Aristóteles, entendendo-a como "mimesis":

«Porque a delicadeza é fruto das filosofias;

redimencionada de olhar o passado, Vico tornou-se um defensor do progresso do gênero humano.

Embora admitisse que a história é cíclica, realizando uma grande espiral no tempo, e com isto acreditando que todas as nações experimentam um estágio de decadência, um retorno à barbárie, este retorno não significa que a nova barbárie seja a mesma dos tempos primitivos; não se volta ao passado, mas aparecem no curso das nações, nos momentos de decadência, elementos característicos do passado - a lei da repetição- como nos mostra a história na relação entre os elementos da Idade Média e da barbárie primitiva: sociedade agrária, ordem dos nobres, direito das armas.

A idéia de progresso é uma posição peculiar. Ao contrário da visão positivista do progresso, que se formaria um século depois, para Vico o progresso consistia também no erro, na queda¹⁶. Percebe-se em Vico um realismo filosófico muito apurado. Mais uma vez recorremos a Horkheimer para explicitar a visão crítica de Vico sobre o passado

«Das obras do grande filósofo Bacon, que ele tanto admirava acima de todos os outros, Vico adotou a aversão àquela opinião, segundo a qual os pensadores da Antiguidade Clássica ou outros

onde a Grécia, que foi a nação dos filósofos, sozinha fulgurou em todas as belas artes que jamais havia inventado o engenho humano: pintura, escultura, fundição, arte de entalhar, as quais são delicadíssimas, porque devem abstrair as superfícies dos corpos que imitam» (VICO, 1744:130).

16- Lembrando mais uma vez a base da gnosiologia viqueana: entre a verdade e o falso situa-se o certo, que ainda não é a verdade, mas consiste no seu processo.

filósofos do passado teriam possuído o mais alto grau de conhecimento das coisas eternas e segundo a qual a condição humana deveria ter sofrido não um progresso, mas um declínio, um empobrecimento» (1984:96)

Antes de prosseguir na apreciação da teoria da história contida na *Ciência Nova*, é interessante retornar um pouco à obra anterior, o *Direito Universal*.

O objetivo inicial nos estudos da história, como já foi dito, consistia na refutação aos autores protestantes. Era preciso fazer uma reflexão sobre o direito natural e refutar aquelas teorias ímpias que sustentavam que o homem poderia ter chegado à vida civil sem Deus e sem religião. Esta refutação fundamentava também a sua oposição às teorias pré-adâmicas e contrárias à doutrina da eternidade do mundo.

Para a concretização deste projeto, Vico julgava suficiente os elementos contidos na história romana; tomando-a como modelo de história e relacionando-a com as outras histórias das nações antigas, Vico identificava um curso comum para a história profana através da uniformidade de idéias entre os primitivos, o que para ele preservava a primazia da história sagrada

«Vico se encontra diante de novos problemas. Era necessário elaborar toda uma série de modificações, de deslocamentos, de correções: não fazer coincidir a vagueação ferina com o aparecimento do homem sobre a terra, apresentar aquela ferinidade como uma punição divina, continuar a manter fora da história os tempos ante-diluvianos. Precisava acertar as contas com Hobbes e com Grocius, com Selden e Pufendorf, precisava chegar a postular a identidade dos processos históricos que se desenvolvem, de modo independente, junto às nações "por imensos espaços de lugares e tempos

entre elas distantes". Eram os grandes problems da Providência, do direito natural, da história como uma nova ciência» (ROSSI, 1969:164)

Vico encontrou na idéia de Providência a garantia para a demonstração da validade da sua teoria de história. Os homens da gentilidade não se encontravam jogados no mundo.

Ao contrário do que aconteceu com os hebreus, que desde o início acreditavam no verdadeiro Deus, os gentios não conheceram a verdade revelada devido ao estado em que se encontravam as suas mentes, impregnadas pelos sentidos.

A matéria a ser trabalhada para demonstrar a sua posição será a poesia antiga

«Por isto, com força de outros princípios de aqui descobertos de mitologia, que vão seguidos aos outros princípios da poesia, se demonstra as fábulas terem sido verdadeiras e severas histórias dos costumes das antiqüíssimas gentes da Grécia» (VICO, 1744:91)

As conclusões definitivas deste exaustivo trabalho de reflexão sobre o mito e a poesia como documentos históricos foram reforçadas com a leitura dos poemas homéricos, realizando uma profunda análise filológica a partir da etimologia das palavras, tentando encontrar a verdadeira formação da gente grega anterior aos filósofos e academias

«As fábulas heróicas foram histórias verdadeiras dos heróis e dos seus costumes, os floresceram em todas as nações no tempo da sua barbárie; por isto os dois poemas de Homero são dois grandes tesouros de descobertas do direito natural das gentes gregas ainda bárbaras» (1744:92)

Com os poemas homéricos Vico conseguiu fundamentar

também a sua idéia de história cíclica. Ao comparar os poemas de Homero com a *Divina Comédia* de Dante, percebeu que na narrativa do poeta florentino encontrava-se os mesmos elementos daquela época descrita por Homero¹⁷.

Assim Vico entendia o curso da história, todas as nações passam pelas três idades e sempre correm o risco de retornarem à barbárie, não uma barbárie primitiva, um eterno retorno, mas uma barbárie recorrente, percebida através da mentalidade humana que em seu desenvolvimento desenfreado passa a ter relações com a mentalidade das idades primitivas onde dominavam os sentidos e as paixões. Somente na "Idéia da Obra" - *Ciência Nova* (1744)- a Idade Média é lembrada quatro vezes como os tempos bárbaros recorrentes.

Basicamente a história começou pelo vaguear ferino do homem após o dilúvio, o homem pouco distinguia-se dos demais animais, a não ser por aquele elemento responsável pela realização da verdadeira natureza humana, a razão. Porém, os gentios naquele estado ferino, não eram capazes de fazer uso pleno da razão.

Após esta colocação Vico passa a enumerar os

17- Entre 1728 e 1730, Vico fez um pequeno comentário intitulado "Descoberta do verdadeiro Dante ou Novos princípios para a crítica dantesca". Na *Ciência Nova* de 1744, o Livro III é dedicado a "Descoberta do verdadeiro Homero". O traço comum aos dois escritos é que tanto em um como no outro os dois poetas têm suas obras relacionadas. Pela data, percebe-se que o escrito sobre Dante influenciou na elaboração do Livro III da *Ciência Nova* em sua segunda edição de 1730. A caminhada para a descoberta do verdadeiro Homero foi assim comentada por Vico: "na *Ciência Nova* pela primeira vez estampada era por nós sentida mas não entendida, e nestes livros, refletida, é plenamente demonstrada" (1744:90).

elementos que atuam sobre o homem para conduzi-lo a vida civil e realizar esta natureza de que ele fala, de que os homens são sociáveis.

O primeiro elemento é a religião natural. Vagando pela grande selva da terra e agindo por necessidade, o homem temia as forças da natureza, como não podia ainda entendê-las de maneira racional, atribuía-lhes um poder sobrenatural, dava-lhes um caráter de divindade. O temor às divindades e a necessidade de adivinhar os auspícios deu origem à religião, cujo culto consistia justamente em adivinhar o sentido daquelas forças da natureza.

Portanto, a partir da religião natural teve início a formação social da humanidade. A religião comporta em si três instituições que agem sobre a mente atordoada dos primeiros homens, dando-lhes um sentido para as suas ações que visavam unicamente a sua utilidade. As instituições foram: o matrimônio, o sepultamento dos mortos, que implica na crença da imortalidade da alma. Estas três instituições foram responsáveis pela sedentarização e agiram dentro do plano da Providência que opera sem que os homens percebam. A Providência divina é o outro elemento de que Vico fala.

Através das várias locuções latinas antigas Vico procurou demonstrar a validade destas instituições na formação do mundo civil. Nesta etapa das explicações Vico fez uso da etimologia das palavras. Cada palavra é uma pequena fábula, as palavras são as histórias daquelas idades bárbaras.

Para Vico as religiões nasceram da adivinhação porque segundo o latim antigo a palavra divino provem de "divinari" que

queria dizer "prever o futuro"(1744:93). Por isto estas religiões eram celebradas com os sacrifícios, que os antigos diziam "procurare auspicia" ou seja "sacrificar para bem entender os augúrios a fim de bem executar os avisos divinos" (1744:94).

Os matrimônios eram celebrados com "aqua et igni" porque estas duas coisas levaram o homem a viver em sociedade. Possuindo a fonte, o homem não precisava mais vaguear em procura de água; o fogo foi ateado à selva reduzindo-a a campos agricultáveis.

A atuação da religião e da providência sobre o homem pode ser melhor entendida da seguinte maneira: o matrimônio foi o primeiro freio que levou o homem a ter uma companheira certa em um lugar certo e passando a ter filhos certos, portanto do matrimônio surgem as primeiras famílias, ainda não propriamente a família de "fâmulos" que seria o verdadeiro sentido da palavra família composto por um patriarca, sua prole e os escravos¹⁸.

Com as famílias os homens deixam de andar vagueando pela terra, permanecendo junto aos primeiros campos, próximos aos lugares onde foram sepultados os primeiros pais de família. Do culto aos mortos surge então a consolidação da sedentarização, dando origem as primeiras formas de relações social e econômica.

Os primeiros chefes de família tornaram-se os primeiros nobres da terra, o sinal de nobreza estava na condição

¹⁸- Esta definição de família aparece no livro, escrito um século mais tarde, de Engels "A origem da família, da propriedade privada e do estado". Também é oportuno lembrar que para Vico a sociedade se estabelece a partir da desigualdade. Não se trata da posição de Vico, mas da constatação que ele faz a partir da história antiga.

de serem os filhos da terra - do grego antigo "gigantes" - onde foram sepultados os mortos.

Ao mesmo tempo que acontecia a sedentarização ainda existia uma multidão de nômades, que acorriam para as clareiras abertas nos bosques sagrados, onde viviam as famílias, para escapar da morte. Estes homens tornaram-se os primeiros escravos da gentildade, uma vez que em troca da vida tinham que servir aos nobres. Nisto reside para Vico o início da sociedade civil, a desigualdade social.

Toda esta trajetória é possível graças a ação imperceptível da providência divina que, sem que o homem perceba, auxilia-o na realização da sua verdadeira natureza humana. Toda esta organização é descrita as vezes com algumas extrapolações nas análises etimológicas, porém Vico consegue fazer uma explicação plausível para o nascimento da sociedade civil.

A organização social se fez inicialmente nas clareiras abertas nas florestas, que por sua vez deram origem aos primeiros campos cultivados. Posteriormente formaram-se as primeiras vilas, depois as cidades e finalmente as acedemias.

Ao lado desta evolução está também a reflexão sobre a mente humana, através das suas constantes transformações. Com base na história romana antiga Vico tentou descrever a evolução, consolidação e decadência da sociedade civil, através das diversas formas de governo que vão se sucedendo até se chegar ao governo plenamente humano.

A primeira organização civil foram as potestades parternas, cuja autoridade máxima foram os primeiros pais de

família, que tinham sob sua autoridade os filhos e os escravos. Esta organização social apresentava uma ordem de direito divino, onde o pai de família é o descendente direto dos primeiros nobres da terra.

A partir do momento que os escravos passaram a ser muitos e os gigantes iam desaparecendo da terra, começam a surgir as primeiras revoltas dos escravos, que eram violentamente reprimidas. Para enfrentar estas revoltas formaram-se as primeiras alianças políticas entre os pais de família, que elegeram um rei para liderar a luta contra os escravos sublevados.

Com o surgimento das cidades as revoltas populares intensificaram-se e a força já não era mais suficiente para controlar a ordem, tão pouco as leis do direito natural, fundada na tradição dos pais de família, ou seja nas fábulas dos tempos heróicos primitivos.

Foi necessário então, a formação de um código de leis para reger a vida em sociedade, a partir desses códigos surgiram os governos populares, primeiro a república que acabou degenerando-se, surgiu a partir desta degeneração a segunda forma de governo popular, a monarquia, onde o soberano garante a paz e a ordem das instituições; esta nova forma de governo é a monarquia constitucional, considerada por Vico como a forma ideal de governo humano¹⁹. No plano ideal e eterno, Vico retomava a obra de santo Agostinho e entendia a monarquia como a grande

¹⁹- A monarquia constitucional é sempre comparada à República de Platão, sendo que na conclusão da Ciência Nova, Vico refere-se a uma "República natural eterna".

cidade do mundo governada por Deus.

A análise da história feita por Vico através da filologia e da etimologia das palavras empregadas na exploração da mitologia, buscando decifrar o mito, não na perspectiva do universal racional, porque esta não é a natureza do mito, mas dentro do universal fantástico. De posse deste material Vico fazia a sua experimentação aplicando tais análises à história romana antiga, procurando comprovar a sua tese de uma sabedoria poética, própria do estágio pré-racional da humanidade.

O estudo da história romana antiga, em particular, não esgotava a sua tese, esta história particular de um povo antigo serviu de paradigma, sendo estudada também a história dos outros povos antigos, em especial aquelas nações que eram consideradas mais antigas que a hebráica. O resultado deste estudo comparado da história proporcionou a elaboração da Tábua cronológica, contendo muitas imprecisões, porém, ela não é tão importante para sua teoria da história, porque o importante não é este ou aquele fato julgado como relevante para a história, mas o importante para Vico é o estudo das mentalidades que existiram durante determinada era histórica²⁰.

Também nos estudos da história vemos que Vico entra em conflito com as idéias de Descartes, nas *Regras* apareceu muito bem formulada a sua consideração a respeito da história

«nunca nos tornaremos filósofos pelo simples fato de termos lido todos os argumentos de Platão e Aristóteles, mas sem podermos emitir um juízo sobre o que nos é proposto. Deste

²⁰- Na verdade a Tábua cronológica tinha mais a finalidade de preservar o relato bíblico.

modo, com efeito, parecia que tínhamos aprendido não ciências, mas história» (DESCARTES, 1971:20 - Regra III).

Descartes considerava a história como o palco das controvérsias e das discussões estéreis, colocando assim a história ao lado do erro, enquanto que as ciências devem ocupar-se da verdade e, mais, a história não é ciência

«Agora, a certeza racional e matemática deve eliminar a controvérsia e a diversidade das filosofias, já que a verdade é uma e o erro múltiplo. E a história da filosofia será rejeitada em nome da incerteza fundamental que revela a controvérsia sem fim entre seitas» (MOURA, s/d:158)

Vico refuta veementemente a crítica cartesiana alegando que reside na variedade de opiniões um critério de verdade que se faz pela uniformidade destas opiniões, ou seja o senso comum. A posição cartesiana, para Vico, elimina quase todas as idéias que não sejam consideradas como claras e distintas. Entre as muitas idéias descartadas encontram-se aquelas que mesmo ainda não sendo verdades, constituem-se no seu processo, trata-se do verossímil.

Pela uniformidade de idéias é possível encontrar no plano histórico uma história ideal e eterna que compreende a história de todas as nações. Vico refuta a censura cartesiana com muita criatividade, libertando-se da exigência das provas documentais oficiais, valendo-se para a realização da sua pesquisa histórica nos costumes e no comportamento do povo mais simples, assim como no comportamento da criança.

O verossímil, o senso comum encontra-se disperso,

espalhado em meio as ações humanas, é preciso que o filósofo saiba dar forma a esta matéria bruta, conferindo a sua verdade com as certezas do historiador²¹. Nos séculos seguintes com o nascimento da sociologia e da psicologia social esta tarefa tornou-se mais sistemática e criteriosa, porém, Vico dentro das suas possibilidades já defendia a necessidade da ampliação do universo científico aplicando-o também no campo das paixões humanas

«Vico desenvolveu os princípios filosóficos implícitos na sua obra histórica até um ponto em que pôde lançar um contra-ataque à filosofia científica e metafísica do cartesianismo, exigindo uma base mais ampla para a teoria do conhecimento e criticando a estreiteza e o caráter abstrato do credo filosófico prevalecente» (COLLINGWOOD, s/d:117/8).

A grande importância da teoria da história é o seu caráter dual, apresentando dois planos históricos concomitantes, a história particular das nações e a história ideal e eterna, onde corre no tempo as histórias de todas as nações, e cujos cursos encontram-se dentro de uma ordem ideal e eterna, conduzidas pela providência divina para a realização da verdadeira natureza humana

«depois dos governos aristocráticos, que foram governos heróicos, vieram os governos humanos, de natureza primeiro populares; nos quais os povos, porque já haviam finalmente entendido a natureza racional (que é a verdadeira natureza humana) ser igual em todos, e assim feita a igualdade natural (pelas causas que se meditam na história ideal e eterna e se acham justicimamente na romana)» (VICO, 1744:109/10)

21- Vico dizia "as certezas dos filólogos" - Axioma X (1744:178).

Vico acreditava existir entre todas as nações antigas uma uniformidade de idéias, que fez com que a organização social ocorresse dentro daquela tripartição, independente do tempo e do lugar. Assim todos os povos antigos acreditaram inicialmente ver os deuses na terra, depois os viram no alto dos montes e finalmente foram alçados para o céu, tornando-se estrelas fixas²².

O mesmo que ocorre com a religião, ocorre também com a língua, o direito, o governo, a economia, nos feitos de guerra e de paz. O descobrimento de novas terras ocorridas dois séculos antes da publicação da *Ciência Nova* serviu para ilustrar a tese da uniformidade das idéias, pois segundo os relatos dos viajantes que Vico tinha conhecimento, os povos ameríndios tinham um comportamento muito próximo daqueles bárbaros que deram origem aos povos indu-europeus.

No interior das três idades ocorriam cinco estágios que completavam o ciclo histórico e que sempre conduziam os homens a uma nova barbárie. O primeiro estágio corresponde ao nascimento de uma nação, impregnada pelas relações bárbaras entre os homens. O segundo estágio é o desenvolvimento da nação, atingindo a idade heróica que por sua vez dá origem aos estados aristocráticos, governados sob o peso das armas pelos heróis, ou descendentes dos primeiros pais de família. No terceiro estágio celebram-se os governos humanos: primeiro a república popular e depois a monarquia constitucional, formas de governo que

22- Fiel a ortodoxia católica, Vico em suas obras professava a crença, em pleno século XVIII, na antiga cosmologia, sendo os planetas chamados de estrelas fixas.

correspondem a plena realização da natureza humana, todos os homens fazem uso da razão.

Após estes três primeiros estágios que podem ser identificados com o progresso do gênero humano, acontecem os dois estágios finais que correspondem ao declínio da sociedade. Após atingir o auge da realização da natureza humana, Vico dizia que o homem começa a degenerar-se colaborando para a decadência da sociedade, que vê desaparecer a república e novamente surgir as lutas sangrentas entre os homens. Por estas razões atinge-se o quinto estágio, que corresponde à morte ou o desaparecimento da nação, que pode ocorrer de três maneiras: pelo desaparecimento puro e simples dado ao grau de degeneração dos costumes; ou pela anexação violenta por um império emergente; ou finalmente, aliar-se a este império para não ter desaparecida todas as suas instituições. Estas duas formas anteriores correspondem ao que Vico denominou de recurso histórico, que serve para garantir a continuidade do curso da história da nação.

Pode-se notar em Vico duas posições distintas, ambas afirmando-se com a nova ciência. Quando Vico fala das três idades, ele faz relação com o homem, de forma geral, o coletivo, para isto vale-se da dos costumes humanos, estuda a mitologia, estabelece um novo conceito de poesia primitiva.

Quando Vico trata dos cinco estágios, ele tem em mente o ciclo da vida (infância, adolescência, juventude, maturidade e senilidade), a exposição é feita através da vida das nações, para o exemplo acima valeu-se da história romana antiga e também da mitologia romana.

Vico faz uso do homem singular e da história da nação para demonstrar que a história encontra-se inserida em um plano superior, conduzido pela providência divina inserindo-o na história ideal e eterna.

Trata-se de uma teoria da história, e ao mesmo tempo de uma filosofia da história, transcendendo o mero relato dos povos latinos (e poderia ter falado dos gregos, dos caldeus, dos fenícios ou até mesmo dos hebreus) buscando a realização de uma ordem imanente pré-estabelecida e possível pela ação imperceptível da providência. Esta síntese só é possível por uma concepção de homem -o microcosmo- e de história -o macrocosmo- enquanto ciência, a história só é possível quando se realiza a síntese entre filologia e filosofia; a filologia recolhendo os particulares das histórias dos diversos povos, explorando o universal fantástico, enquanto que a filosofia reflete sobre os elementos comuns ao gênero humano, formulando os universais racionais que explicam a verdade sobre o homem²³.

A providência divina é fundada na fé, quando aplicada na análise concreta dos fatos históricos ele assume um sentido rigoroso; Horkheimer referiu-se ao emprego da providência da seguinte maneira

«Mas quando dá ao conceito de providência uma utilização concreta, nada mais considera que a instância ou a lei através da qual os homens, apesar dos seus impulsos individualistas, bárbaros e egoístas são conduzidos a uma formação social e cultural» (1984:95)

²³- Mais uma vez o Axioma X é de fundamental importância para a compreensão da síntese estabelecida por Vico.

A idéia de providência no plano histórico corresponderia a uma mão invisível que conduz a humanidade gentílica, uma espécie de racionalidade absoluta da realização das potencialidades humanas para a construção das nações, que são possíveis de se conhecer plenamente através da teoria do *verum-factum*, o conhecimento por causas

«Este mundo humano é descoberto de Vico, que cria a *Ciência Nova*. O homem que produziu os fatos da história pode conhecê-los por ter sido o seu produtor, por ter em si mesmo todos os elementos e as causas da sua produção. Conhece as suas produções históricas recriando-as espiritualmente: reaparece aqui o conceito leonardino da segunda criação, mas aplicado não a uma realidade objetiva externa, mas ao sujeito criador, que é ao mesmo tempo produtor e produto de toda história. O homem se conhece e se reconhece através do seu fazer que é também o seu fazer-se, que é a identidade do fazer e conhecer comparável ao processo de criação divina» (MONDOLFO, 1969:77)

A convicção de Vico sobre a tripartição do tempo e na lei dos cinco estágios, colocava-o bem próximo das crenças antigas da reordenação do mundo a partir do caos, uma crença reforçada para ele através do Renascimento que seguiu-se à Idade Média, sempre chamada por ele na *Ciência nova* de "barbárie recorrente", mas era preciso refletir serenamente sobre o novo mundo que se abria, para evitar um novo retorno.

Como já dissemos, a história não se repete, existe um progresso contínuo, feito de erros e acertos; a tripartição do tempo não nega as novas formas de vida criadas pelos homens, o que persiste na história é a uniformidade de idéias, nas palavras de Collingwood "a história está sempre a criar novidades, a lei cíclica não nos permite prever o futuro...o verdadeiro

historiador nunca profetiza" (s/d:114).

Vico não imaginava os destinos reservados para o mundo ocidental nos séculos seguintes, mas pelo entendimento do passado ele pôde refletir sobre os riscos que o presente poderia acarretar para o futuro.

A contribuição de Vico ao campo da história e da filosofia da história é muito grande, sempre lembrada, e muitas vezes tida como a única contribuição de Vico à filosofia. Porém, os estudos históricos têm a função de sustentar o sistema filosófico, não podendo ser plenamente entendidos sem o conhecimento deste sistema.

A base deste sistema filosófico é a sabedoria poética, o conhecimento pré-reflexivo, sobre a qual está edificada a filosofia e a ciência. Se para Galileu a filosofia está escrita em língua matemática, sendo os caracteres "triângulos, círculos e outras figuras geométricas", para Vico é pré-requisito para a leitura deste livro, a leitura da história, habituar-se a uma outra forma de expressão, é preciso entender a linguagem poética.

Capítulo III

A linguagem poética e a construção do conhecimento

A reflexão sobre a linguagem foi um legado deixado pelo Nominalismo e teve entre os filósofos modernos vários adeptos, continuando assim a busca das origens da linguagem. Vico certamente tinha conhecimento desses estudos e, também sentiu-se desafiado em apresentar uma teoria a respeito da origem da linguagem dos antigos. A influência que ele menciona em sua *Autobiografia* veio das leituras do *Cratilo* de Platão e do *De sapientia veterum* de Bacon

«Entretanto Vico, com a leitura do mais engenhoso e douto que verdadeiro tratado de Bacon de Verulamio *De sapientia veterum*, se dispôs a investigar os princípios mais nelas [as palavras] do que nas fábulas dos poetas, levou-o a fazer isto a autoridade de Platão, que no *Cratilo* investigou-as [as palavras] nas origens da língua grega; e, impulsionando-o a disposição, na qual já se encontrava, que começava a lhe desagradar a etimologia dos gramáticos, se aplicou a procurá-las nas origens das vozes latinas» (VICO, 1725:41)

O estudo das origens da linguagem estava também

ligado às disputas entre antigos e modernos, fazia parte daquela crença da idade de ouro, de uma sabedoria muito remota que perdeu-se no tempo.

Apesar de não citar Hobbes como um autor admirado, apenas fazendo-lhe críticas, certamente Vico recebeu alguma influência da leitura do filósofo inglês. Hobbes dizia que o homem não é um animal racional por natureza, sendo a razão uma aquisição feita através de meios artificiais "...as faculdades específicas do homem que o diferenciam dos animais são adquiridas e crescem pelo estudo e pelo esforço, pela instrução e pela disciplina..." (ROSSI, 1992:250). A razão, para Hobbes, estava diretamente ligada à linguagem.

A posição de Hobbes estava muito próxima de outros autores que também contestavam a supremacia da linguagem adâmica. Havia ainda estudiosos que acreditavam em uma língua natural formada ao acaso e que posteriormente deu origem aos idiomas

«A retomada da temática epicuro-lucreciana implicava o abandono ou questionamento de uma língua revelada por Deus, antecendendo à sociedade e à história. A negação do caráter miraculoso da diferenciação lingüística resulta necessariamente na pesquisa das razões pelas quais essas diversidades aconteceram junto a povos diferentes e conectava-se com a doutrina da origem diversa e autônoma das várias gentes e raças humanas» (ROSSI, 1992:245)

Vico era católico e não podia concordar com a idéia de que o homem não é por natureza racional, não podia concordar também com os diversos questionamentos sobre a tradição judaico-cristã. Estas foram as questões que o levaram a desenvolver, simultaneamente, a sua teoria da história e o seu sistema

filosófico, ocupando-se em boa parte da expressão da sabedoria poética que antecedeu a idade dos homens - plenamente racional.

Ao contrário do que acontece nos dois primeiros livros, onde a linguagem aparece solta entre as várias críticas ao cartesianismo, no *Direito Universal* Vico dedicou um livro exclusivamente aos estudos filológicos.

Partindo de uma outra concepção de estado selvagem e de barbárie, que por um lado garante a racionalidade no estado natural e por outro lado, admite que a razão encontra-se sufocada pelos sentidos, negando qualquer espécie de pacto social; pois se as mentes estão presas aos corpos, os primitivos não tinham condições de realizar um pacto que exige poder de abstração. O princípio da sociedade é a religião natural.

A filologia ao lado da etimologia são os instrumentos que possibilitam o contato com os grandes monumentos do passado, ao analisar este material tão rico e tão disforme a filosofia poderá chegar à verdade das coisas humanas.

«O exame da palavra (filologia) é o princípio metódico e explícito que rege a obra toda e prepara o amor à sabedoria (filosofia). Por sua vez, a Filosofia assume a Filologia no momento crucial da interpretação. *verum et factum convertuntur*» (BOSI, 1972:159)

A sabedoria poética teve duplo interesse para Vico. Ele era um grande apaixonado pelas obras literárias da antiguidade clássica, apreciava as artes em geral e vivia o período barroco, que apresentava elementos completamente

diferentes da harmonia cartesiana¹. A cultura da Idade Média o seduzia pelas suas semelhanças com a Grécia pré-homérica, sem dúvida Vico contribuiu e muito para os estudos no campo da estética, de maneira especial na literatura comparada.

Nos estudos de Vico há uma distinção entre os termos poesia e poético, a primeira aparece nas obras de 1709 e 1710 quando ainda não existia a formulação de uma idade poética, que engloba tanto a barbárie quanto a idade heróica, que aparece na *Ciência Nova*.

A poesia está associada ao estudo dos clássicos, sem contudo encontrar neste estudo o sentido que mais tarde se manifestaria como sendo uma sabedoria de uma idade primitiva.

Ao associar poesia e mitologia, inicialmente, Vico acreditava existir nesta, profundas verdades filosóficas. Quando é abandonada a crença em uma sabedoria ocultada pela mitologia, que encerra profundas verdades filosóficas, tem início o verdadeiro sentido da poesia primitiva, que dá lugar ao estudo de um período da humanidade que foi marcado por manifestações poéticas, próprias do homem em um estágio em que ele ainda não era capaz de atingir os universais e atinha-se ao modo particular das coisas.

Não havia também uma preocupação em distinguir língua e linguagem, sendo a primeira mais usada nas primeiras obras,

1- Na estética Vico opõe-se às influências do método analítico no campo das artes, ele admirava o estilo barroco pela sua relação assimétrica entre o sensível e o conceitual. (Cfr. BOSI, 1972:160/1). Para Caramella (1977) o estilo de Vico identificava-se muito com as perspectivas barrocas da contradição entre imaginação e razão, e tinha em vista a reformulação da sua retórica e uma interpretação filosófica da comédia e da tragédia.

posteriormente substituída pela linguagem. Entende-se que quando usa língua, Vico refere-se a um modo particular, enquanto que linguagem é uma expressão geral de uma determinada idade da humanidade.

«O problema lingüístico que aos outros pensadores se põe como um meio, tendia para ele a ter valor de fim: deste problema nascia uma língua tanto originalmente e vigorosamente poética, quanto escassamente oratória» (FUBINI, 1965:08)

Este problema trabalhado por Vico estava ligado à estrutura da sua obra. Ele precisava fazer uso de uma linguagem que fosse eficaz em ilustrar aos leitores as idéias ali expressas. Na redação dos livros da *Ciência Nova*, Vico optou por um italiano muito próximo do latim vulgar, proporcionando ao leitor a sensação de experimentar através da linguagem o contato com aqueles homens rudes que não fazem parte da cultura letrada.

As sucessivas reelaborações que ocuparam o tempo de Vico entre 1725 e 1744, era a tentativa de encontrar uma formulação definitiva das suas idéias e que pudesse ser facilmente compreendida pelos leitores. Neste exercício de auto-aperfeiçoamento, Vico acabou fazendo da sua obra filosófica uma peça literária daquelas idades bárbaras

«Vico aprofunda o próprio pensamento e trabalha para dar ao pensameto uma expressão adequada e didaticamente feliz, vem, por assim dizer, a desenvolver pelo motivo conceitual o elemento lírico latente: enquanto busca uma forma mais límpida e mais acessível, encontra neste mesmo esforço de aprofundamento especulativo e expressivo alguma coisa de mais e alguma coisa de menos do que ele busca, uma linguagem toda sua, expressão de um ânimo intensamente apaixonado, e chega a dar em não poucas páginas, mais que a exposição de um sistema

conceitual, a celebração lírica daquele sistema e a ser ao mesmo tempo filósofo e poeta da humanidade primitiva, o filósofo e o poeta da Providência» (FUBINI, 1965:09)

A *Ciência Nova*² foi sem dúvida o marco divisor entre duas fases distintas, o amadurecimento de um sistema que encontrava seu lugar entre os modernos, por ser uma análise moderna da linguagem extraíndo dela a vida cotidiana, os costumes que são a base da nossa sociedade. Nas palavras de Vico a *Ciência Nova* foi a sua superação no refletir o princípio do mundo civil, que está baseado na sabedoria poética, que tinha um sentido próximo dos humanistas, mas que deveria ser entendida em seu significado real, não uma sabedoria de homens tão sábios quanto os filósofos, mas ao contrário, a sabedoria do vulgo, o senso comum

«Nesta obra ele encontra finalmente todo explicado aquele princípio, que antes confusamente e não com toda distinção havia colocado nas suas obras anteriores» (VICO, 1725:61)

O nascimento da formulação da linguagem poética se fez no abandono da tese da superioridade dos antigos, neste sentido pode-se destacar dois momentos distintos nas reflexões sobre a linguagem. O primeiro marcado pela reflexão da poesia primitiva, e o segundo, presente na *Ciência Nova* sobre a idade poética.

A análise da poesia feita por Vico estava

2- Pode-se dizer que o *Direito Universal* é este grande divisor, porém, a *Ciência Nova* consegue avançar ainda mais que a obra anterior.

inicialmente muito próxima dos textos de Aristóteles, a poesia é tomada como imitação e entendida como a superioridade dos antigos sobre os modernos, porque aqueles conseguiram mais do que estes representar as coisas da natureza, deixando para a humanidade os modelos ótimos como exemplos de virtude e sabedoria, não sendo possível aos modernos superá-los, mas sim igualá-los através da observação dos modelos deixados.

Vico acreditava na proximidade das atividades do poeta e do filósofo, ambos visam a verdade, embora agissem de maneira diversa, as mentiras poéticas conduzem a verdade dos filósofos

«Como diremos daqui a pouco, os poetas visavam a verdade da idéia, ou seja os universais; e mesmo o método geométrico conduz, melhor do que a qualquer outra coisa, a forjar mentiras as poéticas...Mentiras do gênero não podem ser forjadas se não por quem saiba com suficiente precisão reunir estreitamente coisa com coisa, de maneira que a segunda pareça sair da primeira, a terceira da segunda» (VICO, 1709:202)

O poeta e filósofo buscam a verdade, um e outro atingem este objetivo, mas filósofos e poetas falam para as mesmas pessoas? Não, o poeta fala ao povo, esta é a sublime poesia, enquanto que o filósofo fala aos doutos

«De forma deleitável, o poeta ensina as mesmas coisas que, de forma austera os filósofos. Um e outro indicam o dever; um e outro descrevem os costumes humanos; um e outro incitam à virtude e desaconselham o vício. Diferem nisto: que o filósofo, que se dirige a homens cultos, disserta com estas coisas sob um aspecto geral; o poeta, que fala ao vulgo, se vale, para persuadí-lo, e como se tratasse de exemplos encontrados de qualquer modo, de ditos e feitos sublimes dos personagens forjados por ele mesmo...se atem, então, ao falso para ser, de

certo modo, mais verdadeiro»(VICO, 1709:203)

Os antigos, e aí encontram-se tanto os clássicos da antiguidade greco-romana como os artistas do Renascimento, foram os modelos ótimos de que Vico falava. Aqueles clássicos foram os melhores no retratar a natureza ótima de Deus

«Posto isto, aqueles que se propõem a imitar ótimos modelos deixados por outros artistas, por exemplo por outros pintores, não podem por certo nem superá-los nem igualá-los...Por haver, então, ótimos autores, deveremos distinguir todos os ótimos modelos artísticos» (VICO, 1709:231/2)

Nisto residia a superioridade dos antigos, haverem feito a melhor representação da natureza, enquanto que aos modernos restava tomar como modelos a serem seguidos aquilo que os clássicos nos deixaram. Como se vê, a poesia limita-se a contemplação da natureza, e o homem, pela sua mente limitada, pode imitar esta natureza criada por Deus, não há, ainda, na poesia o caráter criador.

Na *Antiquíssima*, a posição anterior varia um pouco, e a linguagem dos antigos passa a encerrar verdades filosóficas, trata-se daquela expressão de uma sabedoria oculta perseguida por Vico

«No meditar sobre as origens da língua latina, me apercebi que aqueles muitos vocábulos eram assim doutos parecendo derivados não do uso popular vulgar, mas de alguma doutrina oculta» (VICO, 1710:243)

Os estudos filológicos desenvolvidos por Vico na *Antiquíssima* tinham a função de sustentar a sua gnosiologia que, por sua vez, baseava-se na doutrina do verum-factum. Servindo-se

da etimologia, Vico realiza uma arqueologia das palavras, tentando encontrar nelas a demonstração de sua tese: a linguagem dos antigos encerra profundas verdades filosóficas.

Nota-se que há uma diferença em relação a obra anterior. No outro livro Vico fala de mentiras poéticas, enquanto que aqui a análise etimológica busca encontrar uma sabedoria oculta. Neste livro de 1710, Vico defende que os antigos não forjaram mentiras poéticas tendo em vista a verdade, mas que expressaram-se voltados para esta verdade. Há uma harmonia entre o meio e o fim, coisa que na obra do ano anterior ele não mencionava.

Este livro, como já foi exposto no capítulo anterior, constituía-se em uma crítica às aplicações do método cartesiano à física; em contraposição ao método cartesiano Vico apresenta a teoria do *verum-factum*, que evidencia a impossibilidade da demonstração da natureza, enquanto que abre a grande possibilidade de se conhecer verdadeiramente o mundo civil.

Para Vico, o critério da verdade científica está na conversão do verdadeiro com o feito, o que equivale a dizer: conhecer implica em fazer o objeto da investigação. O único conhecimento válido é aquele por causas que enquanto demonstra consegue apresentar a gênese do objeto, sendo que o estudo deve ser realizado a partir de onde começa a matéria.

Então, não se trata mais de entender a poesia como imitação. Se os primeiros homens foram poetas e deixaram em sua obra coletiva (a mitologia) os princípios deste mundo de nações, a poesia, é uma construção, resgata-se o significado grego de

poesia como criação.

Teve influência decisiva para esta mudança radical em relação ao caráter da poesia a leitura de Bacon, aproveitando deste filósofo "o preceito da fantasia enquanto atividade específica do fenômeno artístico" (BASTOS, 1986:85).

A partir da teoria do verum-factum fica estabelecida esta distinção necessária para a ordem dos estudos: os antigos imitavam a natureza, por isso eram sábios nas coisas da natureza, podendo ser considerados aos físicos modernos, porque mesmo com as suas mentiras eles eram capazes de representar a natureza

«Porque os poetas mais antigos eram também físicos. Por isto "sanguine cretus" ("formado pelo sangue") para "gerado", "abire in auras" ("esvair no ar") para "morrer", "ignis circa praecordia fervens" ("fogo ardente em torno das entranhas") para "febre", "concretus in aere vapor" ("vapor recolhido no ar") para "nuvem", "excussus nubilis ignis" ("fogo lançado pelas nuvens") para "raio", "terrae umbrae" ("sombras da terra") para "noite"» (VICO, 1709:205)

Quanto as coisas humanas, os poetas mais antigos não imitavam uma ordem natural, ao contrário, eles criaram uma ordem social compátivel com a verdadeira natureza humana - a sociabilidade.

Portanto através de expressões como aquelas da citação acima é possível adentrar nas imensas florestas da terra e encontrar as origens da sociedade civil. A história como ciência só é possível pela compreensão adequada da linguagem daqueles tempos bárbaros e heróicos. A mudança de posição e a compreensão da radicalidade da sua descoberta só foi plenamente desenvolvida nas décadas posteriores

«a poesia é um produto coletivo, produto de todo um povo ou de uma nação; a linguagem poética está em constante fluxo, desenvolvimento...ainda que a poesia se revele pela imaginação e seja criadora de mitos, sua base é a experiência e a sua função é a transmissão daquela experiência; a mais elevada virtude da poesia não é a beleza, mas o sublime» (BASTOS, 1986:90).

A mudança ocorrida entre 1710 e 1725 representa o amadurecimento intelectual manifestado pela constatação da impossibilidade de aplicar a teoria do *verum-factum* às ciências naturais, restando-lhe o mundo civil a ser pesquisado. Por outro lado, a formulação do método de investigação constitui-se na própria epistemologia que nas páginas da *Antiquíssima* começava a ser pensada segundo o método geométrico, não aplicado ao mundo natural, mas para a descoberta do mundo civil das nações em seu estado de barbárie³.

Platão e Bacon exerceram influência sobre Vico nas duas primeiras obras, porém a mudança de posição sobre o caráter e o valor da língua dos antigos foi resultado de outras leituras que não aparecem explicitadas na *Autobiografia*.

Certamente, pela proximidade das idéias, exerceram influência positiva sobre Vico, na sua mudança perante a linguagem poética, autores como Leibniz e Berkeley. Estes autores auxiliaram Vico na elaboração de uma lógica poética.

Ao admitir que o mundo primitivo possuía uma sabedoria poética e uma linguagem também poética, não era

³- Encontra-se aqui mais um traço da modernidade de Vico, a matemática enquanto linguagem não deve ser entendida apenas como equações e sim também na busca de uma expressão clara e rigorosa para o pensamento sobre o objeto estudado.

possível entendê-las aplicando uma lógica racional e abstrata, era necessário também uma lógica poética.

Para Leibniz a idéia é reduzível a matéria através da palavra que elimina o caráter irracional da matéria. Para Berkeley esta afirmação não se aplica a todas as palavras

«a natureza primordialmente sensível da palavra é irredutível à razão abstrata, e que a união concreta e necessária de palavras e de idéias produzem idéias particulares de onde subsiste a aderência ao empírico» (CARAMELLA, 1977:253)

A palavra apresenta-se como o elemento a ser analisado, não da maneira dos gramáticos modernos que destituem a palavra de toda a sua fecundidade de significado apresentando-a como uma convenção, sem se importar com a maneira como ela tornou-se parte de uma linguagem convencional.

A teoria do *verum-factum* além de apresentar a reciprocidade entre a verdade e a ação, oferece o caminho a ser seguido para entender a criação da linguagem e compreender o seu significado

«Em latim *verum* e *factum* têm uma relação de reciprocidade, ou, para usar um vocábulo vulgarizado nas escolas "se convertem", e *intelligere* tem o mesmo valor de "ler perfeitamente" e "conhecer abertamente". Outras vezes os latinos diziam *cogitare* o que nós, no vulgar, "pensar" e "ir recolhendo". Para eles *ratio* significava tanto o cálculo aritmético quanto a faculdade, que, peculiar ao homem, o distingue dos brutos e o faz superior a estes. Usavam pois apresentar o homem como ser animado, que pela razão é sobretudo partícipe ainda não completo possuidor. Por outro lado, como as palavras das idéias, assim as idéias são símbolos e caracteres das coisas: de onde deriva que da mesma maneira *leggere* se diz daquele que vai recolhendo os elementos da escrita com os quais se compõem as palavras, assim *intelligere* se diz de quem vai recolhendo

de uma coisa todos os elementos aptos a exprimir uma idéia perfeitíssima» (1710:248)

A citação acima demonstra a identidade entre o conceito de linguagem dos humanistas, apresentado no capítulo I, e aquele usado por Vico. O conceito de linguagem empregado por Vico está em sintonia com o período humanista, sendo a linguagem a combinatória universal onde um elemento conduz a outro elemento, sendo o conhecimento a capacidade de decifrar os signos que as palavras guardam.

Esta posição continuará a permear a construção do pensamento filosófico de Vico. Auxiliado pela epistemologia, mais tarde Vico afirmará que as palavras são pequenas fabulazinhas, que trazem nas suas variações a história de sua formação e posteriores mutações conforme o desenvolvimento e as mudanças de costumes da sociedade.

Com base na teoria do *verum-factum* o mundo humano é possível de ser conhecido na sua totalidade, daquilo que é significado e significante, uma vez que os homens possuem as razões que os levaram a construção mental destas idéias

«Assim o verdadeiro humano é aquele que o homem, no ato de conhecê-lo, compõe os seus elementos, ao mesmo tempo que lhes dá forma. Na cognição da gênese das coisas, isto é da maneira como essas vem se fazendo, no mesmo ato no qual vem a conhecer esta maneira, dispõe ordenadamente os elementos da coisa conhecida e, ao mesmo tempo, a faz» (VICO, 1710:249)

Uma vez não possuindo em si os elementos que formam o mundo natural, o homem pode através da linguagem forjar os elementos que o levem a conhecer o mundo humano. Desta maneira a

limitação da mente humana converte-se na grande força, de buscar incansavelmente o conhecimento das coisas; não tendo da natureza um conhecimento pronto e acabado, mas construindo em sua mente sob forma de representações o mundo natural, sem nunca esgotá-lo.

O monumento escolhido para o estudo do passado, foi a mitologia, agora redimencionada pela teoria do *verum-factum*. A filologia executa uma reflexão sobre a verdade do que foi realmente as origens do homem, não especulando sobre como poderia ter sido. Aqui Vico encontra-se muito próximo da ciência de Galileu, que procura investigar o que aconteceu e não aquilo que poderia ter acontecido. No caso de Galileu esta investigação voltava-se para o mundo físico, enquanto que Vico faz a opção pelo mundo civil.

O mito deixou de ter o caráter de ocultar profundas verdades e também, aquele anterior, de ser mentiras poéticas. Não existe um sentido oculto, as palavras trazem a história da coisa representada.

Nesta etapa de mudança de posição, outro autor deve ter influenciado Vico. Gian Vincenzo Gravina (1664-1718)⁴, foi um grande estudioso da razão poética, título de um trabalho publicado em 1708, propunha que o estudo das artes poéticas deveriam ser feitos "segundo princípios racionais apropriados e distintos daqueles do método científico" (CARAMELLA, 1977:253).

Cada idade histórica possui uma forma específica de

⁴- Gravina foi membro da "Accademia degli Arcadi", fundada em Roma em 1690 e teórico da íntima conexão entre a poesia e o meio natural da vida humana, e dos mitos poéticos com a mentalidade e os costumes dos pastores.

linguagem que corresponde ao estágio da mente humana para cada idade. A primeira forma de linguagem foi muda ou por sinais. O homem primitivo, prisioneiro dos sentidos, não era capaz de compreender as coisas da natureza e tão pouco a sua própria natureza (sociável/racional). Por esta razão, quando por extrema necessidade e utilidade foi capaz de romper o isolamento, passou a comunicar-se através de sinais, a base da comunicação era as próprias coisas de que se queria falar.

Posteriormente, através das primeiras instituições sociais - a primeira delas a religião - o homem passa a imitar os sons naturais⁵, ainda não conseguindo articular palavras. Há uma identidade muito grande entre a idéia inicial da poesia e os primeiros sons, Vico acreditava muito na imitação como único meio adequado para o homem conhecer a natureza.

Quando o homem consegue consolidar as primeiras instituições sociais, surge a segunda forma de linguagem - aquela que Vico dedicou-se a estudar - a linguagem poética. Esta forma de linguagem corresponde ao estágio em que a mente humana ainda não era capaz de compreender as coisas tal como elas eram. Por isso, os homens para se comunicar valiam-se de alegorias, metáforas em que as palavras remetiam às coisas. Somente na idade dos homens é que surge a linguagem convencional

«A distinção destes três momentos progressivos constitui a descoberta para Vico da lei de desenvolvimento do espírito humano como princípio psicológico transcendental, intrínseco ao desenvolvimento lingüístico e

⁵- "As crianças se valem vigorosamente no imitar, porque observamos por mais vezes entreterem-se em imitar o que são capazes de aprender" (VICO, 1744:199 - Dignidade LII).

histórico da humanidade e das forms sociais»
(CARAMELLA, 1977:257)

Somente na *Ciência Nova* a linguagem poética passa a ser apresentada como expressão da precariedade de raciocínio. A linguagem poética é para Vico, agora definitivamente, pobre e primitiva, estabelece o contato do civilizado com a mente rude dos primeiros homens, da passagem da barbárie para a idade heróica. Apesar de estar impregnada pela fantasia desperta pelos sentidos, e por isso rude e violenta, a linguagem poética revela a verdadeira história da humanidade, demonstrando que a mitologia foi a primeira forma de expressão de uma sociedade que estava nascendo e não era capaz de formular universais racionais e por isso os homens valiam-se de universais fantásticos

«Aquilo que Vico queria entender não era esta ou aquela obra da poesia, mas o curso que fazem as nações e de modo particular a formação dos espíritos da idade humana, que não se compreende se não se pressupõe uma idade bem diferente da qual nos é testemunhada pelas instituições, pela linguagem e pelos mitos»
(FUBINI, 1965:162)

A análise do mito e da poesia dentro da estética de Vico torna difícil a distinção entre os dois termos, o que por sua vez revela que a preocupação maior não era dar uma definição de mito e poesia, mas valer-se de uma forma de linguagem própria à barbárie e que serviu de sustentação tanto para a sua teoria da história quanto para a fundamentação do seu sistema filosófico. Mais uma vez é precisa a consideração feita por Fubini

«Assim pode-se verificar que em Vico ficam indistintos a poesia e o mito, a representação fantástica e a explicação fantástica do universo, ao contrário o problema da distinção

nem é colocado por ele, que visava muito mais distinguir o universal fantástico do universal filosófico, a sabedoria poética daquela dos doutrinados -aqui estava o seu interesse precípua- do que determinar a natureza da poesia a respeito daquelas formas de pensamento que se apresentam com caracteres fantásticos. Parece por isso vão pedir uma resposta a tal questão» (1965:171/2)

Além de romper com aquela corrente de doutos que viam na mitologia profundas verdades filosóficas, Vico rompe também com a estética clássica que vê beleza em tudo que é antigo. Para Vico a beleza reside justamente na violência das relações bárbaras e heróicas, expressas pela mitologia, deixadas como um monumento perene para o mundo civilizado.

Embora o pensamento dos séculos XVII e XVIII considerasse as formas de linguagem anteriores à matemática como imprecisas, para Vico isto não se aplicava à linguagem poética, pois ela reconta de maneira precisa a vida dos homens primitivos. A metáfora possui um sentido próprio, para não fugir ao sentido, basta analisá-la inserida na idade respectiva em sintonia com os vários costumes pertinentes à esta idade: a religião, a economia, o estado, os tratados de guerra e de paz. Conforme a sabedoria daqueles tempos primitivos é possível estabelecer uma lógica, também poética, que torna possível a análise da linguagem em conformidade com o estágio de desenvolvimento da razão humana

«O sujeito pensante compreende-se, pois, na sua linguisticidade, como imperfeito. O *topos* metafísico da imperfeição do sujeito, que é o próprio pensante, deixa-se deste modo compreender na conexão de que ele se sabe vinculado a uma linguagem imperfeita e que, por conseguinte, não pode entender como realizado o conceito de si mesmo, de ser sujeito pensante» (SIMON, 1990:18/9)

Qual o parâmetro para se estabelecer esta conformidade entre a linguagem e a mente humana?

Vico optou por observar o comportamento das crianças e dos homens simples, denominado por ele como o "vulgo", comparando-os ao primitivo e buscando nesta comparação uma identidade

«Os homens ignorantes das causas que produzem as coisas, quando não as podem explicar nem mesmo por coisas similares, esses dão às coisas a sua própria natureza, como o vulgo, por exemplo, diz a calamita⁶ estar enamorada pelo ferro» (VICO, 1744:191 - Dignidade XXXII)

«O mais sublime trabalho da poesia é dar sentido e paixão às coisas sem sentidos, e é propriedade das crianças de tomar coisas inanimadas entre as mão e, brincando, conversar com elas como se fossem pessoas vivas. Esta dignidade filológica-filosófica nos prova que os homens do mundo infantil, por natureza, foram sublimes poetas» (1744:193 - Dignidade XXXVII)

As comparações feitas entre a barbárie e o comportamento da criança será abordado no capítulo IV, para o momento é oportuno refletir sobre a relação destacada por Vico entre o primitivo e o homem do povo.

Vico encontrou a maneira necessária para analisar o mito sem adulterar o seu real significado. Com este parâmetro, associado a teoria do *verum-factum*, a linguagem exprime perfeitamente e precisamente o feito, e constrói a verdade, porque existe uma causa necessária que pode ser descoberta na medida em que se consegue reduzir os efeitos a uma causa muito simples, neste caso a linguagem é rude porque o falar é limitado,

⁶- nome antigo dado ao imã.

pobre e primitivo, mas é justamente daí que nasce a sua riqueza, que oferece a verdade sobre o homem, porque fora do estado natural as coisas perecem, não podendo ser passada de geração em geração, e se temos a mitologia como monumento do passado é porque os homens não eram capazes de se expressarem de maneira plenamente racional, recorrendo por isso às metáforas.

As tradições que foram criadas pelos usos e costumes dos povos antigos foram preservadas através das línguas antigas, o sentido das palavras foi alterado em função das transformações culturais ocorridas durante o curso histórico de cada nação, mas fica a ligação com a linguagem originária que foi, pelas características da mente humana, poética.

A poesia consegue dar o sentido necessário às coisas, tornando-as úteis ao gênero humano; como os homens não são capazes de entender as coisas da natureza de maneira lógica, por desconhecer as suas causas, eles acabam fazendo da natureza um imenso corpo animado, atribuindo a ela atributos do seu próprio corpo. Esta posição era ilustrada por Vico pelas expressões que até hoje são comuns: "braço de mar", "boca da noite", "assovio do vento", entre outras.

Outro comportamento comum ao vulgo, assim como também era para o homem primitivo é o apego às coisas uniformes. Vico explicava que este apego é notado no comportamento do povo, que quando quer referir-se a homens famosos acabam criando verdadeira fábulas sobre suas virtudes ou defeitos, de acordo com os

aspectos e circunstâncias que o contexto pede⁷.

Com base nesta constatação, Vico inferiu sobre o sentido real da mitologia, principalmente o relato sobre os heróis greco-romanos. Tratava-se de uma narração que exprimia uma verdade poética, que cria um efeito maior do que os feitos destes heróis, é o universal fantástico que fica como o modelo a ser empregado no falar sobre as coisas desconhecidas a partir das propriedades conhecidas

«Dado que resulta esta importante consideração de razão poética: que o verdadeiro capitão de guerra, por exemplo, é o Gofredo que imagina Torquato Tasso; e todos os capitães que não se conformam em tudo e por tudo com Gofredo, esses não são verdadeiros capitães de guerra» (VICO, 1744:197)

Através da fantasia e do engenho o homem é capaz de criar uma representação daquilo que não conhece verdadeiramente; visto do ponto de vista do homem culto a linguagem poética é falsa, porque não é capaz de representar a coisa como ela é, porém, dentro da mentalidade popular, da lógica poética, esta expressão é verdadeira pois corresponde ao estágio em que a mente humana encontra-se presa ao corpo pelos sentidos.

Lembrando a afirmação feita por Vico, de que a mente humana é ilimitada⁸ (Dignidade I), ela é capaz, através do

7- Esta afirmação de Vico continua válida; por exemplo, os "grandes vultos" da história recente são lembrados ora como vilões, ora como heróis, de acordo com as circunstâncias. É muito comum se ouvir entre o povo que "no tempo dos militares essas coisas não aconteciam".

8- Lembrando sempre a distinção feita por Vico, de que a mente infinita é Deus. Nas primeiras obras a mente humana aparece como limitada, posteriormente, na *Ciência Nova*, ela passa a ser apresentada como ilimitada.

pensamento, de representar a si mesma. Para isto a mente humana vale-se das suas faculdades que tornam as virtudes em atos.

Das faculdades da mente humana, Vico destaca como responsável pela criação das metáforas a fantasia, que é a faculdade própria para configurar a imagem das coisas. Atuam concomitantemente com a fantasia, a memória, sendo a responsável pela recordação das percepções; quando este ato concretiza-se, ocorre a reminiscência

«Isto, talvez, porque não nos é dado configurar se não as coisas que recordamos, nem recordamos se não aquelas que percebemos por meio dos sentidos. Certamente nenhum pintor jamais pintou espécies de plantas e de animais a que natureza já não lhe houvesse oferecido um modelo; e quanto a estes hipogrifos e centauros, esses são, substancialmente, coisas verdadeiras, existentes na natureza, misturados com o falso» (VICO, 1710:294/5)⁹

Esta capacidade de misturar as coisas da natureza, e na representação unificá-las, estabelecendo correlação entre coisas procedentes de origens diversas, dá-se o nome de engenho, que atua junto com a fantasia, servindo de motor da imaginação na criação de imagens

«...os primeiros homens, como crianças do gênero humano, não sendo capazes de formar os gêneros inteligíveis das coisas, tiveram natural necessidade de imaginar os caracteres poéticos, que são gêneros ou universais fantásticos, como que reduzindo a certos modelos, ou da mesma forma retratos ideais, todas as espécies particulares a cada um do seu gênero semelhante» (VICO, 1744:198)

⁹- As duas primeiras afirmações contidas nesta citação coloca Vico muito próximo do Empirismo de Locke, no que diz respeito a ação dos sentidos.

Se por um lado, Vico contrariava os eruditos adeptos da estética clássica, que viam a beleza com os olhos condicionados pelos gostos do presente, também opunha-se aos modernos que viam na mitologia e na tradição apenas equívocos e erros

«O universal fantástico do mito deve de fato parecer a quem o considerar do ponto de vista do universal filosófico como algo de defeituoso, que deve ser purificado: e o que é a barbárie também se a chamamos de generosa ou magnífica, se não um defeito? Mas a poesia, em si mesma beata, não tem em si nenhum defeito, nem pode ser corrigida e purificada»(FUBINI, 1965:173)

A defesa da linguagem poética como expressão tão precisa quanto a matemática tem na filosofia de Vico um elemento peculiar, o certo. Para a tradição, a verdade repousa em Deus e por Ele é revelada, tendo na Igreja a sua guardiã terrena. Para os modernos a verdade é possível de ser atingida através do método e da ordem, esta linguagem tem que ser clara, precisa e neutra, em uma palavra tem que ser matemática.

Tanto para a tradição como para os modernos só existem duas possibilidades de conhecimento: o verdadeiro e o falso. Para Vico, além destas duas possibilidades existe o certo.

O certo é aquilo de que se ocupa a filologia, é aquilo que o homem fez em determinado momento da história. O certo não é a verdade, mas também não pode ser considerado como o erro, uma vez que o certo, considerando-se o processo das ações humanas, pode chegar a ser o conhecimento verdadeiro.

Este foi o ponto de discordia entre a epistemologia pensada por Vico e aquela cartesiana que dominava o ambiente

cultural de Nápoles nos séculos XVII e XVIII.

Nas páginas de Vico encontra-se a formulação de um conhecimento científico que se faz por acúmulo, uma construção que não sendo possível de, em um determinado estágio, alcançar a verdade do objeto, pelo menos pode-se ter dele o certo, a maneira pela qual ele foi gerado. Entre a verdade e o erro está o verossímil, que ainda não é a verdade mas é através dele que se chega a descobrir a verdade.

O certo, o verossímil, o senso comum não são expressões da verdade, mas por outro lado não se pode considerá-los como o erro, trata-se de um estágio anterior ao exercício pleno da razão, chamado por Vico de sabedoria poética.

Mais uma vez é interessante lembrar as comparações estabelecidas por Vico entre o primitivo e o homem simples. Nos Axiomas, que Vico chamava de dignidades, ele ofereceu uma caracterização do homem do povo para que o leitor pudesse entender o comportamento do homem primitivo.

Não se trata de fazer uma censura ao comportamento do vulgo, ao contrário, o que Vico pretende é fazer uma análise do comportamento da mente humana em sua relação com o mundo, buscando nela uma uniformidade de idéias responsável por uma língua comum aos homens em todos os tempos e em todos lugares, daí o seu interesse pelo senso comum

«O senso comum é um juízo sem nenhuma reflexão, comumente sentido por toda uma ordem, por todo um povo, por toda uma nação ou por todo o gênero humano» (1744:179 - Dignidade XII)

Embora a sabedoria poética apresente uma idéia falsa¹⁰, devido a limitação da mente humana, ela é a forma de um conhecimento possível. A uniformidade de idéias, por sua vez é percebida entre as camadas populares que não tiveram acesso ao saber sistematizado; decorre deste fato o contato espontâneo com o mundo sentido pelo homem. Este contato primeiro provoca um efeito sobre a mente humana, que corresponde ao maravilhar-se diante do desconhecido, passando a descrevê-lo por aquilo que lhe é conhecido¹¹. Daí nasce o senso comum.

O senso comum é produto da ordem das semelhanças das coisas, estabelecendo um critério de verdade através da ação comum exercida pelas percepções sobre a mente dos homens, nos diversos lugares e nos diversos tempos da humanidade. A partir do senso comum é possível então defender uma uniformidade de idéias que estabelece "um dicionário mental, que dá origem a todas as línguas articuladas diversas" (corolário à dignidade XIII, 1744:179).

Esta tese no campo da linguagem corresponde à cultura barroca, com a qual Vico estava ligado. Outros autores haviam dado um desenvolvimento muito próximo àquele de Vico, porém, estes autores estabeleceram um sistema natural de uma língua também natural. O trabalho de Vico pode ser considerado como uma

10- Lembrando mais uma vez que considera-se como falsa a sabedoria poética do ponto de vista científico e filosófico.

11- Como a pouco nos referíamos, o homem acaba atribuindo ao mundo natural as propriedades do seu próprio corpo; mais um exemplo de Vico: os primitivos imaginavam a terra como o corpo de uma mulher, daí expressões do tipo "seio da terra" ou "terra fértil".

variante desta ciência barroca, uma vez que ele entende a linguagem como sendo produto da mente humana que cria o mundo social, enquanto que o mesmo não se aplica ao mundo natural

«Tal programa pode ser considerado sobre as primeiras [línguas] como variante filológico-transcendental da idéia, característica do "sistema natural" da ciência barroca, de uma "língua natural", idéia que se exprime Böhme como estrato profundo, místico-religioso e sentimental-expressivo, da língua materna; em Leibniz como *ars combinatoria* matemática de todas as idéias simples racionais; e enfim em Berkeley como sinais que remetem às qualidades sensíveis por meio das quais Deus fala com os homens» (APEL, 1975:425).

Essa uniformidade de idéias, que pode ser chamada de senso comum ou de sabedoria poética, no século XX tem os seus adeptos, entre eles destacam-se os antropólogos, que puderam constatar este fenômeno que Vico havia formulado na primeira metade do século XVIII, sem nunca ter saído da terra natal, somente por acreditar nos relatos dos viajantes que descreviam os ameríndios e outros povos asiáticos mais primitivos¹².

Através deste dicionário mental é possível entrar em contato com a mente dos primitivos, assim como é possível compreender as pessoas simples que são excluídas das instituições sociais¹³ e permanecem com uma visão de mundo fragmentada e mágica.

Instruído pela tradição humanista, Vico tinha o seu

12- A este respeito existe um artigo de Alberto Caturelli: O novo mundo na filosofia da história de Vico. In: *Archives de Philosophie*, 40, 1977, 203-214. Ainda a título de ilustração, na *Ciência Nova*, Vico referia-se inclusive aos nativos do Brasil (1744:233).

13- refiro-me a escola e a cultura superior.

ideal de virtude unido à sua concepção de filosofia, que deve fazer com que o homem seja justo, piedoso e sábio, sendo a sabedoria o exercício da justiça e da piedade. Vico deixava aberta a possibilidade da filosofia reerguer o homem através da observação dos costumes humanos e do respeito à natureza humana¹⁴, essa é a grande tarefa da filosofia, instaurar uma Ideal República Natural.

As falas vulgares tinham para Vico uma profunda identidade com os costumes antigos, e por esta razão apresentavam uma uniformidade de idéias. Ainda nos "Elementos" da *Ciência Nova* Vico afirma categoricamente a existência desta língua mental comum a todas as nações

«É necessária a existência na natureza das coisas humanas uma língua mental-comum a todas as nações, cuja uniformidade compreende a substância das coisas ocorridas na vida humana sociável, e a explique com tantas diversas modificações por quantos diversos aspectos possam ter essas coisas» (VICO, 1744:185 - Dignidade XXII)

A grande dificuldade para entrar em contato com este mundo primitivo, estava na maneira como os gramáticos modernos tratavam a linguagem, as línguas, as palavras. Quando Vico refere-se aos gramáticos ele tem em vista os manuais de Port-Royal. Esta relação será trabalhada no capítulo IV, mas no que diz respeito a crítica aos gramáticos, Vico dizia que estes

¹⁴- Assim como no mito adâmico o homem é expulso do paraíso pela punição de Deus ao homem caído pelo pecado, assim também a ignorância é vista como o estar fora da natureza própria do homem (ser racional), o homem -assim como o pecador- deve realizar a sua reconciliação com a sua verdadeira natureza.

acabam destituindo as palavras do seu significado, tratando-as como abstrações puras.

Mesmo a linguagem convencional da idade humana é constituída por metáforas, não tem como escapar desta constatação. As palavras nos estágios anteriores foram miméticas e analógicas em relação ao representado, portanto a metáfora tornava-se um atributo natural da linguagem. Na idade em que predomina a razão, a linguagem é obviamente racional, isto é, se vale de universais lógicos, é articulada sendo apresentada na forma escrita por sinais convencionais, mesmo assim a linguagem convencional apresenta ainda em sua estrutura o elemento formador que é a metáfora.

A respeito das figuras de linguagens, dos tropos e metonímias apresentados por Vico na *Ciência Nova*, Antonio Cândido em seu programa de Literatura Comparada fez o seguinte comentário:

«Vico, em 1730, lançou a hipótese de que a linguagem figurada, ou poética, era a primitiva; que os homens passaram dela à linguagem racional; que ambas não são duas realidades distintas, mas intimamente vinculadas; é que portanto as imagens não eram "enfeites" do discurso, como pensavam os retóricos, mas elementos viscerais da expressão, que através delas se efetuava» (MELLO E SOUZA, s/d:76)

No desenvolvimento deste raciocínio, Antonio Cândido, profundo conhecedor dos costumes da vida interiorana - da cultura popular - afirma que o povo, e mais ainda, que no campo, tem inclinação para a linguagem metafórica e por comparação. As pessoas cultas utilizam menos a comparação intencional, mas por

outro lado em sua fala estão presentes as transferências de sentido. Aí está a identidade entre as formas de linguagem; mesmo que não se dê conta, a norma culta traz dentro de si aquela sua origem poética, tem como elemento gerador a metonímia, a figura de linguagem.

Mesmo a linguagem científica, que deve ser neutra, clara e precisa, em sua forte inclinação para abstrações não tem como escapar da herança poética quando elabora um discurso científico sobre o homem.

A distinção entre as formas de linguagem está muito mais ligada ao filtro ideológico formado pelas relações hegemônicas da vida social que estabelece uma língua padrão - a norma culta. Em uma análise marxista pode-se afirmar sobre a existência de uma super-estrutura que corresponde ao significado, enquanto que a infra-estrutura corresponde ao significante, sendo certo a identidade entre significado e significante, independente da maneira como se consegue esta identidade.

A norma culta, por sua vez, nasceu de uma língua primitiva, que teve um princípio bárbaro, este é o caso do latim que teve seu início entre pastores e muito tempo depois tornou-se a língua de um vasto império, exercendo influência sobre a maneira de falar de muitos povos¹⁵.

A presença da linguagem figurada é quase que imperceptível, este fenômeno resulta da excessiva ênfase na racionalidade, uma crítica que Vico fazia ao método analítico

15- Tal fato enquadra-se naquilo que Vico chamou de "Ricorso" histórico.

que, além de tirar o significado das palavras, colabora para a esterilização da mente do sujeito, tornando-o incapaz de utilizar a sua fantasia - a capacidade de modelar imagens - dando maior força de expressão às idéias. Embora, as vezes não seja notada a figura de linguagem encontra-se presente nos vários grupos sociais, tanto entre o povo quanto entre aqueles que têm acesso a cultura superior

«É preciso, portanto, distinguir a linguagem figurada espontânea, que representa simplesmente um modo normal da expressão humana, e a linguagem figurada elaborada, construída com intenção definida, visando a determinado efeito. Na linguagem corrente, aparecem as duas. Mas se eu lhes dissesse, há pouco, que a linguagem figurada é como um manto que recobre e vivifica o sentido banal das palavras, eu o teria feito à busca de um impacto, e os senhores teriam certamente registrado este impacto» (MELLO E SOUZA, s/d:76)

Mais que a intencionalidade, o uso de uma linguagem convencional é o resultado da ordenação e articulação daquela linguagem que não é mais primitiva, teve o sentido alterado de acordo com as mudanças ocorridas no seio da sociedade¹⁶, e mesmo assim mantém viva a idéia primeira que serviu para dar sentido a uma coisa percebida pelo homem, este é o maior trabalho da poesia, e que só é possível pela fantasia, que é capaz de reavivar a memória do gênero humano e resgatando através de cada palavra a caminhada realizada pela humanidade até atingir a racionalidade plena.

16- Como se vê as figuras de linguagem, como esta "seio da sociedade" surgem quase que naturalmente, porém de maneira ordenada.

A falta de atenção à presença da metáfora em nossa forma de expressão é um indicador do embrutecimento da razão, pois ela não é mais capaz de discernir aquilo que ela mesmo criou, é o risco do irracionalismo pela fé cega nas potencialidades da razão, que não é capaz de refletir sobre as próprias palavras forjadas pela mente humana.

Esta perda de sentido se fez no processo civilizador, no esforço de purgar a mente de toda falsidade, da possibilidade do erro, tornando estranha à mente a linguagem figurada, destituindo-a de sua riqueza de imagens.

A linguagem poética era para Vico a construção do conhecimento, não só porque trata-se da linguagem primitiva que um dia surgiu em meio ao processo civilizador, mas porque ela está presente na vida do sujeito através do seu vocabulário mental comum a todos outros homens, independente do tempo e do lugar. Não se trata apenas de uma construção do passado. Esta construção está presente em todos os momentos da comunicação humana, porque a metáfora é o elemento gerador do significado convencional.

É ainda construção porque sobre este elemento primitivo pode ser edificado o saber científico, é possível a reflexão. Através da linguagem poética, que nas sociedades civilizadas é a expressão do senso comum, a mente humana é capaz de produzir os seus próprios elementos da representação, porque os possui.

A linguagem lógica é também convencional porque reflete a verdadeira natureza humana, que Vico acreditava ser

sociável, sendo a razão este elemento comum, entre todos os homens, em todos os tempos e lugares, a igualdade natural é resultado da realização da natureza humana - o ser racional.

A linguagem da idade propriamente humana é expressa por sinais convencionais, isto é, aceito igualmente e compreendido por todos aqueles que tenham acesso ao saber elaborado. A sociedade é fundada sobre a desigualdade, dizia Vico no início da *Ciência Nova*, mas a verdadeira natureza humana só se realiza com a superação desta desigualdade, a possibilidade de superação não ocorre no estado natural, mas ao contrário, no estado civil, em que as relações sociais são regidas por códigos escritos.

Para Vico, o Estado civil é essa sucessão de governos: teocrático, aristocrático e democrático, na direção da realização plena da natureza racional do homem. Daí surge o paradoxo lançado por Vico, a verdadeira natureza humana não foi celebrada no estágio da barbárie, ela só se torna possível quando todos os homens se reconhecem como iguais nas mesmas faculdades mentais. A igualdade não está nas utopias do Renascimento, mas na cidade moderna, nas repúblicas ou monarquias constitucionais.

Não se trata para Vico de profetizar, a idéia de providência divina não atua como os titãs da mitologia; a providência opera a transformação dos vícios privados em virtudes públicas, porém não evita a queda do homem e da humanidade. Vico acredita na realização da natureza humana, mas não anuncia o reino da felicidade. Pela própria natureza ilimitada da mente humana o homem está propenso à queda, ao retorno à barbárie,

iniciando novamente a caminhada em direção à racionalidade¹⁷.

Não se trata para Vico de um retorno a Idade Primitiva, mas de um endurecimento da razão, que leva o homem a ter um comportamento estranho a sua natureza

«Vico é perfeitamente consciente das origens da civilização. Ele logo vê que a barbárie está conexas com a natureza e que a civilização é uma luta constante contra a natureza, contra a agressividade, contra a guerra, contra a morte. Vico sabe que a barbárie nunca morre totalmente» (PACI, 1987:227)

No seu tempo, Vico via o método analítico como um risco para a mente dos jovens. Ele julgava nociva a ordem dos estudos proposta pelos cartesianos. Tal método desprezava as potencialidades da mente em função da crítica. Para Vico era necessário privilegiar inicialmente o engenho, a tópica e a fantasia, que são as bases para toda forma de conhecimento abstrato.

A mente humana atua através da percepção, do juízo e do raciocínio. Para cada uma destas operações existem três artes que tornam possíveis as operações da mente humana, que são: a tópica, a crítica e o método, respectivamente.

O engenho é a faculdade específica com que se adquire o saber, tornado o homem apto a perceber o mundo e a construir o conhecimento. O engenho dá origem à ciência, mas para se chegar ao conhecimento científico, é necessário antes estabelecer uma relação com a realidade, e isto se faz invariavelmente pela

17- "A natureza dos povos primeiro é crua, depois severa, então benigna, depois delicada, finalmente dissoluta" (VICO, 1744:205 - Dignidade LXVII).

percepção. Porém, Vico não defende o aprisionamento da mente ao corpo, é necessário a transcendência, para isto é necessário o julgamento crítico daquilo que é próprio da natureza humana e aquilo que não é. A linguagem poética vai deixando o lugar para uma linguagem convencional, abstrata e por signos. Surge a partir da linguagem poética uma linguagem lógica, porém a metáfora não desaparece, ela continua convivendo com a linguagem convencional.

O raciocínio claro e distinto se faz em função das transformações da mente humana, como há muito venho frisando nesta dissertação, como Vico não cansava de repetir nas várias redações da sua *Ciência Nova*. É necessário a observação destes estágios.

Este passo dado por Vico está muito próximo da psicanálise. Ao ocupar-se dos bárbaros, dos selvagens, das bestas-feras, ele estava tratando do homem moderno, da trajetória que culminava, naquela época, no homem moderno. O ir de encontro ao primitivo é possível ao se dispor a analisar a mente humana, desde a primeira infância até a idade adulta. A história da humanidade é a história do homem singular, esta foi a teoria revolucionária da história deixada por Vico na primeira metade do século XVIII.

Mais uma vez é necessário e oportuno lembrar que primeiro os homens sentem sem perceber, depois percebem com ânimo comovido e finalmente refletem com a mente pura. A linguagem cotidiana, a linguagem articulada e convencional é toda impregnada pelas metáforas criadas a partir dos universais fantásticos.

Mais uma vez, fazendo uso do estilo de Vico, a repetição, a sua luta não era contra o método moderno, contra linguagem racional - matemática, era sim uma tentativa humanista de resgatar a beleza e harmonia da linguagem poética dando vãsão à retórica e à eloquência - e também à imaginação e à fantasia - mantendo viva a criatividade sem correr o risco de esterilizar a mente humana com o esquecimento da lógica poética, e dessa maneira correndo-se o risco de uma nova barbárie, a barbárie da razão. O que Vico pretendia era o reordenamento do método dos estudos. Este reordenamento fazia-se pelo respeito ao desenvolvimento natural das operações da mente humana.

Não se trata do apelo à retórica enquanto verbalismo. O gosto pelo estilo barroco leva Vico a pensar em uma reformulação da retórica, que seja cultivada a fim de auxiliar na criatividade, na capacidade inventiva do ser humano, que se descobre criando o mundo social.

Esta preocupação estava mais voltada para as crianças, no respeito às crianças, na valorização de uma educação lúdica baseada no engenho e na fantasia, tendo em vista as bases para o conhecimento científico - para a crítica e para a matemática. A imaginação, não era para Vico o tratamento a ser dispensado na relação espontânea da criança com o mundo, mas como a faculdade com que se adquire o saber

«Qual faculdade nós vemos desenvolver-se primeiramente nas crianças, cuja natureza é mais inata e não ainda estragada pelas

sugestões e prejuízos¹⁸? Precisamente aquela de discernir as coisas e fazê-las. Por isso as escutam os chamar "babbo" qualquer homem e "mamma" qualquer mulher; por isso as vemos fazer coisas similares às aquelas vividas por elas, por exemplo: "construir casinhas, atrelar ratos a um carrinho, jogar par ou ímpar, voltear a cavalo em uma longa vara" (Horácio, *Satire*, II, 3, vv. 247-48)» (VICO, 1710:300)

A ênfase excessiva no método analítico representava para Vico o procurar a verdade, mas este procurar torna-se tão ambíguo. Por outro lado, de maneira sintética, através daquilo que é adequado e próprio da mente humana em seus sucessivos estágios pode-se, através da construção do conhecimento, se chegar a verdade.

Vico era um fervoroso opositor do método geométrico de inspiração cartesiana, mas isto não o impedia de ser um grande admirador da geometria. Apesar de ser lembrado como conservador por sua oposição às idéias cartesianas, Vico admirava os modernos e suas invenções, porque para ele o que importava era sempre a capacidade criativa e não o logicismo do cogito

«Concluimos, então, com o afirmar que na física vai introduzido não o método geométrico, mas a demonstração indutiva. Os maiores geômetras estudaram os princípios da física à luz dos princípios matemáticos: por exemplo, entre os antigos Pitágoras e Platão, entre os modernos Galileu. De maneira que peculiares fenômenos naturais devem ser explicados mediante experimentos também peculiares, e que sejam obra peculiar da geometria. Isto tem atestado na nossa Itália o grandioso Galileu e outros físicos preclaríssimos, os quais, antes que na física se introduzisse o método geométrico cartesiano, explicaram, indutivamente, inúmeros

¹⁸- A tradução italiana de Nicolini apresenta a palavra "pregiudizi", cuja tradução corrente é prejuízo, mas acredito que pode ser empregada a palavra preconceito.

e grandíssimos fenômenos naturais» (VICO, 1710:303)

Para manter aquela fagulha dos tempos poéticos, Vico acreditava numa nova aplicação para a geometria, ela não deveria ser feita inicialmente com números mas com as formas geométricas favorecendo desta maneira imensamente ao engenho e a fantasia, podendo, a geometria ser aplicada a diversas disciplinas do saber.

Vico chamava de sabedoria "a faculdade que comanda todas as disciplinas, pelas quais se aprendem todas as ciências e artes que compõem a humanidade" (1744:251), associando esta definição com a afirmação anterior, podemos situar Vico no mais moderno pensamento da filosofia moderna, compreendendo e aplicando o princípio da "mathesis universalis" na construção do conhecimento, utilizando o método geométrico na matemática, construindo imagens racionais e expressando-as através de uma linguagem lógica, assim como outrora a linguagem poética foi a criação de imagens a partir dos sentidos.

As análises feitas a partir de uma linguagem que se fez distante e por isso recebia interpretações desconexas, foi o reconhecimento da matemática como expressão moderna da verdade, porém não a única expressão. A metáfora é o resultado de uma construção, esta construção implica nos mesmos princípios da matemática: uma mente que percebe, julga e pensa.

A expressão da verdade - ou para usar uma expressão moderna: a linguagem matemática - não é feita somente por números, para o mundo humano esta expressão se faz também pela

metáfora, pela linguagem poética.

Esta foi também uma descoberta dos modernos, a linguagem matemática é o paradigma da linguagem verdadeira, porém não é feita somente com o uso dos números, ela pode ser representada também por palavras; a linguagem moderna precisa ser racional, é necessário que haja uma lógica em meio as proposições com que se forma o discurso. As palavras precisam ser despidas de sua corporeidade e assumir sentido abstrato, é necessário a neutralidade do discurso científico.

Esquemáticamente, o parágrafo anterior refere-se aos desenvolvimentos atingidos pela linguagem depois da filosofia transcendental de Kant. O positivismo e mais tarde o neopositivismo, ou positivismo lógico, insistiram na neutralidade e na infalibilidade do discurso científico baseando-se na visão de progresso como acúmulo dos êxitos alcançados pela ciência.

Do grande racionalismo dos séculos XVII e XVIII, o mundo viu surgir o liberalismo econômico, o positivismo sociológico e o pragmatismo. O resultado desse cenário, para o século XX, foram: as grandes guerras, os regimes totalitários de direita e de esquerda, o genocídio, a devastação da natureza, em síntese uma grande crise.

Esta situação é em parte resultado do estranhamento do homem com o mundo, a perda de sentido do que é humano, foi um embrutecimento da razão provocado pela ênfase excessiva na razão, que Vico já dizia que é natural ao homem, por isso não precisa de ênfase, ela age por meio de suas faculdades.

A linguagem continua carregada de metáforas, só que o

homem não percebe mais a figura, não sabe mais como ela foi criada, porque ele também deixou de ser criativo, perdeu a sua dimensão poética.

Galileu abriu o caminho da nova ciência, mais uma vez as palavras do Ensaíador são precisas no que diz respeito ao mundo natural: a filosofia está escrita em língua matemática e os caracteres são as figuras geométricas. Vico, com a mesma precisão conseguiu ler o mundo civil, porque soube entender a língua em que ele estava escrito e conheceu, porque construiu os caracteres, através da observação da mente humana, vendo nas metáforas perfeitas figuras geométricas.

Capítulo IV

O pensamento pedagógico de Vico

Para Vico a educação compreende a formação do homem para a vida em sociedade. Esta concepção estava fundamentada em bases psicológica e epistemológica, prevalecendo sobre estas a exigência do método de estudos adequado ao estágio de maturação do indivíduo.

O fim dos estudos é a realização plena da natureza humana, a sociabilidade, que para Vico significava a racionalidade, porque todos os homens são racionais, isto os faz iguais por natureza.

Esta concepção de educação, em um primeiro momento está vinculada ao que classificamos de concepção humanista, em que o processo educacional visa desenvolver as capacidades inatas do indivíduo, também denominada de pedagogia da essência.

No entanto, a posição de Vico, como tivemos

oportunidade de perceber nos capítulos anteriores, é complexa, não podendo ser totalmente inserida nesta tendência pedagógica. Certamente Vico coloca-se entre os humanistas, mas a questão da realização das potencialidades do sujeito tem uma configuração diversa.

Para Vico o homem é um ser racional desde que nasce, entendendo-se aqui tanto o homem quanto a humanidade em seu início. O primeiro estágio é marcado pelo uso limitado da razão em virtude da preponderância dos sentidos sobre a razão. Esta situação inicial é marcada por uma racionalidade bruta, rude e limitada.

O auto-aperfeiçoamento do sujeito é uma longa caminhada, em que deve ser observada as características que a mente humana assume em cada estágio. Vico não usa muito a palavra perfeição, ele prefere manifestar-se sobre uma mente limitada que vai superando-se na medida em que vai realizando a sua verdadeira natureza humana.

Vico apresentava três estágios da mente humana: a percepção, quando os sentidos atuam com maior intensidade; a fantasia, quando a imaginação vai dando formas às percepções e finalmente, a reflexão quando a mente humana está apta a lidar com idéias abstratas.

Esta posição o coloca muito próximo do empirismo crítico, porém ele não compartilha da "tábula rasa", apenas coloca-se de acordo quanto aos limites necessários do conhecimento humano a respeito do mundo natural.

Está presente em Vico a direção racionalista, que

manifesta-se pela sua convicção na vida racional do homem desde os princípios dos tempos. A razão é co-natural ao homem, porém o raciocínio se faz com a sua ação; no primeiro estágio a ação é pautada pela supremacia da percepção sobre o raciocínio, surge daí os universais fantásticos, resultado da ação da imaginação.

Sobre estas percepções e fantasias vai se desenvolvendo o raciocínio, o exercício da razão que consegue encontrar nos universais fantásticos a falsidade dos sentidos e das imagens e portanto a verdade e o conhecimento vão se construindo por vias racionais. Vico nega esta vinculação a um racionalismo do tipo cartesiano, porque ele não aceita a auto-evidência do "cogito", porque "o fato de eu considerar as minhas idéias claras e distintas só prova que eu acredito nelas, mas não prova que são verdadeiras" (COLLINGWOOD, s/d:108).

Pelo "cogito" pode-se até mesmo uma idéia falsa ser aceita como verdadeira pela sua aparente auto-evidência. É justamente o contrário que se espera da razão, o raciocínio elimina a falsidade, mas parte desta idéia falsa para chegar a verdade. Pelo "cogito" a idéia falsa é simplesmente eliminada, porque só é verdadeira a idéia clara e distinta e sobre ela, e somente ela, o conhecimento se contrói.

Vico fez a distinção entre os campos do conhecimento e optou pela investigação do mundo humano, descartando uma discussão mais aprofundada sobre o mundo natural. Ele aceita o estudo da física, mas não a pretensão da demonstração da construção do mundo físico. Como foi exposto no capítulo II, esta posição não era um impedimento para o estudo da natureza, mas a

constatação de que jamais ela seria esgotada, sempre o homem teria um conhecimento aproximado e nunca um conhecimento definitivo da natureza.

O mundo humano, ao contrário pode ser plenamente conhecido, e deve, através das transformações da mente humana, não no sentido de esgotamento desta matéria e posse definitiva da verdade, mas para a realização da natureza humana, para o conhecimento da ação humana. Ao contrário de alguns direcionamentos que os estudos da história recebeu nos últimos anos, para Vico a história não acaba, ele é uma fazer-se através da ação humana.

Pelas razões acima expostas, não podemos, como já dizíamos classificar Vico como um pensador ligado à pedagogia da essência, simplesmente porque ele não acreditava na perfeição, embora defendesse a imortalidade da alma, ele ocupou-se apenas em refletir a história, a transcendência é a sucessão dos ciclos históricos. Vico referia-se sempre a mente ilimitada que inicialmente encontra-se na ignorância das causas, posteriormente toma os efeitos pelas causas, até que consegue reduzir os efeitos a uma causa simples, este era para ele o procedimento científico

«Francisco Bacon, no áureo livro *De dignitate et de augmentis scientiarum*, indica quais novas artes e ciências surgiram além das que temos até agora, e até que ponto aquelas que temos sejam próprias para desenvolver, para fazer conduzir a sabedoria humana à plena perfeição...E, na verdade, toda coisa que nos é dado saber é, da maneira mesma que o homem, finita e imperfeita» (VICO, 1709:171).

Vico foi um humanista. Na análise do seu pensamento pedagógico procuraremos encontrar alguns elementos que possam

estabelecer uma relação entre ele e algumas das mais significativas correntes do pensamento pedagógico atual. Não queremos com isto apresentar Vico como o precursor desta ou daquela tendência pedagógica atual, mas situá-lo entre os modernos. Este procedimento pode ser polêmico, mas neste momento da dissertação gostaríamos justamente de participar da discussão sobre as origens da pedagogia moderna que influenciou na formação das tendências atuais do pensamento pedagógico.

Para isto, nos valeremos do procedimento adotado no capítulo II, primeiramente apresentaremos a crítica elaborada por Vico ao método de estudo de orientação cartesiana e posteriormente refletiremos sobre a formulação da sua concepção de educação e de método de estudo.

A crítica aos manuais de Port-Royal

Na passagem do século XVII para o século XVIII os manuais de Port-Royal gozavam de grande prestígio entre os inovadores napolitanos. Vico foi um opositor crítico destes manuais. No livro *O método dos estudos do nosso tempo* (1709), ele ocupa-se em contestar Arnauld e a sua proposta metodológica¹. Nas outras obras Arnauld também será mencionado, mas é na obra de 1709 que Vico ocupou-se especificamente de polemizar sobre os manuais de Port-Royal.

¹- Os principais nomes ligados à Abadia de Port-Royal, além de Arnauld, foram Pierre Nicole e Claude Lancelot. É importante destacar também a influência exercida por Pascal que viveu durante algum tempo naquela abadia.

Vico defendia a antiga ordem dos estudos, ressaltando a importância da retórica e da eloquência; disciplinas, segundo ele, desprestigiadas por Arnould e seus seguidores. Coloca também pela primeira vez a necessidade da adequação entre o plano dos estudos e a idade do estudante. Para Vico durante a infância era necessário a valorização das atividades próprias a esta idade, ou seja a percepção e a fantasia, favorecendo a criatividade e a imaginação, muito proveitosas para mais tarde, na idade mais madura, trabalhar a reflexão crítica.

Para Vico o método de estudo deve conter três coisas fundamentais: instrumentos, subsídios e fim

«Os instrumentos compreendem a ordem: quem se prepara a aprender metodicamente uma ciência ou uma arte, se prepara com critério e com ordem. Os instrumentos são preponderantes; os subsídios têm valor concomitante; sobre o fim, embora não se alcance senão posteriormente, os estudiosos devem ter fixo o olho nele desde o belo princípio e por todo o curso dos estudos» (VICO, 1709:173).

São apresentados como subsídios a imprensa e a universidade, a primeira pela facilidade e pela ampliação na produção de livros. A universidade pela ampliação das cátedras relativas às artes e às ciências. O fim dos estudos é a verdade.

Para ele o grande instrumento dos modernos - o método - era a crítica, que ele identificava como sendo o método cartesiano. Vico considerava este procedimento era muito perigoso para a infância e adolescência, porque poderia obscurecer o engenho que pela fantasia é capaz de "imaginar imagens" tornando-as criativas e aptas para as outras operações da mente. Os

antigos, por valorizar a tópica, as coisas concretas, evitavam este risco:

«Estes inconvenientes evitavam os antigos, que quase todos [os antigos] tiveram a geometria e a lógica das crianças. Imitando os médicos, os quais voltam-se para onde quer a natureza, os antigos comunicavam às crianças uma ciência que não podia ser aprendida com precisão sem um esforço vigoroso de imaginação: porque, sem fazer nenhuma violência à natureza, antes por obra dos sentidos e lentamente, se habituaram, conforme a índole da idade, ao raciocínio»² (VICO, 1709:178).

A partir daí, Vico começa a questionar diretamente os preceitos de Arnauld, baseando-se nesta atenção necessária a peculiaridade de cada idade do sujeito. A ênfase à lógica e à abstração, tornam as crianças e os adolescentes pessoas estereis e sem criatividade, sendo capazes apenas de criticar e criticar, sem conseguir ser criativos.

Para Vico o aprendizado deve corresponder também às necessidades práticas da vida. Um método que apenas privilegie a crítica e quer ocupar-se exclusivamente de idéias claras e distintas, não é capaz de perceber que entre a verdade e o erro existe a ação humana, que muitas vezes não conduz a verdade, mas faz parte do seu devir. Aparece pela primeira vez no pensamento de Vico o senso comum, que são idéias verossimilhantes, que para Vico encontrava-se entre as verdades e as falsidades, muitas

2- O final da citação apresenta a primeira forma da gnosiologia viquiana, mais tarde melhorada, porém ele manteve a exigência de respeitar o estágio de desenvolvimento da mente humana. Por isto a expressão "sem nenhuma violência à natureza". Na *Ciência Nova*, a natureza humana será sempre sociável-racional, enquanto que nesta passagem ainda não há a distinção entre estágio da mente e natureza humana.

vezes as verossimilhanças podem ser verdadeiras e algumas vezes ser falsas.

É necessário preparar com método as crianças para que elas encontrem nos exemplos tirados do senso comum o discernimento entre o que é verdadeiro e o que é falso. Para isto é importante valorizar as primeiras operações da mente humana: a mente e o juízo³, para alcançar o raciocínio pleno. Na seqüência aparece a primeira formulação do método pedagógico de Vico:

«Portanto são defeituosos um e outro método de discussão: o dos tópicos, porque por eles se aceita muitas vezes o falso; o dos críticos, porque esses não acolhem nem mesmo o verossímil. Como então evitar um e outro defeito? Ensinando, creio, aos juvenzinhos todas as ciências e artes com um critério completo, de maneira a enriquecê-los antes de tudo pelos "lugares" da tópica; ao mesmo tempo, com o cultivar neles o senso comum, conduzi-los à prudência civil e à eloquência, e também, com o desenvolver nesses a fantasia e a memória, encorajá-los naquelas artes que subsistem mediante essas faculdades da mente; e sobretudo por último erudí-los na crítica» (VICO, 1709:181).

Como se pode notar, não se trata da negação do valor da lógica, mas sim de uma adequação da sua introdução na idade adequada. Vico afirmava que mesmo Arnauld, que com sua *Lógica* nega com palavras este método proposto, o confirma com os fatos e exemplos que são encontrados no referido manual, exemplos estes que para serem compreendidos pelos estudantes exige dos mestres muita fadiga e eloquência na explicação, isto porque os alunos desconhecem inicialmente de onde são tirados esses exemplos.

³- Esta formulação apareceu um ano depois, na *Antiquíssima*, Da faculdade peculiar ao saber com certeza, p.297.

A partir daí, na obra em questão, Vico passa a polemizar com a doutrina cartesiana, desviando do objetivo inicial.

Como é sabido o *Discurso do Método* de Descartes não era uma obra declaradamente pedagógica, não era um método de estudo, como o próprio autor afirmou:

«Assim, o meu desígnio não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas apenas mostrar de que maneira me esforcei por conduzir a minha» (DESCARTES, 1987:30 - grifo meu).

O que levou Vico a discutir o caráter pedagógico do *Discurso do Método* foi a vinculação existente entre este e os manuais de Port-Royal.

Apesar de não estar preocupado em formular um método pedagógico, não impediu Descartes de fazer uma crítica aberta ao método pedagógico dos jesuítas (1987:32). Ao apresentar um método de investigação que se expressava com a clareza da linguagem matemática para a busca da verdade, colocava também a necessidade de purgar o intelecto de todo verossímil, por ser a base dos erros da razão.

Arnauld e seus amigos, ao formularem os manuais de Port-Royal, trouxeram para o ensino a mesma preocupação e regra formulada por Descartes: purgar o intelecto de toda possibilidade de erro. Estas escolas tinham também uma forte ligação com o movimento religioso conhecido na Europa como jansenismo, por estas razões as escolinhas eram muito poucas e atendiam a poucos alunos:

«...as classes tinham cinco ou seis alunos nas

escolinhas junto ao mosteiro e apenas dois nas montadas em casas particulares. Também não se aceitava qualquer um; só eram admitidas crianças de "boas casas, boa raça e boa cepa": filhos de nobres, da alta burguesia, de parlamentares e de comerciantes honestos... Os métodos de ensino se baseavam em experiências inovadoras; na prática, o sistema se reduz aos ditames do bom senso, ainda que naturalmente influenciado pela mundividência da época, racionalista e essencialmente cartesiana... No período áureo de funcionamento dessas escolinhas todas, chegaram a ter cerca de 50 alunos, sem dúvida um número quantitativamente pequeno, mas de excepcional qualidade, tanto em relação ao corpo docente como ao discente» (BASSETTO e MURACHCO, 1992:XXII/XXIII)⁴.

Notadamente estas escolas ficaram conhecidas através de seus manuais, *A lógica ou a arte de pensar* e *A gramática de Port-Royal*; nota-se aí que a aplicação do método cartesiano se fazia, não só no campo da geometria, física e álgebra, mas também no campo da lingüística, mais especificamente na gramática.

Como se pôde perceber, apesar de refutação do valor do método pedagógico dos jesuítas, as idéias de Descartes acabaram contribuindo para a formulação de outro método. Arnauld foi um grande admirador de Descartes e profundo conhecedor do método cartesiano aplicado aos estudos através da sistematização feita pelos manuais de Port-Royal. Infelizmente a experiência

⁴- Quanto a caracterização da clientela das escolinhas bem como das exigências para admissão, gostaria de mencionar mais uma vez (veja Cap. I, p.) as palavras de Hannah Arendt a respeito da radicalidade da dúvida cartesiana para o próprio Descartes e o proveito de alguns grupos que a adotaram:

«A dúvida cartesiana, em seu significado radical e universal, foi inicialmente a reação a uma nova realidade, realidade esta não menos real pelo fato de se ter restringido, durante séculos, ao círculo limitado e politicamente insignificante dos doutos e eruditos» (1989:286)

pedagógica foi muito limitada⁵

«Com efeito, Arnauld está entre os mais dedicados defensores de Descartes; mas isto talvez se explique pela própria concepção de filosofia em vigor no século XVII. Acima da querela cartesianismo x Escolástica, domina a concepção de filosofia como sistema totalizador do saber, que deve incluir questões de metafísica e moral, mas igualmente de física» (LEOPOLDO E SILVA, s/d:142)

A relação entre o pensamento de Descartes e de Arnauld pode ser visto através da análise comparativa dos textos de ambos; a preocupação com a ordem e com o método representam o objetivo mesmo dos manuais. Chama a atenção especialmente a intrusão à *Lógica*, assim descrita por Arnauld e Nicole:

«A *Lógica* é a arte de bem conduzir sua razão no conhecimento das coisas, tanto para instruir a si mesmo como para instruir aos outros. Esta arte consiste nas reflexões que os homens fizeram sobre as quatro principais operações de seu espírito, *conceber, julgar, raciocinar e ordenar*» (ARNAULD e NICOLE, 1970:59).

Em Vico encontramos uma posição muito próxima, como já nos referimos nas páginas anteriores, para ele as operações da mente compreendem perceber, julgar e raciocinar. Tanto para Vico, como para Arnauld e Nicole, a ordenação consiste no método, porém, Vico classifica o método como instrumento para os estudos.

Para Vico a ordenação ocorre anteriormente ao raciocínio, ela é garantida pela faculdade do engenho, que possibilita ao sujeito, no ato de conhecer, dispor criteriosamente a matéria, porque no ato de conhecer o sujeito

⁵- Sem incorrer em contradição com a nota anterior, devemos considerar também como fator de limitação a perseguição religiosa sofrida pelo grupo de Port-Royal.

constrói o conhecimento.

Não cabe nesta dissertação uma análise minuciosa da *Lógica*, porém, pelas linhas gerais da obra percebemos uma relação muito grande entre o texto de Vico e aquele escrito por Arnould e Nicole. As diferenças estão muito mais na aplicação metodológica, vista por Vico de uma outra maneira e também pelo fato de ter abandonado às discussões relativas às ciências naturais.

No que diz respeito à aplicação metodológica, ela estará muito ligada à epistemologia. Vico coloca-se muito próximo de Malebranche no que diz respeito à percepção. Segundo Marcialis

«A posição malebranchiana, como se vê, é radical. É a percepção a assumir validade representativa; é através da reflexão sobre as modificações do espírito que é possível colher a objetividade da idéia» (1989: 659).

Esta posição de Vico, certamente inspirada em Malebranche, da íntima união entre sujeito e objeto, tendo como critério de verdade o ter feito o objeto (para Vico trata-se do mundo social) foi apresentada através da teoria do "verum-factum". Arnould, por sua vez refuta o subjetivismo de Malebranche e entende objetividade como "presença objetiva da idéia no espírito", sendo a validade objetiva da idéia a sua identificação com a clareza e distinção.

No entanto é muito clara a vinculação entre os autores no que diz respeito ao sujeito e a ação do sujeito, optando pelo abandono da antiga ordem aristotélico-escolástica do intelecto passivo, o sujeito é visto dentro da ótica moderna. E vale a pena lembrar mais uma vez a afirmação do próprio Vico no livro de 1709, em que dizia que mesmo que em palavras há uma

discordância entre ele e Arnould, através de fatos e exemplos Arnould acaba confirmando a posição de Vico sobre a importância das faculdades da mente: engenho, fantasia e imaginação.

Vico por sua vez, não dedicou-se exclusivamente à formulação de um método pedagógico, mesmo a obra de 1709 não tem a característica de um manual, porém a preocupação pedagógica permeia a obra filosófica de Vico. Por este motivo ele foi um fervoroso crítico dos manuais de Port-Royal, contrapondo à este uma outra forma de ensinar, voltada para as humanidades.

Para a realização deste propósito ele valeu-se não de uma gramática racionalista, mas de uma linguagem poética, que foi a primeira língua da civilização nascente e que está ligada a toda história das línguas e dos povos, e o aprender está diretamente ligado à apropriação do universo cultural de onde a linguagem foi formada.

Da primeira obra, que no título dirigiu-se exclusivamente às questões pedagógicas, ficou como contribuição ao seu pensamento pedagógico a necessidade da ordem nos estudos - importância do método - que será lembrado em todas as obras posteriores. A palavra método não era o fundamento da construção filosófica de Vico, porém era sempre lembrada. Muitas vezes Vico referia-se ao método científico, herança dos estudos sobre Bacon, no entanto, a palavra método foi usada com maior frequência para referir-se à ordem dos estudos, uma preocupação que vinha da escolástica e que tornou-se uma das marcas da modernidade, a partir da formulação do discurso pedagógico.

Mais a frente retomaremos a *Lógica* para algumas

considerações associadas aos outros métodos pedagógicos significativos da Idade Moderna.

Os humanistas e o método pedagógico

Além da *Lógica*, outros dois textos são muito importantes para uma análise, ainda que limitada, da efervescência dos métodos pedagógicos da modernidade, são eles: o *Ratio studiorum* e a *Didática magna*. Com excessão do *Ratio*, os outros dois textos trazem um subtítulo muito ligado à modernidade, os autores referem-se aos seus textos como sendo uma arte. Comenius diz que a *Didática* é a arte de ensinar tudo a todos, enquanto que Arnauld e Nicole referem-se à *Lógica* como a arte de pensar.

Interessante notar que Vico também refere-se à sua *Ciência Nova* como a nova arte crítica^s que faltava para o estudo das coisas humanas.

Vico viveu uma época marcada pela fé e exigência do método. Mais uma vez lembramos que o método era a condição necessária para a atividade racional, ele se faz necessário na

^s- Na idéia da obra: "Além disso, aqui se acena que nesta obra, com uma nova arte crítica..." (1744:90), e também no Livro I - dos elementos - referindo-se ao senso comum e o seu valor para o conhecimento humano:

«O senso comum é um juízo sem nenhuma reflexão, comumente sentido por toda uma ordem, por todo um povo, por toda uma nação ou por todo o gênero humano. Esta dignidade com a definição que lhe seguirá dará uma nova arte crítica sobre esses autores das nações, entre os quais devem correr muito mais de mil anos para surgir os escritores, sobre os quais até agora tem-se ocupado a crítica» (1744:179 - Axioma XIII).

filosofia, na ciência e também na pedagogia. Embora a natureza do método varie de acordo com o campo, os três tipos de método guardam em si a exigência do rigor da sistematização e ordenação do conhecimento, essa nova mentalidade era o resultante da superação da concepção de ciência da escolástica

«Os trabalhos da nova ciência rapidamente superaram as teorias tradicionais acerca do mundo físico, de modo que a base metafísico-teológica era cada vez mais privada do seu complemento natural, uma vez que as novas descobertas mostravam que a física aristotélico-medieval estava afastada dos fatos» (LEOPOLDO E SILVA:s/d:142).

A ruptura com a visão da unidade dos fenômenos que sempre submetia a explicação dos mesmos à teologia, exigia um novo comportamento diante do fenômeno, criou uma realidade complexa e multiforme. Daí a exigência de novos métodos nos vários campos de atividade.

A preocupação com a atividade sistemática do saber humano é anterior aos filósofos modernos, existe desde os primórdios da filosofia. O ponto de partida para a elaboração de um novo método pedagógico estava ligada tanto à tradição da Idade Média quanto ao retorno aos clássicos.

Para o resgate dos primórdios da conformação da pedagogia moderna, faz-se necessário um enfoque no desenvolvimento de sistematização do saber.

Dois conceitos auxiliam nesta tarefa, são eles: cultura e enciclopédia. Os dois conceitos têm uma ligação íntima para a formulação do método, os dois atuam simultaneamente na educação do homem.

A palavra cultura possui o significado de formação do homem, para os gregos ela era expressa através da "paidéia" enquanto que os latinos se referiam a "humanitatis". Para os gregos a formação do homem implicava na realização da natureza humana⁷ e isto fazia-se pelo auto-conhecimento e pela vida em comunidade. A educação era vista como a livre indagação de um ser autônomo, portanto com um caráter naturalista, ao mesmo tempo que aristocrática e contemplativa.

Na Idade Média a concepção de "humanitatis" preserva o caráter aristocrático e contemplativo da "paidéia" grega e altera o caráter naturalista. A educação está mais voltada para a formação do homem, para a contemplação de Deus e para a sua preparação para a vida eterna. A instrução se faz através das boas artes: a filosofia, a poesia, a eloquência, entre outras.

A enciclopédia correspondia ao ciclo educativo, a seqüência lógica a ser trilhada para o saber. Na verdade a enciclipédia estava ligada ao caminho a ser percorrido na direção do saber. Este caminho era, como sabemos, o método.

Platão definiu a sua enciclopédia (livro II da *República*) em quatro níveis. Os dois primeiros correspondiam ao nível da opinião: a conjectura e a crença, eram compreendidos como as artes e ofícios das coisas sensíveis e compunha-se pela poesia e artes imitativas. Ao segundo nível correspondia a razão discursiva e compunha-se pela geometria, aritimética, música e astronomia, essas disciplinas partem de hipótese e valem-se de

7- Vico tinha esta concepção, como já pudemos constatar, ele entendia a natureza humana como sociável e racional: sociável porque racional.

imagens. Finalmente o quarto nível corresponde à dialética, segundo Platão a ciência própria do filósofo.

Em Aristóteles a enciclopédia divide-se entre as coisas necessárias e as coisas possíveis. Entre as necessárias estão as ciências teoréticas, que não diferem daquilo que é, que dividia-se em filosofia, física e matemática. As coisas possíveis compreendiam as ciências práticas e as ciências poiéticas, as primeiras correspondiam à ética e a política, enquanto que as segundas às artes.

Os estóicos e epicuristas tinham uma formulação mais simples de enciclopédia, dividindo-a em lógica, física e ética.

Durante a Idade Média a enciclopédia era dividida em "trivium" e "quadrivium" que corresponde às artes liberais. Neste modelo de enciclopédia a filosofia passa a ter um papel subordinado e instrumental em relação à verdade da religião. O "trivium" correspondia à gramática, à retórica e à dialética, enquanto que o "quadrivium" à aritmética, à geometria, à astronomia e à música.

Embora os vários modelos de enciclopédia apresentassem divisões e subdivisões, não havia uma regra rígida quanto aquilo que deve ser aprendido primeiro e o que deve vir depois, principalmente em relação ao "trivium" e "quadrivium".

Os humanistas na tentativa de resgatar a Idade Clássica, resgataram também a dimensão naturalista dos estudos e formularam um novo conceito de sabedoria, a realização completa do homem estabelecendo a relação micro-cosmo - macro-cosmo. A sabedoria era entendida em sintonia com a cultura e com a

educação, mantendo ainda, no início do Humanismo, o modelo enciclopédico da Idade Média.

Com Francis Bacon a enciclopédia passa a ter uma nova configuração. Bacon estabeleceu três grupos de ciências: as da memória, da fantasia e da razão. No caso específico de Vico podemos notar que ele está muito próximo de Bacon, a classificação proposta por Vico dividia-se em percepção, juízo e raciocínio, correspondendo à estas operações as três artes: tópica, crítica e a ordem (método).

Por vezes o caráter enciclopédico acaba assumindo o sentido da cultura, o ciclo dos estudos passa a ter mais importância que a própria formação do homem.

Foi desta vinculação existente entre cultura, educação e enciclopédia que existiu desde os tempos mais remotos, que os vários autores da modernidade utilizavam como subtítulo para as suas obras a palavra Arte, porque esta palavra estava diretamente vinculada ao método e à técnica, porque a arte implica em regras capazes de ordenar as atividades humanas. No caso específico de Vico, quando ele se refere a "nova arte crítica", ele propõe um novo ordenamento das coisas humanas a partir da análise filológica e da reflexão filosófica.

Os humanistas esforçaram-se por elaborar um novo método de estudos, tentaram reelaborar a enciclopédia, porém o fizeram dentro de uma nova ótica e durante algumas grandes mudanças históricas. Dessas poderíamos destacar aquelas de caráter econômico e a Reforma - Contra-reforma religiosa. Associado à estas o aumento da população européia.

Os humanistas acabaram mudando o sentido da palavra método em função da nova realidade. Entre os gregos o método era o caminho seguro que conduz o homem à verdade, este caminho é longo e muitas vezes difícil de ser trilhado, para os humanistas a palavra método tinha um significado muito diferente e por vezes até antagônico

«Os humanistas do Renascimento, porém, não somente introduziram o *methodus* em seu vocabulário latino como também começaram a associar método com "atalho". Seguir um método era seguir a rota mais curta até a meta desejada» (HAMILTON, 1992:05).

Esta preocupação com o "atalho" acabou acontecendo na tentativa de romper com o caráter aristocrático da educação. A população européia tinha aumentado consideravelmente, a Reforma protestante oferecia a oportunidade e a liberdade ao indivíduo para ler a bíblia - não em latim, mas na língua nacional. A partir de então a preocupação passava a ser quantitativa também.

Em várias partes da Europa este período pós-Reforma foi marcado por muitos conflitos político-religiosos, alguns de grandes proporções. Então, esperava-se com a educação o estabelecimento de uma nova ordem mundial, por isso era necessário educar o maior número de pessoas. A educação mantém o seu caráter salvador do período anterior.

A formação do homem enquanto indivíduo dá lugar à necessidade de preservar o Estado nacional, a cultura nacional e a educação é vista nesta perspectiva, o método terá muito dessas duas características, o ideal de salvação e o de identidade nacional.

Esta foi uma característica comum aos vários livros referentes ao método, todos eles tinham esta vinculação com a religião, seja católica seja protestante, mas todos preocupados com a vida em sociedade.

Aquela conotação dada à palavra método pelos humanistas teve continuidade naqueles autores que dedicaram-se a elaborar livros sobre o método, neles esta aplicação da palavra método, de uma maneira ou de outra, significava facilitação da aprendizagem.

Depois do "trivium-quatrivium" o método mais importante que surgiu foi o *Ratio studiorum*, que nasceu no seio da Contra-reforma, tendo ao lado dos fins da educação a preocupação com o soerguimento da fé católica. Este método foi criterioso e longamente elaborado, tendo a sua redação definitiva aprovada em 1599. Do ponto de vista didático, os fins da educação faziam-se, na medida do possível, pelo atendimento a um maior número de almas por parte das escolas e universidades da Companhia de Jesus.

O padre Leonel Franca refere-se da seguinte maneira ao *Ratio studiorum*

«Para quem, pela primeira vez, se põe em rápido contato com o *Ratio*, a impressão espontânea é quase a de uma decepção. Em vez de um tratado, bem sistematizado de pedagogia, que talvez esperava, depara com uma coleção de regras positivas e uma série de prescrições práticas e minuciosas» (1952:43).

Nas palavras de um jesuíta encontramos a negação do *Ratio* como sendo um método pedagógico, porém para o pensamento pedagógico moderno este manual prático acabou tornando-se um

modelo de método. É inegável que estas regras constituíam-se em simplificações das relações de ensino-aprendizagem, de caráter pragmático, valendo-se sempre da autoridade impessoal da Igreja.

Na mesma passagem, Franca complementa o seu argumento, "de fato, o *Ratio* não é um tratado de pedagogia, não expõe sistemas nem discute princípio". O manual dos jesuítas mantém quase que inalterado o "currículum" das artes liberais do "trivium-quadrivium", sustenta as posições da escolástica. O *Ratio* é a manutenção do modelo anterior de cultura, ao mesmo tempo que uma tentativa de adaptação aos novos tempos do mundo.

A perenidade do manual dos jesuítas explica-se pela mudança de sentido dado pelos humanistas ao método. A partir do momento que o método de estudos é visto como um facilitador, o "atalho mais curto" passa a valer no método as suas prescrições, ou seja, as regras práticas para que as pessoas aprendam aquilo que é necessário para a sua vida em sociedade, a dimensão crítica e criativa dá lugar à arte da memória e da decoração. Do ponto de vista disciplinador, o *Ratio studiorum* possui uma perenidade ainda maior, ele faz parte do dia a dia das escolas e das relações professor-alunos⁸.

Mas aquele enfoque facilitador aparece também em um outro método que tornou-se fundamental para a pedagogia moderna e tinha contornos muito diferentes do método dos jesuítas.

Em um estudo recente, o professor David Hamilton, da Universidade de Liverpool, analisa a contribuição de Comenius à

⁸- Não se trata de uma generalização grosseira, que desconhece as exceções (que não são poucas) e o constante debate para a mudança qualitativa das relações de ensino-aprendizagem.

pedagogia, ele destaca a importância que teve para Comenius a relação entre educação e sociedade, apresentando as origens desta relação, que segundo Hamilton é a fusão do pensamento religioso (neste caso protestante), dos ideais neo-estóicos e da tradição humanista

«Comenius, por conseguinte, aderiu a uma fundamentação milenar. Como outros reformadores, acreditou que o mal social acontecido com a queda bíblica estava para ser reparado. A principal razão para a salvação espiritual e do progresso social tinha sido descoberta recentemente. E os discípulos de Deus iniciavam sua esperada caminhada -há muito tempo profetizada- avançando para a Nova Jerusalém» (1992:93).

Comenius dedicou sua vida à educação e a paz religiosa, no tocante à educação foi um grande incentivador dos livros didáticos, foi deste propósito que nasceu em 1643 a idéia da *Didática Magna*. Contemporâneo de Descartes, Comenius vai colocar-se contra o verbalismo que segundo ele não estava ligado apenas à tradição escolástica - ênfase excessiva na retórica e eloquência - mas também ao novo racionalismo.

A sua proposta pedagógica, principalmente no que dizia respeito à educação das crianças priorizava as figuras como instrumentos para o aprendizado. Não se trata de ensinar tudo a todos se o ensino não for satisfatório

«o que se poderia se posto diante dos olhos de modo claro e distinto é apresentado de modo obscuro, confuso e intrincado, como que por meio de enigmas, sendo os estudantes atulhados com palavras ocas (palavras de vento e linguagem de papagaio) e opiniões que pesam tanto como a palha e o fumo» (COMENIUS Apud KULESZA, 1992:104).

Como o caráter do ensino era essencialmente verbalista, o conhecimento era formal e vazio, porque desprezava os aspectos peculiares da infância, incentivando nelas apenas a memorização (KULESZA, 1992:104).

A proposta de Comenius era muito avançada, embora hoje ela seja enquadrada em uma concepção de educação como redenção da sociedade, a sua convicção firme de que a educação deveria atender a todos e deveria ser ensinado tudo e de maneira completa, o colocava na vanguarda de uma educação popular.

Do ponto de vista pedagógico, Comenius conseguiu apresentar uma proposta nova levando-se em conta a faixa etária e o currículo a ser adotado, sendo este não mais estático como no "trivium-quadrivium", mas em espiral

«Podemos vislumbrar nestas idéias de Comenius a moderna concepção do currículo em espiral, no qual se atinge sempre um estágio superior de conhecimento, conforme se estudam as mesmas coisas em níveis crescentes de complexidade» (KULESZA, 1992:112)

Para Comenius a aplicação deste currículo fazia-se através de um método dedutivo, enquanto que para a metodologia da linguagem o método deveria ser indutivo (KULESZA, 1992:121). A preocupação especial com a linguagem foi outro traço da modernidade, na medida em que o latim ia perdendo a hegemonia e as línguas nacionais passavam a ganhar as páginas impressas, não só para os textos da bíblia mas também para os vários tratados nos campos das ciências e da filosofia, além da literatura.

Comenius acreditou poder vislumbrar uma nova sociedade a partir da educação para todos, o seu currículo de

caráter enciclopédico objetivava a formação do homem completo, justo e piedoso, fiel à religião, capaz de por fim a toda violência que se praticava contra a natureza humana e instaurar um mundo novo para o gênero humano.

Vico não se referiu à Comenius, talvez pelo fato deles terem vivido em épocas com características muito próximas, há uma proximidade entre estes autores. Não queremos incorrer em extrapolações de textos, forçando a identidade entre passagens de um e outro autor, pretendemos fazer apenas uma análise comparativa entre os autores, sem com isto identificá-los, cada um teve as suas posições peculiares e devem ser preservadas para a garantia do estudo da conformação da pedagogia moderna.

Porém, gostaríamos de chamar a atenção para um fato. A maneira como Comenius e Vico respectivamente valem-se para ilustrar o método de exposição da matéria que compõem suas obras. Em Vico destacaremos dois exemplos:

«Demonstraremos todas estas coisas a priori, isto é, derivando-as da própria natureza imutável das coisas, como de uma fonte viva que produz eternos arroios que vão, de novo, reunir-se num único rio» (COMENIUS Apud KULESZA, 1992:121).

«E então correm, como de uma grande fonte muitos rios, a origem das cidades, que suscederam sobre as famílias não só de filhos mas também de fâmulos» (VICO, 1744:105)

«Para dar forma então às matérias que inicialmente aparecem sobre a Tábua Cronológica, propomos aqui os seguintes axiomas ou dignidades tanto filosóficas como filológicas, algumas poucas razoáveis com discretas perguntas, com muitas definições esclarecidas; as quais, como pelo corpo animado o sangue, assim devem correr e animar em tudo isto que esta ciência raciocina sobre a natureza comum das nações» (1744:173)

Entre os dois autores existe a recorrência às figuras de linguagem, poderíamos dizer as metáforas ampliam o sentido a ser dado pelo raciocínio. A representação é rica em imagens, assim como era valorizada pelas figuras que poderiam ser criadas a partir destas imagens com o auxílio da imaginação.

A memória, que auxilia na criação das imagens, tem um sentido próprio para estes autores, não devendo ser confundida com a memorização que leva a decoração pura e simples e que mais tarde pode ser esquecida se o exercício da repetição não foi eficiente. Sobre a memória trataremos mais à frente.

A possibilidade percebida por Comenius de se ensinar tudo a todos não se aplicava somente aos seus compatriotas, podia ser aplicado por qualquer sociedade civilizada, nisto consistia o seu ideal de ensino das línguas, um dos princípios fundamentais para se atingir os objetivos da *Didática Magna*. Para Comenius "a inteligência e as línguas procedem sempre paralelamente" (Apud KULESZA, 1992:90) o que tornaria mais feliz a comunicação entre os homens "se eles falassem sobre as mesmas coisas"(Ibdem).

Esta crença na possibilidade de uma língua comum aos homens, seduzia os pensadores que dedicavam-se à educação, a preocupação com a gramática era uma constante. Vico acreditava no vocabulário mental comum a todos os homens; Arnauld na *Gramática de Port-Royal* apresentava o seu manual como compêndio contendo os fundamentos da arte de falar e demonstrando o que é comum a todas as línguas, bem como naquilo que elas diferem.

Assim como a gramática é a arte de falar, segue-se então, a lógica que é a arte de pensar sobre as palavras que

querem exprimir o pensamento do homem diante do mundo. A *Lógica*, publicação posterior à *Gramática*, tem caráter de julgamento das idéias expressas pelas palavras buscando detectar a verdade e a falsidade das palavras.

A grande crítica feita por Vico aos manuais de Port-Royal estavam muito próximas daquelas feitas por Comenius ao ensino da sua época: o verbalismo.

A aplicação da análise crítica como ponto de partida no estudo das línguas acaba colaborando para o empobrecimento destas, retirando da linguagem a corporeidade. Para Vico isto era impossível e inadequado, porque o resultado da ação humana não pode ser classificado entre o que é verdadeiro e o que é falso, lembramos mais uma vez do verossímil, que para Vico algumas vezes era falso, mas muitas vezes era verdadeiro, a metáfora guarda dentro de si a verdade da palavra que com o tempo evoluiu.

Comenius apresenta uma posição semelhante em relação a aplicação do julgamento, ele deve ser exercitado mais tarde, quando houver condições adequadas para isso

«Ademais é necessário, se se quer ensinar ou inculcar a verdade, não começar pela refutação dos erros - porque o que está enraizado não se deixa estirpar facilmente e como se considera geralmente que a própria opinião é verdadeira, considera-se como inimigo da verdade àquele que se dispõe a refutá-la, passando-se em seguida a temê-lo e detestá-lo - é necessário, ao contrário, começar por confirmar, tanto quanto seja possível, as opiniões dos incrédulos, para delas extrair as idéias que levam à verdade e refutam os erros» (COMENIUS Apud KULESZA, 1992:113 - *Panorthosia*)

Trata-se de proceder primeiramente pelas coisas concretas para depois dedicar-se à lógica, à reflexão abstrata, é

preciso que o método seja adequado ao estágio de desenvolvimento da mente humana de acordo com as idades e faixas etárias. Esta foi a preocupação de Vico, suas idéias pedagógicas não receberam uma elaboração específica, como fizeram os jesuítas, Comenius e os senhores de Port-Royal. O livro de 1709 que apresenta um título sugestivo "O método dos estudos do nosso tempo", ao mesmo tempo que polemiza com os cartesianos, ele apresenta os procedimentos adequados ao método que deve respeitar a idade do estudante. Na *Ciência Nova* as idéias pedagógicas estavam ligadas ao comportamento das crianças, em meio aos estudos no campo da filologia, do direito e da história.

O mais importante a destacar em meio as essas idéias pedagógicas é a lucidez da finalidade da educação e a observação atenta do comportamento da criança. Colocando-se muito próximo dos novos rumos dados ao método pedagógico em consonância com os estágios de desenvolvimento da mente humana, ao mesmo tempo que permanece ligado a tradição privilegiando aquelas disciplinas que fazem parte das artes liberais, por ver nelas a base da formação do homem apto a vida social.

O pensamento pedagógico de Vico

Vico foi taxativo ao escolher trabalhar com a sabedoria poética e com o período da história que não possuía fontes documentais, esta escolha como já dizia Rossi foi uma opção consciente de trabalhar sobre aquilo que os modernos não tinham interesse, mas que era a base da sociedade moderna.

Coerente com esta escolha o seu trabalho no campo da pedagogia estava voltado para as crianças, uma vez que ele as via como sendo também muito próximas da infância do mundo.

Tomando o termo enciclopédia por aquele sentido inicial - o ciclo educativo - nas duas primeiras obras Vico apresenta a sua concepção dividida em três operações e três artes correspondentes. As três operações seriam: percepção, juízo e raciocínio; as três artes: tópica, crítica e método.

O método compreende três elementos: instrumentos, subsídios e fim (1709:173), caracterizando-se pela agilidade, utilidade e dignidade (1709:174). Pelas duas características percebemos a sintonia de Vico com os tempos modernos, o método deve ser eficiente, proporcionar um aprendizado seguro e completo, desde que seja respeitada cada idade do estudante.

O estudo deve privilegiar a capacidade de expressão do estudante, proporcionando-lhe condições de exercitar a sua faculdade criativa. Para isso o mestre deve ser eloquente, conseguindo imprimir na mente do estudante aquilo que está sendo tratado (1709:185).

A criança deve ser tratada como tal, é preciso que sejam respeitadas aquelas faculdades que durante a infância são mais fortes, capazes de colaborar com uma aprendizagem significativa, que depois nas idades futuras possam auxiliar na aquisição de novos conhecimentos que apresentam graus maiores de dificuldade para a sua assimilação.

Mais uma vez frisamos que a crítica feita por Vico era muito mais contra a ordem dos estudos do que propriamente uma

negação do valor do método analítico

«O inconveniente mais grave do método de estudos de hoje é que, nos consagramos cultivar com maior empenho as disciplinas naturais, não fazemos o mesmo com as ciências morais, e significativamente aquelas partes no que concerne a índole do ânimo humano e das suas paixões correlativamente à vida civil e à eloquência, as propriedades das virtudes e dos vícios, as boas e más artes, as características dos costumes adequados à idade, sexo, condição, fortuna, estirpe, nacionalidade de cada um, a "arte do decoro", que entre todas é a mais difícil...este método de estudos gera junto aos juvenzinhos, o duplo inconveniente de não fazê-los operar com prudência suficiente na vida civil e não dar a capacidade necessária para colorir um discurso com a pintura dos costumes, para infundir calor com a comoção dos afetos» (VICO, 1709:192).

Não se trata do desprezo aos modernos, mas de trabalhar inicialmente com aquilo que está mais próximo da criança - o juvenzinho. No procedimento tido como o mais adequado, Vico reforçará a importância dos clássicos, eles devem ter lugar junto aos modernos para um bom desenvolvimento dos estudos, porque é preciso que nos igualemos a eles em sabedoria e eloquência, uma vez que na ciência nós os superamos (1709:201).

O plano dos estudos deve compreender também a leitura dos clássicos, não se deve ter aquele preconceito tão comum entre os modernos de desprezar a erudição e a história. O homem só faz ciência quando sua mente encontra-se apta para isto, nas primeiras idades é necessário consolidar as bases para as atividades futuras do intelecto

«Portanto, no disciplinar as nossas leituras, tomemos como norma aquilo que ficou como o juízo dos séculos, e regulemos o nosso método de estudos, pondo como sob uma certa tutela. Vale dizer: leiamos antes de todos os outros,

os autores antigos, cujo crédito, cujo valor e cuja autoridade são coisas enfim consolidadas: esses mesmos pois nos serão a norma para completar a nossa seleção entre os modernos» (VICO, 1709:234)⁹.

Na *Autobiografia* Vico formulou de maneira definitiva as matérias próprias para a educação da criança, ele destaca como fundamental a memória, a fantasia e o engenho¹⁰. Ele considera como uma violência contra a natureza das crianças querer ensiná-las a lógica, desprestigiando assim aquilo que elas possuem de mais fértil nesta idade que é justamente a percepção e a imaginação.

Através do desenvolvimento do engenho as crianças são capazes de entender o mundo em que elas se encontram, e a partir dele prosseguir os estudos, procurando encontrar a verdade em suas ações e na maneira como se colocam em contato com a realidade - este mundo. Nesta idade a memória é vigorosíssima, elas apreendem o mundo e ainda enquanto a memória atua com toda força, elas são capazes de criar novas representações valendo-se da memória que auxilia na reavivação daquilo que foi percebido e conseguem discernir o que é verdadeiro e o que é falso, ou seja conseguem julgar aquilo que elas mesmas são capazes de fazer.

Não há nada mais prejudicial do que não respeitar

⁹- Quando Vico coloca os clássicos como consolidados, é óbvio que não se trata de todos os autores clássicos, e sim aqueles que se tornaram clássicos na acepção da palavra. Isso nos leva a refletir no esforço daqueles que hoje ocupam-se seriamente da educação e de maneira crítica refletem sobre o que é uma contribuição verdadeira e aquilo que é modismo em educação.

¹⁰- Lembrando aqui a influência da concepção de enciclopédia de Bacon: ciências da memória, ciências da fantasia e ciências da razão.

esta ordem natural da mente humana, porque pôde-se decorar as coisas novas que são apresentadas, porém não é possível ter nelas o significado completo, porque isto é atributo da memória que consegue realizar a reminiscência, e através do engenho essas coisas são relacionadas aos novos conhecimentos que vão sendo adquiridos na vida

«Hoje o método de estudar se vale de duas perniciosíssimas práticas. A primeira, que para crianças que apenas saíram da escola da gramática se abre a filosofia sobre a lógica que se diz "de Arnauld", toda repleta de severíssimos juízos sobre matérias recontidas, de ciências superiores e todas distantes do senso comum vulgar; com o que se vem a convellere nos juvenzinhos aqueles dotes da mente juvenil, os quais deveriam ser regulados e promovidos cada um por uma arte própria, como a memória com o estudo das línguas, a fantasia com a leitura dos poetas, históricos e oradores, o engenho com a geometria linear, que de certo modo é uma pintura que fortalece a memória com o grande número dos seus elementos, civiliza a fantasia com as suas delicadas figuras como com tantos desenhos descritos com sutilíssimas linhas» (VICO, 1725:17).

Neste ponto da *Autobiografia* aparece formulado aquilo que é adequado à criança e ao adolescente e o que deve ser ensinado na juventude. Portanto, a lógica, o raciocínio abstrato deve ser trabalhado a partir da juventude, quando os sentidos e a fantasia não são tão fortes como eram nas primeiras idades.

A memória faz parte da cultura barroca e teve grande importância para uma nova proposta de método de estudo. Os humanistas valorizavam o estudo apoiado na memória. Bruno foi um dos muitos adeptos da arte da memória. Bacon e Leibniz também encontram-se inseridos na valorização da memória como faculdade da mente. Porém, a memória diretamente aplicada para fins

didáticos foi trabalho dos jesuítas e influenciaram outros métodos da época, como foi o caso de Comenius (KULESZA, 1992:125).

Entre os jesuítas, merece ser destacado o padre Matteo Ricci que viveu entre os chineses e elaborou o seu trabalho através da exploração da memória. Vico não menciona o padre Matteo Ricci, porém sabemos que Vico estudou com os jesuítas e certamente assimilou a importância atribuída à memória.

O uso da memória está associado à fantasia e à tópica. A tópica para a tradição humanista, da qual Vico fazia parte, significava os lugares lógicos, sendo portanto objetos do raciocínio. Para Cícero a tópica corresponde a parte inventiva da lógica, enquanto que Vico fundiu tanto o sentido aristotélico quanto o ciceroniano e classificava a tópica com a arte do engenho.

A partir da memória, o engenho atua concomitantemente com a fantasia sobre os lugares lógicos dos conhecimentos passados e consegue através de imagens resgatar este conhecimento para a continuidade da atividade cognitiva.

Esta foi a maneira encontrada por Vico para ser aplicada nas relações de ensino e aprendizagem com as crianças, favorecendo a formação de imagens que permitam a apreensão segura do objeto conhecido, sendo que depois com o passar do tempo, ao se resgatar esta imagem, através dos detalhes da imagem será possível resgatar na mente o conhecimento passado¹¹.

¹¹- Não estamos falando de teoria da história, é importante frisar, estamos nos referindo ao conhecimento adquirido no passado.

O procedimento do padre Ricci é muito interessante para se compreender com detalhes a aplicação didática do emprego da memória

«Em 1596, Matteo Ricci ensinou os chineses a construir um palácio da memória. Disse-lhes que o tamanho do palácio dependia do tanto que quizessem recordar...A pessoa podia criar palácios modestos ou construir estruturas menos dramáticas, tais como o recinto de um templo, um conjunto de gabinetes oficiais, um albergue público ou uma tenda de mercadores...A resumir esse sistema mnemônico, ele explicou que esses palácios, pavilhões e divãs eram estruturas mentais que se mantinham na cabeça da pessoa» (SPENCER, 1986:19).

Este era o procedimento que deveria ser exercitado desde cedo com a criança, porque segundo Vico, nesta idade a memória é muito vigorosa, como a cera mole que é usada como molde na fundição de peças em ouro e prata. Assim também a memória vai sendo moldada pelo engenho e pela fantasia que, na infância favorece a imaginação para criar imagens muito significativas.

O recurso da memória foi utilizado por Vico logo no início da *Ciência Nova*, ele colocou estrategicamente uma gravura na "Idéia da obra", sendo na verdade a gravura a própria idéia da obra, pois ela contém todos os elementos que são tratados dentro da obra, nas suas palavras: "Idea dell'opera - Spiegazione della dipintirua propôsta al frontispizio che serve per l' introduzione dell' opera"¹², o sentido destas palavras são mais profundos do

¹²- Segundo a professora Denise Bottmann "spiegazione" traz consigo um núcleo interno que demanda o desenvolver do tempo histórico. "piega" significa dobra, "spiegazione" assume o sentido de desdobramento, o desenvolver no tempo. Lembrando ainda que para Deleuze a característica marcante do barroco é a dobra:

que as próprias palavras, o uso da palavra "spiegazione" e não "esplicazione", que seria o mais comum, ilustra o seu estilo, o italiano arcaico, próximo ao latim vulgar, que é por si o método de exposição da *Ciência Nova*, o texto e o autor têm coerência formal e argumentativa. "Proposta" não significa proposta (do verbo *proporre* - *propor*), mas a gravura colocada antes da obra.

A palavra explicação está associada à memória, porque significa desdobrar, nas dobras da memória está intacto o conhecimento, e Vico referiu-se à gravura da seguinte maneira

«Como fez Cebes tebano com as coisas morais, nós aqui damos a ver uma *tábua das coisas civis*, que sirva para o leitor conceber a idéia desta obra antes de lê-la, e para memorizá-la mais facilmente, com a ajuda que lhe forneça a fantasia, depois de tê-la lido» (VICO, 1744:85).

Este recurso era muito comum entre os séculos XVII e XVIII, entre outros autores que valeram-se das gravuras para ilustrar suas obras filosóficas poderíamos destacar Bacon e o *Novum organum* e Hobbes e o *Leviatã*.

O exercício de memorização proposto por Vico, é uma tentativa de favorecer a aprendizagem significativa, muito diferente de uma referência à memória como decoração.

A proposta de Vico estava inserida na ótica moderna do método, ele deve ser ágil e útil, proporcionando um aprendizado seguro em pouco tempo e que possa ser aplicado de maneira simultânea a muitos alunos.

Resta a avaliação deste método, o seu valor real.

"O barroco remete não a uma essência, mas sobretudo a uma função operatória, a um traço. Não pára de fazer dobras" (1991:13).

Certamente, estes procedimentos encontram-se classificados como próprios do ensino tradicional.

O valor da retórica e da eloquência são inestimáveis para Vico, fazem parte da sua proposta pedagógica. Porém, devemos levar em consideração a maneira como ele refere-se à aplicação destas duas disciplinas. No texto de Vico fica clara a maneira como devem ser trabalhadas estas disciplinas: favorecendo a construção de imagens próprias à infância. Não se trata do verbalismo, das palavras vazias e sem sentidos, a gramática deve favorecer a mente infantil em aprender as coisas do senso comum, dando-lhes forma pela imaginação, para depois na juventude estar preparada para elaborar os juízos de valores discernindo o verdadeiro do falso.

Assim também as outras disciplinas devem proceder da mesma maneira, privilegiando aquilo que é próprio à idade.

«Nas crianças é vigorosíssima a memória, então extremamente viva a fantasia, que outra coisa não é que a memória dilatada ou composta»
(VICO, 1744:198)

Não pretendemos fazer a apologia de formas de método do século XVII e XVIII, que hoje são classificadas de tradicionais, por outro lado a indagação é saber até que ponto e de que maneira estes métodos foram assimilados pelas gerações posteriores.

Certamente a mudança de sentido para a palavra método: de caminho para atalho, deve ser refletida, inclusive se realmente houve essa adulteração de sentido. A nova configuração das ciências modernas proporcionam ao aprendizado um tempo menor

do que aquele da via contemplativa da ciência anterior, pela nova ordenação das disciplinas a ciência assume a via ativa como único caminho seguro e verdadeiro do conhecimento. O abandono do modelo de ciência contemplativa torna o caminho mais curto.

Do que foi exposto e pelo objetivo proposto, tornou-se possível um entendimento, ainda que inicial, do redimensionamento do método pedagógico. A Reforma e a Contra-reforma, do ponto de vista religioso; o capitalismo nascente, como fator econômico; a re-urbanização da Europa, e as novas classes sociais, deram à educação uma nova dimensão, mantendo inalterado o sentido: formação do homem para a vida em sociedade.

A nova escola que surgiu configurou-se também na velha utopia de uma sociedade planetária, porém as marchas e contra-marchas da sociedade alteraram o suporte metodológico, e o que deveria ser o caminho mais curto adquiriu o sentido de "atalho", a simplicidade tornou-se simplificação.

É preciso reavaliar o trabalho feito pelos jesuítas, por Comenius, por Vico, pelos humanistas. Embora considerados como representantes dos primórdios do ensino tradicional da modernidade, muito daquilo que eles elaboraram não chegou até nós. Muitos elementos contidos nas suas propostas eram tão revolucionários como os desenvolvimentos experimentados pelos cartesianos.

Quando falamos de Vico, devemos ter presente a sua postura de olhar a infância. Ele, adulto, sempre defendeu o respeito que se deve ter com a natureza específica desta idade, pois que senão faremos destes juvenzinhos, pessoas que não sabem

do que aquele da via contemplativa da ciência anterior, pela nova ordenação das disciplinas a ciência assume a via ativa como único caminho seguro e verdadeiro do conhecimento. O abandono do modelo de ciência contemplativa torna o caminho mais curto.

Do que foi exposto e pelo objetivo proposto, tornou-se possível um entendimento, ainda que inicial, do redimensionamento do método pedagógico. A Reforma e a Contra-reforma, do ponto de vista religioso; o capitalismo nascente, como fator econômico; a re-urbanização da Europa, e as novas classes sociais, deram à educação uma nova dimensão, mantendo inalterado o sentido: formação do homem para a vida em sociedade.

A nova escola que surgiu configurou-se também na velha utopia de uma sociedade planetária, porém as marchas e contra-marchas da sociedade alteraram o suporte metodológico, e o que deveria ser o caminho mais curto adquiriu o sentido de "atalho", a simplicidade tornou-se simplificação.

É preciso reavaliar o trabalho feito pelos jesuítas, por Comenius, por Vico, pelos humanistas. Embora considerados como representantes dos primórdios do ensino tradicional da modernidade, muito daquilo que eles elaboraram não chegou até nós. Muitos elementos contidos nas suas propostas eram tão revolucionários como os desenvolvimentos experimentados pelos cartesianos.

Quando falamos de Vico, devemos ter presente a sua postura de olhar a infância. Ele, adulto, sempre defendeu o respeito que se deve ter com a natureza específica desta idade, pois que senão faremos destes juvenzinhos, pessoas que não sabem

outra coisa a não ser criticar, mas quando pedimo-lhes algo no lugar do que é criticado, eles simplesmente não têm criatividade para apresentar uma coisa nova, porque não foi desenvolvido no tempo certo a memória, o engenho e a imaginação

«Mas com tais lógicas, os juvenzinhos levados antes do tempo à crítica, que é o mesmo que dizer levados a bem julgar antes de bem aprender, contra o curso natural das idéias, que antes aprendem, depois julgam, finalmente raciocinam, essas lógicas tornam a juventude árida e seca no explicar e, sem fazer mais nada, querem julgar toda coisa» (VICO, 1725:17).

O fim dos estudos é sempre a verdade, podemos alcançá-la naquilo que fazemos. Hoje a proposta de Vico aplica-se também à natureza, que ele não preocupou-se em tratar, optando pelas coisas humanas, que no seu entender a partir de Descartes encontravam-se desprestigiadas e tinham também grande importância na vida dos estudos, tanto assim que ele acreditava que a sua ciência nova era tão exata quanto a geometria, porque ela fazia-se com coisas concretas e tinha da geometria o método

«Assim esta Ciência procede justamente como a geometria, que, enquanto sobre os seus elementos os constrói ou os contempla, essa mesma faz o mundo das grandezas; mas com tanto mais realidade [as coisas humanas] quanto mais temos as ordens sobre os feitos dos homens, que não são pontos, linhas superfícies e figuras» (VICO, 1744:245).

É preciso uma reflexão mais aprofundada sobre alguns elementos apresentados pelos pensadores humanistas, como a memória em especial. A memória se faz sobre aquilo que foi aprendido, e primeiro a mente humano opera pela percepção, a maneira de conhecer é através dos sentidos, porém, não se trata

da "tábula rasa" porque a linguagem funciona atribuindo significados de coisas já conhecidas

«É natureza das crianças que com idéias e nomes dos homens, mulheres, coisas que pela primeira vez conheceram, com essas idéias e com esses nomes aprendam e denominem todos os homens, mulheres e coisas que tenham com a primeira alguma semelhança ou relação» (VICO, 1744:197).

Eram observações simples, que ele fazia na convivência com os seus filhos, com os seus alunos, que mostram um Vico educador atento ao comportamento das crianças.

Um dos traços marcantes desses métodos da Idade Moderna, a importância da disciplina, inclusive em Comenius, e Vico não era diferente. Michel Foucault, em seus estudos ele fala das instituições de seqüestro, e por vezes acaba associando disciplina com autoritarismo, violência daquele que comanda com os comandados.

Assim outra característica atribuída ao ensino tradicional é o papel do professor, sendo ele o elemento principal do ato pedagógico. Como deveria ser essa situação no século XVIII ?

Provavelmente, assim como hoje, os excessos aconteciam, mas não se deve tomar o desvio pela regra. É muito importante este lado de Vico, um adulto que descobria a infância, um professor que observava o comportamento dos alunos e entendia o que deveria ser mais adequado para as três idades: infância, adolescência (os juvenzinhos de Vico) e juventude. Por isto, julgamos importante uma releitura de Vico, fervoroso defensor da disciplina, da ordem e da autoridade e, ao mesmo tempo um

cuidadoso observador das crianças. São peculiaridades, como esta, e também a valorização das humanidades ao mesmo tempo que aceita a ciência ativa, a admiração pela arte de bem falar e ao mesmo tempo averso ao verbalismo - a linguagem tem a sua riqueza nas figuras que ela é capaz de criar.

E justamente esta insistência em que a filosofia deve ser cultivada na juventude, e para as primeiras idades deve-se zelar pelo aprendizado da língua materna tornam-se um convite à leitura de sua obra.

Vico dizia que duas coisas o animava a escrever, mesmo que não fosse compreendido pelos concidadãos: o orgulho das nações e orgulho dos doutos. A *Ciência Nova* foi o esforço final no combate as pretensões de que haveria uma nação que em plena barbárie vivia nos moldes de uma sociedade civil e transferiu às demais nações a forma de vida civil, e também a pretensão dos doutos de querer que aquilo que eles sabem é tão antigo quanto o mundo.

Estas palavras reforçam a necessidade em estarmos atentos em refletir o que realmente é "inovação" em educação e o que é modismo, que como ele referia-se aos físicos cartesianos em *O método dos estudos*

«Os físicos modernos com aqueles que erigiram casas, que quanto a magnificiência e comodidade, não deixam nada a desejar: tanto que a esses não resta nada a fazer do que ou mudar de lugar o suntuoso mobiliário, ou introduzir, com pouca fadiga, pequenos ornamentos para adaptá-lo à moda do tempo» (VICO, 1709:183).

O pensar a escola de hoje exige conhecer o seu

nascimento, como ela foi gerada¹³, como foram concebidos os métodos pedagógicos modernos, como eles chegaram até nós. Nesta tarefa, lembramos mais uma vez, a releitura de Vico pode ser muito proveitosa, nos dedicamos a ela, no sentido de estudar uma época em que a cultura, a enciclopédia e o método passaram por mudanças significativas.

A solução dos problemas educacionais que nos são colocados devem ser refletidos de maneira crítica, para podermos encontrar as soluções adequadas à natureza do problema, o contrário será apenas trocar de moda, perpetuar o caminho curto da ciência ativa por atalhos cegos, simplificações que funcionam como paliativos e mascaram a realidade, nos colocando cada vez mais distantes da verdade sobre a formação do homem enquanto sujeito histórico.

Galileu dizia que para aprender a filosofia é preciso aprender a língua em que ela está escrita, Vico conseguiu entender a radicalidade desta afirmação, descobrindo que não existe sabedoria oculta, que a reflexão filosófica não é o fim dos estudos, mas o início da atividade crítica e para ser crítico é preciso aprender primeiro a língua materna, impregnada de metáforas, a sua história que revela os costumes humanos sobre os quais vai-se refletir criticamente.

¹³- Este era o método de Vico para o estudo das ciências humanas.

CONCLUSÃO

Portanto é preciso aprender a língua.

A importância da língua materna é latente e marca o início dos estudos, ela é um pré-requisito para as atividades mais complexas da mente humana que exijam um grau maior de abstração. Esta língua materna, já tivemos oportunidade de nos referirmos à ela no capítulo anterior, é repleta de figuras de linguagem, a metáfora, como já dizia o professor Antônio Cândido, ela permeia o discurso, sem que muitas vezes nos demos conta deste fato.

Aprender implica primeiramente apreender esta língua para depois aprender a filosofia, esta língua é uma construção coletiva sobre a qual encontra-se fundada a filosofia e a ciência. Esta exigência do domínio da língua materna para a iniciação filosófica encontra-se presente hoje na preocupação dos professores de filosofia do segundo grau¹

¹- Lembramos mais uma vez que, infelizmente a disciplina filosofia é facultativa às escolas de segundo grau; alguns estudos recentes revelam que apesar de poucas escolas terem

«A filosofia deve criar no aluno espírito metódico. Com método, ele instruir-se-á em como relacionar, distinguir e compreender contradições nos fatos percrustados da realidade, bem como aprenderá estabelecer parâmetros, realizando, assim, o significado etimológico da palavra grega Krinen: criticar, que é distinguir o que há de característico e constitutivo nas coisas» (NIELSEN NETO, 1986:48).

Como dizíamos no início desta dissertação não temos a pretensão de transportar mecanicamente o pensamento do passado para o presente, seria incorrer em um anacronismo. Porém partilhamos da afirmação de Gueroult sobre o real significado da importância do pensamento passado para a reflexão presente.

Como pudemos perceber não só Vico, mas também os outros modernos ocuparam-se do estudo da linguagem, porque ela é a porta de entrada para a reflexão filosófica. Para filosofar é necessário o conhecimento da língua, e também o conhecimento da história, da maneira como esta língua foi gerada e as transformações que ela sofreu para chegar até nós.

Para aprender a língua é necessário apreender o sentido do cotidiano, aprender não através das regras da gramática estruturalista, mas de maneira significativa dominando

reimplantado a filosofia, em muitos casos o trabalho desenvolvido com os alunos restringe-se ao espontaneísmo e a "filosofia de vida". A este respeito destacamos a contribuição deixada pelos professores de filosofia que participaram dos dois primeiros encontros de professores de filosofia organizados em torno da AFESP (Associação Filosófica do Estado de São Paulo) e SEAAE SP (Núcleo Regional da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas), realizados em Santos/SP, nos anos de 1985 e 1986. Lembramos ainda que participaram dessas discussões entre outros, os professores Antonio Carlos Bergo, Ezequiel Teodoro da Silva, Hermas Gonçalves Arana, José Luis Sanfelice e Silvio Gamboa, membros do Depto de Filosofia e História da Educação desta FE.

o sentido das representações. Deve-se partir da fala cotidiana para se chegar à norma culta, à linguagem científica e ao discurso filosófico, expressão da verdade possível.

«E o ensino da filosofia pressupõe que o aluno saiba, no mínimo, a estrutura sintática da língua, sem o que não entenderá o que leu. Não distinguir, num período, qual a oração principal e qual a coordenada é o grau zero para a compreensão. O professor de língua que, a pretexto de ser "moderno", descarta do ensino da sintaxe, provavelmente criará dificuldades para o ensino de filosofia. Se, nessas circunstâncias, o professor de filosofia insistir em ministrá-las, além de ter seu trabalho redobrado, dificilmente alcançará os resultados pretendidos, e todo o seu esforço será inútil, e ainda, terá contra si, provavelmente, a maioria dos alunos e professores de sua escola» (NIELSEN NETO, 1986:49).

As dificuldades para o ensino de filosofia no segundo grau são muitas, assim como para todo o sistema de ensino brasileiro, são problemas conjunturais, que muitas vezes acabamos tomando os efeitos pelas causas.

Acreditamos que as reflexões feitas por Vico no campo da filologia possam colaborar para a continuidade do trabalho de reflexão sobre o sistema de ensino brasileiro, na busca de alternativas para a solução dos problemas, através do repensar os métodos, programas e conteúdos, em busca de uma forma de educação autêntica e adequada à realidade brasileira, promovendo a educação cidadã de que tanto carecemos ainda.

BIBLIOGRAFIA

I - Obras de Giambattista VICO

a) Edições italianas

- 001- Il metodo degli studi del tempo nostro (1709). Tradução e notas de Fausto Nicolini. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi, 1953.
- 002- Dell'Antichissima sapienza italica (1710). Tradução e notas de Fausto Nicolini. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi, 1953.
- 003- Autobiografia (1725). Tradução e notas de Fausto Nicolini. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi, 1953.
- 004- Del Carteggio (1720 - 1740). Tradução e notas de Fausto Nicolini. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi, 1953.
- 005- Principi di scienza nuova (1744). Tradução e notas de Paolo Rossi. 3.ed. Milão: Rizzoli, 1988.

b) edições francesas

- 006- Principes de la philosophie de l'histoire. Tradução e introdução de Jules Michelet. Paris: Armand Colin, 1963.
- 007- Principes d'une science nouvelle. Tradução de Ariel Doubine. Paris: Nagel, 1953.

c) edição inglesa

- 008- The new science of Giambattista Vico. Tradução e introdução de T. G. Bergin e M. H. Fisch. Garden City: Anchor Books, 1961.

d) edição brasileira (tradução parcial)

- 009- Princípios de uma ciência nova. Tradução e notas de Antonio Lázaro de Almeida Prado. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

II - Obras sobre Giambattista VICO

- 010- APEL, K. O. L'idea di lingua nella tradizione dell'umanesimo da Dante a Vico. Bolonha: Il Mulino, 1975.
- 011- BERLIN, Isaiah. Vico e Herder. Tradução de Juan A. Gilli Sobrinho. Brasília: Unb, 1982.
- 012- COLLINGWOOD, R.G. Anticartesianismo: a) Vico. In: A idéia de história. Tradução de Alberto Freire. Lisboa: Editorial Presença. s/d.
- 013- CROCE, Benedetto. La filosofia di G. B. Vico. 4.ed. Bari: Laterza, 1980.
- 014- FUBINI, Mario. Stile e umanità di Giambattista Vico. 2.ed. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi, 1965.
- 015- GUEROULT, Martial. Vico: le reversement du refus cartésien en Italie. Prélude à une philosophie de l'histoire des idées. In: Histoire de l'histoire de la philosophie. Paris: Aubier Montaigne, 1984.
- 016- HORKHEIMER, Max. Vico e a mitologia. In: Origens da filosofia burguesa da história. Tradução de Maria Margarida Morgado. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- 017- MONDOLFO, Rodolfo. Il "verum-factum" prima di Vico. Nápoles: Guida, 1969.
- 018- MOONEY, Michael. Vico in the tradition of rhetoric. Princeton: Princeton University Press, 1985.
- 019- NICOLINI, Fausto. Commento storico alla seconda scienza nuova. Roma: Edizione di storia e letteratura, 1950.

- 020- PACI, Enzo. Barbarie e civiltà. In: Il senso delle parole. Milão: Bompiani, 1987.
- 021- ---. Ingens sylva, sagio sulla filosofia di G.B.Vico. Milão: Arnoldo Mondadori, 1949.
- 022- POMPA, Leon. Vico a study of the "New Science". Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- 023- ---. Selected writings. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- 024- ROSSI, Paolo. Le sterminate antichità, studi viquiani. Pisa: Nistri-Lischi, 1969.
- 025- ---. Os sinais dos tempos, história da terra e história das nações de Hooke a Vico. Tradução de Julia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- 026- SIMON, Lawrence Hugh. The problem of historical knowledge: epistemology in the "New Science" of Giambattista Vico. Boston, Boston University Graduate Scholl, 1980.

III- Artigos de revistas sobre Giambattista VICO

- 027- BERGER, Lienhard. La scienza nuova de Vico et le probleme de la décadence. In: Arquives de Philosophie. Paris: Editions Beauchesne, Tomo 40, 1977. p. 177-201.
- 028- BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia, uma leitura de Vico. In: Discurso. São Paulo: FFLCH/USP, Ano 3, Nº03, 1972. p. 155-173.
- 029- CAPONIGRI, A. Robert. Humanité et civilité, l' idée de l' education civile chez J. B. Vico. In: Arquives de Philosophie. Paris: Editions Beauchesne, Tomo 40, 1977. p. 67-85.
- 030- CAMELLA, Santino. La logique poétique dans la pensée de G. B. Vico et ses contemporains. In: Arquives de Philosophie. Paris: Editions beauchesne, Tomo 40, 1977. p. 251-266.
- 031- CAVALCANTE, P. Teixeira. O pensamento filosófico-histórico de J.B. Vico. In: Presenca Filosófica. São Paulo: nº 8, 1982. p. 102-113.

- 032- CHAUIX-RUY, Jules. Vico et le historicisme. In: Arquive de Philosophie. Paris: Editions Beauchesne, tomo 40, 1977. p. 41-66.
- 033- CESAR, Constança Marcondes. Introdução ao estudo filosófico do herói e da consciência heróica na obra de Giambattista Vico. In: Revista da Universidade Católica de Campinas. Campinas: 15(34), dezembro/1971. p. 27-36.
- 034- ---. Sobre o problema da origem da linguagem. In: Revista Brasileira de Filosofia. São Paulo: Vol. XIX, nº 76. p. 484-489.
- 035- FESTINI, Heda. Giambattista Vico et le probleme du temps. In: Arquives de Philosophie. Paris: Editions Beauchesne, Tomo 40, 1977. p. 215-228.
- 036- GALEFFI, M. L. Magnavita. A crítica de Vico à "poética" de Aristóteles. In: Presença Filosófica. São Paulo: nº8, 1982. p. 97-101.
- 037- MATHIEU, Vittorio. La storicità del vero, da Vico al romanticismo. In: Studium. Roma: jul./ago. 1990, Vol. 86. p. 543-552.
- 038- MELLO E SOUZA, Antonio Candido. O estudo analítico do poema. In: Terceira Leitura. São Paulo: FFLCH/USP, Nº02, 1967(?). p. 75-110.
- 039- MOONEY, Michael. The primacy of language in Vico. In: Social Research. New York: Nº03, 1976, Vol. 43. p. 581-600.
- 040- NISBET, Robert. Vico and the idea of progress. In: Social Research. New York: Nº03, 1976, Vol. 43. p. 625-637.
- 041- OTTO, Stephan. Interprétation transcendente de l'axiome "verum et factum convertuntur". In: Arquives de Philosophie. Paris: Editions Beauchesne, Tomo 40, 1977. p. 13-39.
- 042- PERKINSON, H. J. Vico and the methods of study of our time. In: Social Research. New York: Nº03, 1976, Vol. 43. p. 753-767.
- 043- POMPA, L. Human nature and the concept of a human science. In: Social Research. New York: Nº03, 1976, Vol. 43. p. 434-449.
- 044- REALE, Miguel. Giambattista Vico, a jurisprudência e a descoberta do mundo da cultura. In: Revista Brasileira de Filosofia. São Paulo: Vol. I, fasc. 04, out./dez. 1951. p. 408-427.

- 045- SHIBLES, W. Vico e a primazia da lingüística. In: Revista Brasileira de Filosofia. São Paulo: Vol. XXVI, fasc. 101, 1977. p. 76-93.
- 046- TAGLIACOZZO, G. General education as unity of knowledge: a theory based on vichian principles. In: Social Research. New York: Nº03, 1976, Vol. 43. p. 768-806.
- 047- USCATESCU, G. Actualité et perennité de Vico. In: Arquivos de Philosophie. Paris: Ed. Beauchesne, Tomo 40, 1977. p. 115-126.

IV- Obras de fundamentação teórica

- 048- ALBUQUERQUE, Antonio Luiz P. A filosofia política de Antonio Suarez. In: Revista Reflexão. Campinas: Instituto de Filosofia/PUCCAMP. Ano XII, Nº39, set./dez. 1987. p. 80-88.
- 049- ARANA, Hermas Gonçalves. A questão do método em Descartes. Campinas: mimeog., 1978.
- 050- ARENDT, Hannah. A condição humana. Tradução de Roberto Raposo. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- 051- ARNAULD, Antoine e NICOLE, Pierre. La logique ou l'art de penser. Paris: J. Vrin, 1981.
- 052- ARNAULD, Antoine e LANCELOT, C. A gramática de Port-Royal. Tradução e notas de Bruno Fregni e Henrique B. Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- 053- BAKHTIN, Mickhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 3.ed. Tradução M. Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- 054- BASTOS, Fernando J: de M. Panorama das idéias estéticas no Ocidente, do Reascimento a Kant. Brasília, UnB, 1986.
- 055- BOBBIO, Norberto. As teorias das formas de governo. 5.ed. Tradução de Sérgio Bath. Brasília, UnB, 1988.
- 056- BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Edusp, 1977.
- 057- BURCKHARDT, Jacob. A cultura do Renascimento na Itália, um ensaio. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- 058- CASINI, Paolo. As filosofias da natureza. Tradução de Ana F. Bastos e Luis Leitão. Lisboa/São Paulo: Presença/Martins Fontes, 1979.

- 059- CASSIRER, Ernest. Individuo e cosmo nella filosofia del Rinascimento. Tradução de F. Federici. Florença, La Nuova Italia, 1950.
- 060- CHAUI, Marilena de Souza. O discurso more geométrico. In: A nervura do real. São Paulo: USP, tese de livre docência, s/d.
- 061- ---. Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- 062- ---. Filosofia moderna. In: Primeira filosofia. Marilena Chauí et alii. 7.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- 063- DELEUZE, Giles. A dobra, Leibniz e o barroco. Tradução de Luis B. L. Orlandi. Campinas: Papirus, 1991.
- 064- DESCARTES, René. Discurso do método. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo, Nova Cultural, 1987.
- 065- ---. Meditações sobre a filosofia primeira. Tradução de Gustavo de Fraga. Coimbra, Livraria Almedina, 1988.
- 066- ---. Regras para a direcção do espírito. Tradução de Antonio Reis. Lisboa: Estampa, 1971.
- 067- ESPINOSA, B. Traité de la réforme de l'entendement. Tradução, introdução e notas de Alexandre Koyré. Paris: J. Vrin, 1984.
- 068- FORMIGARI, Lia. O mundo depois de Copérnico. Lisboa: Edições 70, 1984.
- 069- ---. Il settecento in Italia. In: Storia della filosofia. Roma: Editori Riuniti, 1984.
- 070- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas. 5.ed. Tradução de Salma T. Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- 071- FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas, o "Ratio Studiorum". Rio de Janeiro: Agir, 1952.
- 072- GALILEU, Galilei. O ensaiador. Tradução de Helda Barrco et alii. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- 073- GARDINER, Patrick. Teorias da história. 3.ed. Tradução de Vítor Matos e Sá. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1984.
- 074- GARIN, Eugenio. Storia della filosofia italiana. 3.ed. Torino, Giulio Einaudi, 1978.

- 075- GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. 6.ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- 076- GUEROULT, Martial. Le probleme de la legitimite de l'histoire de la philosophie. In: La philosophie de l'histoire de la philosophie. Paris: Aubier Montaigne, 1984.
- 077- HABERMAS, Jürgen. O discurso filosófico da modernidade. Tradução de Ana Mª Bernardo et alii. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.
- 078- HAMILTON, David. Comenius e a nova ordem mundial. Tradução de Humberto Guido e Mariano Narodowski. No prelo Proposições. Campinas: FE/UNICAMP, 1992.
- 079- HAZARD, Paul. O pensamento europeu do século XVIII. Lisboa: Editorial Presença, 1983.
- 080- HELLER, Agnes. O homem do Renascimento. Lisboa: Editorial Presença, 1982.
- 081- HERDER. Une autre philosophie de l'histoire. Tradução de Max Rouché. Paris: Aubier Montaigne, 1964.
- 082- JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. 2.ed. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/UnB, 1989.
- 083- JAY, Martin. La imaginacion dialetica. Tradução de Juan C. Curutchet. Madri: Taurus Ediciones, 1974.
- 084- KOYRÉ, Alexandre. Do mundo fechado ao universo infinito. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Universitária/Edusp, 1979.
- 085- KULESZA, Wojciech A. Comenius a persistência da utopia em educação. Campinas Editora da Unicamp, 1992.
- 086- LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- 087- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Sobre alguns aspectos da relação entre fé e saber no século XVII. In: Discurso. São Paulo: FFLCH/USP, s/d. p. 133-145.
- 088- LIMA, Luiz C. O controle do imaginário, razão e imaginação no ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- 089- MAFFESOLI, Michel. O conhecimento comum. Tradução de Aluizio R. Trinta. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- 090- MANNHEIM, Karl. Ideologia e utopia. 2.ed. Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

- 091- MARCIALIS, Ma Teresa. "Species", percezioni e idee tra sei e settecento. In: Rivista di storia della filosofia. Milão: N204, 1989. p.647-676.
- 092- MARCONDES, Danilo. Filosofia, linguagem e comunicação. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- 093- MARX, Karl. O capital. 10.ed. Tradução de Reginaldo de Sant'Anna. São Paulo: Difel, 1985. (Livro 1, Vol. I).
- 094- MONDOLFO, R. Necessidade e contingência no desenvolvimento histórico da filosofia. In: Problemas e métodos de investigação na história da filosofia. 3.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- 095- MOOG, Ligia Costa. A segunda escolástica portuguesa - Francisco Suarez e a Ratio Studiorum. In: Revista Reflexão. Campinas: PUCCAMP, Ano XIV, N2 40, jan./abr. 1988. p.78-97.
- 096- MOURA, Carlos A. R. de. História stultitiae e história sapientiae. In: Discurso. São Paulo: FFLCH/USP, s/d. p. 151-171.
- 097- NARODOWSKI, Mariano. Infância e poder, a conformação da pedagogia moderna. Campinas: UNICAMP, tese de dout. 1993.
- 098- NIELSEN NETO, Henrique. Prolegômenos à destruição do ensino no Brasil. In: O ensino de filosofia no segundo grau. org. por Henrique Nielsen Neto. São Paulo: Sofia Editora, 1986. p.19-65.
- 099- NISBET, Robert. História da idéia de progresso. Tradução de Leopoldo José Collor Jobim. Brasília: UnB, 1985.
- 100- ORTEGA Y GASSET, José. Em torno a Galileu. Tradução de Luiz Felipe A. Esteves. Petrópolis, Vozes, 1989.
- 101- ROSSI, Paolo. Os filósofos e as máquinas. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- 102- SPENCER, Jonathan D. O palácio da memória de Matteo Ricci. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- 103- SCHWARTZ, Joseph. O momento criativo: mito e alienação na ciência moderna. Tradução de Thelma M. Nóbrega. São Paulo: Best Seller, 1992.
- 104- SIMON, Josef. Filosofia da linguagem. Lisboa: Edições 70, 1990.
- 105- TOULMIN, S. e GOODFIELD, J. El descubrimiento del tiempo. Tradução de Néstor Miguez. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

V- Obras de referência

- 106- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 2.ed. tradução revisada e coordenada por Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- 107- ---. Vico. In: História da filosofia. Lisboa: Editorial Presença, 1969 - Vol. VII. p. 45-73.
- 108- AMERIO, F. Vico. In: Enciclopedia filosofica. Veneza/Roma: Istituto per la Collaborazione Culturale, 1957. Vol.III. p. 1572-1588.
- 109- BREHIER, Émile. Jean-Baptiste Vico: sa philosophie de l'histoire. In: Histoire de la philosophie. Paris: PUF, 1950. Tomo 2. p. 366-372.
- 110- CRETELLA Jr, José. Vico e o Iluminismo Italiano. In: Novíssima história da filosofia. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. p. 180-183.
- 111- FONTANA, Dino F. Vico e o Iluminismo Italiano. In: História da filosofia, psicologia e lógica. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1969. p. 133-136.
- 112- GILES, Thomas R. Vico. In: Introdução à filosofia. São Paulo: EPU/Edusp, 1979. p. 212-214.
- 113- SCIACCA, M. F. O historicismo de G. B. Vico. In: História da filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1968. Vol II. p. 115-124.